



Universidade de Aveiro
2014

Departamento de Educação

Agné
Jasiukonytė

Ser criança imigrante:
(Re)construção da identidade e da cidadania

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências de Educação – Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira, Professora auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

O júri

Presidente

Professora Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves, Professora Auxiliar,
Universidade de Aveiro

Vogal - Arguente Principal: Professor(a) Doutor(a) Fernando Ilídio da Silva
Ferreira, Professor Associado, Universidade do Minho

Vogal - Orientador: Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro
Madeira, Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

agradecimentos

À minha orientadora, Rosa Madeira, por me ter acolhido e apoiado, por ter sido extremamente compreensiva e inspiradora, que me sempre motiva.

À minha família: à minha mãe por apoio incondicional e ao Nuno por todo o apoio e motivação.

Às todas as famílias imigrantes que fizeram parte neste projeto.

palavras-chave

Imigração, imigração em Portugal e na Europa, imigração e globalização, identidade, socialização, aculturação, aquisição da língua, integração, crianças imigrantes e escola.

resumo

Este projeto teve como objetivo aumentar as oportunidades de participação das crianças imigrantes na dinâmica de desenvolvimento da iniciativa Cidade Amiga das Crianças no Município de Aveiro. Para tal procuramos compreender o fenómeno da imigração, a partir do ponto de vista das próprias crianças. Através da escuta da experiência de imigração e de integração familiar, social e escolar de cinco crianças oriundas de países de Leste da Europa, residentes em Aveiro, procuramos identificar as problemáticas mais relevantes a considerar na discussão sobre as suas circunstâncias e condições de integração na Cidade. Os dados foram recolhidos através de entrevistas às crianças e respetivas mães. Na devolução e discussão dos resultados com as crianças entrevistadas, surgiu a proposta de criação de uma rede de apoio social informal entre as crianças nas mesmas circunstâncias, que estivesse acessível nas escolas, desde o momento da sua inserção. Esta proposta permitiu abrir um canal de comunicação entre as crianças deste grupo minoritário e outro grupo que tem vindo a desenvolver o Portal da Criança, como espaço de voz das crianças na Cidade, e como meio de sensibilizar e organizar a população infantil para a implementação dos direitos instituídos pela Convenção dos Direitos da Criança, com a participação e protagonismo das próprias crianças.

keywords

Immigration, Immigration in Portugal and in Europe, Immigration and Globalization, Identity, Socialization, Acculturation, Language acquisition, Integration, Immigrant Children and School.

abstract

This project aimed to increase opportunities for participation of immigrant children in the dynamic development initiated by the Children's Friendly City in the city of Aveiro. Like that we seek to understand the phenomenon of immigration, from the point of view of the children. Through the listening to the experiences of immigration and integration in the family, social environment and school of five children from the Eastern Europe countries, who live in Aveiro, we seek to identify the most relevant issues to consider in the discussion of the circumstances and conditions of their integration in the City. Data were collected through interviews with children and respective mothers. In return and discuss of the results with the interviewed children, was proposed a creation of an informal network for social support among children in the same circumstances, who were accessible in schools, from the moment of their insertion arose. This proposal allowed to open a channel of communication between the children of this minority group and another group that has been developing the Portal of the Child, as a space for young voices in the City, and as a means of raising awareness and organizing the child population for the implementation of duties imposed by the Convention on the Rights of the Child, with the participation and role of children.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	3
ENQUADRAMENTO TEORICO	3
1 - A Imigração Como Fenómeno Social e Como Experiencia	4
1.1 A Imigração na Europa	4
1.2 A Imigração em Portugal	6
1.3 Imigração, Globalização e Aculturação	8
2 – As Questões Identitárias no Contexto da Imigração	11
2.1 Identidade e Globalização	11
2.2 Identidade Étnica e Imigração	13
3 – Infância e Imigração.....	13
3.1 A socialização e as Relações Intergeracionais.....	13
3.2 Imigração e relações intergeracionais	15
3.3 A Identidade Construída na Interação	17
3.4 A Identidade Étnica como fator de proteção.....	18
4– A Escola Como Contexto de Interação e Realização	19
4.1 As circunstâncias de encontro entre culturas de origem e escolar.....	19
4.2 A Língua Como Meio de Comunicação e Expressão da Identidade	20
4.3 O Desafio da Aquisição da Língua do País de Acolhimento.....	23
CAPÍTULO II.....	26
ESCOLHAS METODOLÓGICAS	26
1 - Escolhas Metodologicas.....	27
1.1 Referentes Teórico-metodológicos	27
1.2 Justificação do trabalho	28
1.3 A Constituição do grupo participante como sujeitos da investigação	31
2 - O Processo de Investigação	32
2.1 Fontes e Processos de Recolha dos Dados.....	32
2.2 O Percorso de Produção do Conhecimento	35
CAPITULO III	39
ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	39

1 – As Circunstancias de Ser Criança e Imigrante em Aveiro	40
1.1 Uma Aproximação das Histórias das Famílias Imigrantes	40
1.2 A Experiencia de Imigração revisitada pelas Mães	40
1.3 A Decisão de Imigrar para Portugal	40
1.4 A Vida Antes de Depois de Imigrar.....	42
1.5 A Importância da Imigração: na vida das mães e na vida das crianças	45
1.6 Planos das Mães em Relação ao Futuro.....	47
1.7 A Visão das Mães: Como Horizonte de Possibilidade das crianças	48
2 - A Experiencia de Imigração Vivida e Lembrada pelas Crianças	49
2.1 Entre a Partida Decidida pelos Pais e Vinda para Portugal	50
2.2 O Envolvimento na Decisão de Partida e o Encontro com o Desconhecido	50
2.3 A Escola Vivida Como Lugar de Aprendizagem e de Socialização.....	52
2.4 Entre o Sentimento de Pertença Nacional e Inclusão Social	55
2.4.1 Entre Amigos, a Família e a Comunidade de Origem	56
3 - A Distância Entre Ser Imigrante e Ser e Tornar-se Criança entre Lugares	58
CAPÍTULO IV	61
AS CRIANÇAS DAS FAMÍLIAS IMIGRANTES ENQUANTO CIDADÃS	61
1 – Ao Encontro de um Outro Lugar Conquistado pelas Crianças	62
2 - Justificação do Projeto	62
3 - “ Ser criança imigrante: experiência e resolução de problemas”	65
REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
BIBLIOGRAFIA	70
ANEXO 1	73
ANEXO 2.....	91
ANEXO 3.....	115
ANEXO 4.....	115
ANEXO 5.....	119
ANEXO 6.....	125
ANEXO 7.....	131
ANEXO 8.....	132

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1. Nacionalidades mais representativas em Portugal	8
Figura 2. Sexo dos Inquiridos.....	31
Figura 3. Idade dos Inquiridos.....	31
Figura 4. País de Origem dos Inquiridos	32

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1. Dimensões de análise das entrevistas às mães das crianças	37
Quadro 2. Dimensões de análise das entrevistas às crianças imigrantes.....	37
Quadro 3. Sistema das categorias das entrevistas às mães das crianças imigrantes.....	37
Quadro 4. Sistema das categorias das entrevistas às crianças imigrantes	38
Quadro 5. Caracterização das crianças imigrantes	49

INTRODUÇÃO

A migração é um fenómeno global, que não é novo. Há séculos que os seres humanos têm imigrado para outros lugares, outras regiões e outros países para melhorar as suas condições de vida. A integração dos imigrantes, a igualdade social, a assimilação cultural são algumas das questões que têm vindo a ser investigadas ao longo do tempo.

Atualmente a crescente migração no espaço global, assume características novas que interessa analisar. A população migrante não se integra e é integrada pelas sociedades de acolhimento apenas na condição de trabalhadores. Os imigrantes são habitantes das cidades, são famílias, muitas vezes também constituídas por crianças e jovens, que utilizam os serviços públicos, tais como escolas, hospitais, apoios sociais entre outros.

Em Portugal assiste-se a uma mudança tanto ao nível da nacionalidade quanto da composição etária da população migrante. O número das crianças imigrantes que transita nas ruas, reside nos bairros e na Cidade e frequenta as escolas, tem aumentado o que justifica uma maior preocupação com a melhoria das suas condições de bem-estar, de integração e de participação no país e sociedades de acolhimento. Neste contexto torna-se importante que o conhecimento sobre a infância, atenda as circunstâncias específicas de inserção social das crianças das famílias que imigram.

Considerando que as crianças que sobreviveram ao processo da imigração, são quem melhor pode responder “o que é ser uma criança imigrante?”, este trabalho terá como objetivo escutar e dar voz a um grupo de crianças imigrantes dos países de Leste que vivem em Portugal e neste caso, em Aveiro.

A escuta destas crianças terá como objetivos (i) saber o que significa para elas, sair do seu país de origem, deixar os lugares conhecidos e os ambientes que lhes são próximos, aprender a viver entre culturas e línguas diferentes, lidar com as mudanças e as novas experiências e responder as exigências de adaptação (ii) dar voz as suas propostas sobre como melhorar as suas condições de vida no dia-a-dia e no acesso às oportunidades criadas para todas as crianças do seu novo meio de inserção (iii) discutir as condições de participação destas crianças na dinâmica da Cidade Amiga das Crianças, que pretende a implementação local da Convenção dos Direitos da Criança, tendo em especial atenção o princípio da não-discriminação.

Para cumprir estes objetivos começaremos por abordar, no primeiro capítulo, o fenómeno da imigração em Portugal, e especialmente o caso dos imigrantes dos países do Leste

Europeu, com atenção à situação das Crianças. No segundo capítulo será apresentada a justificação da metodologia da investigação. No terceiro capítulo será apresentada a apresentação e interpretação dos dados. No quarto capítulo retoma-se a discussão do problema tendo em conta as dimensões que consideramos mais importantes para enquadrar as propostas das crianças bem como a perspetiva que foi explorada para tornar consequente a sua participação na investigação, com vista a inclusão deste grupo que representa uma das minorias sociais locais, na dinâmica da Cidade Amiga das Crianças.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEORICO

1 - A Imigração Como Fenómeno Social e Como Experiência

A imigração é um fenómeno de grande importância económica, social e política. Trata-se de uma resposta natural e previsível para as diferenças de recursos e de empregos, de crescimento demográfico, da insegurança financeira, assim como à exploração e desrespeito dos direitos humanos nos países de origem dos imigrantes.

Existem várias definições de imigração. Para Hernandez, Denton e Macartney (2007: 9), a imigração “ é o movimento de pessoas de um país para outro com o objetivo de alterar permanentemente o seu local de residência.”. Ao chegar à nova sociedade os imigrantes enfrentam múltiplos desafios na aculturação.

Segundo Lansford, Deater-Deckard e Bornstein (2007), para analisar a imigração ao nível individual, e mais especificamente a relação entre imigração e aculturação, temos que considerar componentes afetivos, comportamentais e cognitivos, bem como questões relacionadas com a saúde e fatores económicos ou interesses, que mudam ao longo do tempo.

Para compreender o impacto a nível do agregado familiar, é necessário o contributo de várias disciplinas científicas tais como a demografia, a sociologia, a economia mas também a medicina, além do conhecimento dos serviços públicos, educativos e sociais, e dos sistemas jurídicos das sociedades, de destino e de acolhimento.

Por ser uma das experiências individuais mais desorganizadas, a migração provoca mudanças profundas de identidade social e autoimagem dos sujeitos. Os imigrantes devem aprender a mover-se em diferentes sistemas, o que requer a aquisição de novos conhecimentos, tais como viver numa nova sociedade, lidar com as diferenças culturais, usar a língua e enfrentar a descontinuidade dos papéis familiares que lhe são conhecidos. Para comunicar de forma eficaz nas suas novas comunidades precisa lidar com diferentes formas de falar, ouvir, ler e escrever.

Todas estas mudanças têm um impacto especial sobre as crianças das famílias imigrantes, ou seja as crianças que moram com pelo menos um dos pais imigrantes, ou seja, que não nasceu no país de acolhimento (cf. UNICEF, 2009).

1.1 A Imigração na Europa

Atualmente a Europa é uma sociedade multicultural, multiétnica e multirracial, mas esta imagem foi sendo construída ao longo do tempo, devido as migrações de pessoas de outros países.

De acordo com G. Lahaw (2004: 29 – 31), a diversidade da população imigrante na Europa desenvolveu-se em três fases, na sequência da Segunda Guerra Mundial.

O período pós guerra constituiu a primeira fase, na qual muitos países da Europa Ocidental viram a imigração como uma possibilidade da sua reconstrução e crescimento, depois da devastação da guerra. A necessidade de reconstrução e modernização levou muitos países a recrutar ativamente trabalhadores estrangeiros e adotar uma política da imigração de tipo do *laissez faire*¹. Neste período havia muitos imigrantes das ex-colónias.

Segundo a mesma autora, a segunda fase emergiu durante os anos 70, quando a crise económica e social que atingiu a maioria dos países da Europa Ocidental e tornou a imigração em escala larga impossível, devido ao nível alto do desemprego e o grande afluxo da população estrangeira. Foi nesta fase que a imigração passou a merecer a intervenção nos governos que promoveram a diminuição da imigração no mercado e a ascensão da repatriação.

Com a estagnação económica da maior parte dos países europeus nos anos 80, os trabalhadores migrantes tornaram-se residentes permanentes. Desde então as questões da imigração que tradicionalmente eram só económicas e demográficas, transformaram-se em preocupações sociais e da política. Entretanto emergiram muitos movimentos políticos anti-imigração e a politização da imigração levou a desenvolvimento de políticas com o objetivo de “fechar a porta” aos imigrantes.

Houve no entanto diferença, tanto a nível da economia quanto das experiências do fenómeno da imigração nos países da Europa. A divisão tradicional existente entre Norte-Sul correspondia a diferente tendência de desenvolvimento nos processos de imigração. No início os países de imigração, ou seja, aqueles que receberam o grande fluxo dos imigrantes foram países do Norte da Europa, enquanto os países do Sul da Europa foram considerados como países da “emigração”, na medida em que estes não tinham infraestruturas nem tradições de imigração desenvolvidas.

1

É política de imigração que envolveu pouco ou não envolveu nenhum planeamento social. Nesta política o Estado realizou a mínima intervenção na economia, dominou a livre iniciativa de mercado.

A terceira fase da imigração, a mais tardia, foi marcada pelas mudanças na divisão Norte-Sul. Como afirma G. Lahaw (2004), em 1990 a linha que separava países da “imigração” e países da “emigração” eclipsou-se. A natureza global da imigração internacional começou a mudar. Nesta altura os países tradicionalmente considerados como países emigratórios, como Itália, Grécia, Portugal e Espanha, que nunca enfrentaram a imigração em grande escala, juntaram-se aos países membros da União Europeia que estavam a introduzir a imigração nos planos políticos nacionais. Começaram então a dominar as questões sobre a integração social e os direitos dos imigrantes.

No século XXI, a organização política de imigração tem vindo a sofrer algumas mudanças de vido a emergência de novas questões tais como os conflitos étnicos, o terrorismo, o fundamentalismo islâmico, o contrabando de droga e o tráfico das pessoas, que se tornaram o lado negativo da globalização. A migração foi afetada por estes problemas. A consideração social e demográfica com a imigração na Europa foi marcada pelas alterações políticas e de segurança. As políticas da imigração ganharam a maior atenção pública. A perspectiva para a cooperação da imigração tornou-se mais urgente e mais prometedora.

1.2 A Imigração em Portugal

Como refere o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (2011:15), “até à década de 60 do século XX Portugal foi um país de índole predominante emigratória.”

De acordo com J. Peixoto e C. Sabino (2009), a imigração para Portugal que começou por ser de cidadãos dos países de língua Portuguesa, nomeadamente das ex-colónias Africanas e do Brasil, tornou-se progressivamente diversificada. Embora hoje os imigrantes de língua Portuguesa ainda sejam a maioria (principalmente de Cabo Verde e Brasil), outros grupos nacionais, especialmente da Europa de Leste e particularmente da Ucrânia, são cada vez mais numerosos.

Segundo os mesmos autores, a curta história da imigração em Portugal pode ser dividida em quatro períodos.

A primeira fase ocorreu entre 1975 e meados dos anos 1980, tendo sido a revolução de 1974 um ponto de viragem, devido ao colapso do império Português e a independência dos atuais países africanos de língua portuguesa, que trouxe de volta ao país os portugueses (os chamados “retornados”) e outros imigrantes das ex-colónias. O maior fluxo veio de Cabo

Verde, continuando uma tendência que já tinha começado nos anos 1960. Os outros fluxos significativos foram de Angola e Guiné-Bissau. No início da década de 80 verificou-se um aumento excecional do número de imigrantes em Portugal.

A segunda fase, que começou em 1986 com a entrada de Portugal na União Europeia e continuou até o final da década de 1990, foi marcada por um aumento da imigração, com base em ligações linguísticas, culturais, históricas e coloniais (PALOP e Brasil) e pela persistência da emigração para a Europa Ocidental.

O terceiro período começou no final de 1990, quando houve uma entrada maciça da Europa Oriental, que não tinha relações anteriores culturais, históricas e linguísticas com Portugal, bem como uma forte e renovada imigração do Brasil e uma diversificação contínua das origens nacionais, especialmente da Ásia. Os anos 90 caracterizaram-se pelo estabelecimento e subida da população imigrante no país. O número de imigrantes superou em muito as fases anteriores e durou até por volta de 2004, quando o número total de estrangeiros atingiu o nível máximo.

A quarta fase começou nos primeiros anos desta década com os novos fluxos do Leste Europeu. A Ucrânia foi um dos países que rapidamente se tornou numa das comunidades estrangeiras mais representativas na população estrangeira.

Apesar de ter havido um crescimento da comunidade estrangeira residente em Portugal na primeira década do século XXI, o número total de estrangeiros que vivem no país diminuiu ligeiramente depois de 2004, por se tratar de um período marcado pela recessão económica, que ainda se mantém. Tal tendência é confirmada pela diminuição do número de imigrantes renovar suas licenças legais e algumas provas esporádicas².

De acordo com os dados estatísticos, apresentados no Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (2011:15), “no final de 2011 a população estrangeira residente em Portugal totalizava 436.822 cidadãos, valor que representa um decréscimo de 1,90% face ao ano transato.” Como refere-se nos dados estatísticos mais recentes as nacionalidades mais representativas no país são o Brasil (25,5%), Ucrânia (11,0%), Cabo Verde (10,1%), Roménia (9,0%) e Angola (4,9%). (Ver a Figura 1.).

2 *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (2011). “Immigration, Emigration and Policy Developments in Portugal (ARI)”* - http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano_eng/Print_WCM_GLOBAL_CONTEXT=/wps/wcm/connect/elcano/Elcano_in/Zonas_in/ARI117-2009).

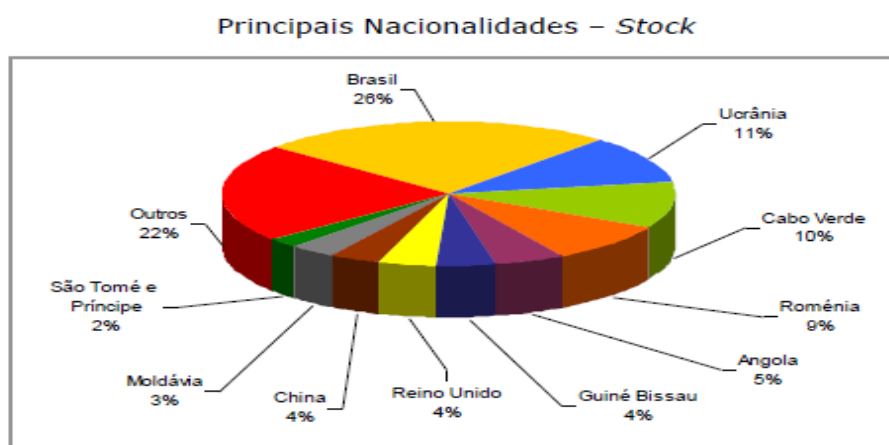


Figura 1. Nacionalidades mais representativas em Portugal

(O gráfico adotado do Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (2011:17))

1.3 Imigração, Globalização e Aculturação

Para Kevin Robins (1991, 1997), citado por K. Woodward (2008:20), “o fenómeno da globalização envolve uma transformação extraordinária. As velhas estruturas dos estados e das comunidades nacionais entraram em colapso cedendo lugar a uma crescente *“transnacionalização da vida económica e cultural”*. A globalização envolve uma iteração entre fatores económicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem novas identidades globalizadas.

É neste contexto que encontramos uma estreita ligação entre imigração e globalização, considerando que a crescente globalização estimulou um fluxo de imigrantes sem precedentes em todo o mundo, o que tem contribuído para um mundo cada vez mais multicultural.

A colonização, a invasão militar, a migração e a peregrinação assim como o turismo, o estudo internacional, têm sido fatores determinantes das condições de contacto entre culturas diferentes, onde as comunidades etnoculturais tendem a manter as características das suas culturas como património. Neste sentido a imigração contribui para a gestação de sociedades culturalmente plurais, ao provocar mudanças económicas e culturais, que implicam mudanças pessoais.

A diversidade surge assim como algo a celebrar, mas é fundamental que se tenha em atenção o risco do encontro entre culturas diferentes gerar intolerância e com esta, a

possibilidade de conflito. Na verdade o encontro coloca desafios tanto aos indivíduos e grupos que imigram para outro país, quanto para os que vivem no país de acolhimento. M. M. Suárez-Orozco e D. B. Qin-Hilliand (2004:13) consideram que a diversidade é uma grande oportunidade, para as pessoas e as culturas, de procurarem os pontos comuns da experiência humana que as podem unir. No entanto existe um desafio preliminar que é a integração os imigrantes e as gerações seguintes na sociedade de acolhimento.

Este problema é muito relevante quando reconhecemos o quanto a globalização intensificou a migração motivada não só pela necessidade económica mas também pelo desejo de um futuro melhor, esta nova tendência requer o desenvolvimento de políticas globais e nacionais que atendam aos processos que ocorrem no interior dos grupos e entre grupos sociais.

É neste sentido que a aculturação precisa ser pensada como realidade vivida por sujeitos concretos e como fonte de mudanças culturais, que decorrem do encontro e alteração de duas ou mais culturas; torna-se importante compreender as continuidades e as mudanças no comportamento dos indivíduos e grupos que experienciam duas culturas.

Berry (1999), citado por Anderson (2004), parte da afirmação de que em alguns aspetos, todo comportamento humano é cultural. A aculturação psicológica leva a que os indivíduos mudem, tanto por serem influenciados pelo contacto com a outra cultura, mas também por ser participantes em mudanças que ocorrem na sua própria cultura.

A aculturação coloca questões ao nível nacional, ao nível das instituições e dos indivíduos da cultura de acolhimento e do grupo que está a aculturar-se, no sentido de que o processo implica adaptações comportamentais de ambos grupos. No processo de aculturação existe no entanto, um grupo que é dominante e o outro de que se espera que faça mais alterações no contacto com a cultura dominante. Neste caso os imigrantes são o grupo que está na posição de minoria.

O impacto da aculturação em ambas as culturas deve ser considerado tendo em conta o objetivo do contacto, o tempo de permanência, a dimensão das populações, as políticas de população e as qualidades da cultura. A vontade do contacto entre culturas é um fator muito importante.

Em todo caso, cabe aos indivíduos que estão a aculturar-se a tarefa de adquirir as ferramentas da bem-sucedida nessa cultura.

De acordo com Gardner (1995), mencionado por Anderson (2004), os aspetos da cultura que devem ser assumidos são de três domínios: o mundo físico, o mundo de artefactos feitos pelo humano e mundo social. As competências intelectuais a adquirir incluem a aquisição do sistema simbólico particular utilizado, o que inclui a linguagem formal, a dança, arte e rituais, e os significados, valores e objetivos que lhes estão associados. Segundo Berry, este é o conhecimento necessário, para que o sujeito seja capaz de se adaptar e funcionar bem dentro de instituições culturais, tais como a escola; sem este, fica dificultado o acesso ao conhecimento e experiência culturalmente valorizado (cf. Anderson, 2004).

Berry (2001), apresentado por Anderson (2004), identifica duas tendências no contacto cultural: a preservação da cultura de origem e a participação na vida da cultura dominante, onde as pessoas tentam entrar ativamente em contacto com os membros de outros grupos culturais, o que corresponde a duas estratégias de aculturação, previstas face a um conjunto de circunstâncias diferentes. De acordo com o autor, algumas estratégias são mais adaptáveis e associadas do que outras: a assimilação e a separação.

A assimilação é o caminho mais provável numa situação em que o indivíduo não pretende manter a sua cultura de origem e procura de constante interação com a cultura de acolhimento, o que resulta na aquisição das normas, da língua e dos valores da cultura de acolhimento, com perda da cultura de origem. No caso da separação, o indivíduo quer manter a sua própria identidade cultural, pelo que cultiva os valores e normas da cultura de origem e evita o contacto com a cultura de acolhimento, limitando assim a possibilidade de adquirirem instrumentos tal como a língua, valores e modos de fazer o que é necessário para funcionar plenamente na cultura de acolhimento.

A integração é mais provável quando um indivíduo tanto quer preservar a sua própria cultura, quanto adquirir os valores, normas e instrumentos associados à cultura de acolhimento. Esta integração é considerada a opção mais adaptativa, com os resultados mais positivos para os próprios.

Considera-se a marginalização a opção menos adaptativa, que resulta provavelmente de atitudes negativas para a sua própria cultura de origem, bem como para a cultura dominante. Neste caso as pessoas não mantêm nem a sua cultura de origem, nem querem adquirir a cultura de acolhimento.

2 – As Questões Identitárias no Contexto da Imigração

O termo “identidade” tem vários significados. Para Erikson (1950, 1968), citado por Schwatz, Montgomery e Briones (2006:5), a identidade é um processo normativo que refere-se a um processo localizado no centro do indivíduo e também no centro da cultura comum, resultando de uma interferência dinâmica entre o indivíduo e o contexto. É a organização das percepções do próprio que definem o lugar do indivíduo no mundo.

Jenkins (2008:18), define a identidade como compreensão de quem somos nós e os outros, com base em dois critérios de comparação: a semelhança e a diferença. É uma classificação multidimensional do mundo humano e os nossos lugares dentro daquele mundo como individuais e como membros dos coletivos. Considera que a identidade é uma capacidade humana associada à língua, que permite saber quem é quem. A identidade só pode ser compreendida como um processo de ser alguém ou de se tornar alguém. A identificação é um processo e não um objeto. Para ele todas as identidades são identidades sociais.

De outra perspectiva Schwartz (2001), a identidade como síntese de auto concepções pessoal, sociais e culturais. A identidade pessoal refere-se aos objetivos, valores e crenças que um indivíduo adota e mantém. A identidade social refere-se ao grupo com o qual o indivíduo se identifica. A identidade cultural é a interface entre o contexto pessoal e o contexto cultural, e refere-se a um sentimento de solidariedade com os ideais, atitudes, crenças e comportamentos de um determinado grupo cultural que são manifestados em relação aos grupos culturais. (Schwatz, Montgomery e Briones (2006:6)).

De outra perspectiva T. Tadeu da Silva (2008), “a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada e está ligada a estruturas discursivas e narrativas, ou seja a sistemas de representação e tem estreitas conexões de poder.

Considera que a identidade e a diferença encontram-se nas declarações sobre quem está incluído e quem está excluído, quem fica dentro e quem fica fora, quem somos “nós” e quem são “eles”. Para o autor onde existe identidade e diferença aí está presente o poder de exclusão e inclusão, pela separação, classificação ou normalização.

2.1 Identidade e Globalização

A imigração gerada pelo mercado global ou pelo projeto Europa sem fronteiras, é um dos desenvolvimentos sociais que faz emergir novas identidades.

De acordo com K. Woodward (2008:20), “a globalização produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade.”

M. M. Suárez-Orozco, D. B. Qin-Hilliand (2004) considera que a globalização ameaça tanto as identidades dos cidadãos originais dos países nos quais os imigrantes se estabelecem, como as identidades dos imigrantes e filhos deles. As autoras citam J. J. Arnett (2002), para afirmar que a globalização tem implicações claras para o desenvolvimento da identidade entre os jovens; considera que a maioria das pessoas no mundo agora desenvolve uma identidade bicultural que incorpora os elementos da cultura local com a consciência duma relação com a cultura global.

É importante considerar, no entanto, que os desafios culturais da globalização afetam os imigrantes e jovens nativos de diferentes maneiras. Enquanto os filhos de imigrantes, tem a tarefa de juntar de modo flexível os elementos da cultura dos pais, a nova cultura que estão a mover-se e uma cultura jovem globalizada emergente, os jovens da sociedade de acolhimento o desafio é ampliar a horizonte cultural para incorporar as novas perspetivas, hábitos e potenciais dos imigrantes. (cf. M. M. Suárez-Orozco, D. B. Qin-Hilliand (2004).

Como declara Arnett (2001), citado por mesmos autores (2004:14), que o desenvolvimento dum sentimento de pertença a uma cultura global tem claros benefícios potenciais, pois a cultura global atravessa tantas fronteiras culturais e nacionais, a fim de unificar as pessoas em todas as fronteiras, os valores da cultura global necessariamente enfatizam as diferenças com tolerância.

Os valores da cultura global são definidos em parte por aquilo que não são: eles não são dogmáticos, eles não são excludentes, eles não toleram supressão das pessoas ou grupos que têm um ponto de vista ou um modo de vida que é diferente da maioria.

As crianças migrantes são muitas vezes membros das suas sociedades de acolhimento e das redes e comunidades transnacionais ao mesmo tempo. O que pode ser reconhecido como um risco de afastamento da cultura local e perda dos valores tradicionais, pode ser

percebido como uma benefício num mundo de hoje globalizado e altamente interligado, em que os indivíduos podem descobrir-se como um cidadão global.

2.2 Identidade Étnica e Imigração

No contexto da imigração torna-se por isso importante considerar não só os componentes pessoais, sociais mas também componentes étnicos, que participam da construção das identidades social dos imigrantes.

A identidade étnica corresponde ao sentimento de pertença a um grupo étnico e é reconhecida como uma construção complexa e multidimensional como que os sujeitos se referem a si mesmos às atitudes gerais, conhecimentos, sentimentos e comportamentos relacionados com a sua etnia.

De acordo com Liebkind (1992, 2001) e Phinney (1999), a identidade étnica refere-se ao sentido do próprio “eu” de um indivíduo em termos de participação em um grupo étnico particular. A identidade étnica abraça vários aspetos que incluem a autoidentificação, sentimentos de pertencimento, compromisso com um grupo, um sentido de valores compartilhados e atitudes em relação ao seu próprio grupo étnico. (Phinney, Horenczyk, Liebkind e Vedder (2001: 495).

Phinney e Ong (2007), consideram que para os imigrantes, tanto a cultura individual, tanto a cultura comum são fundamentais para a formação de identidade durante a aculturação. Quando os imigrantes deixam uma cultura e começam a viver na outra, eles são confrontados com questões fundamentais sobre quem eles são e quem eles vão tornar-se no seu novo país. A identidade, ou seja, o sentimento da pertença à sua cultura de origem, é um fator principal na forma como eles adaptam-se e enfrentam os desafios no novo país, podendo ser vista como conjunto de dois fatores correlacionados: exploração de identidade étnica e comprometimento de identidade étnica que ocorre desde a infância. A identidade étnica surge na adolescência e no início da idade adulta, através dum processo de exploração de etnia e da compreensão clara do significado para si mesmo, da sua participação no grupo.

3 – Infância e Imigração

3.1 A socialização e as Relações Intergeracionais

Embora as culturas estejam a passar por rápidas mudanças sob o impacto da globalização e por efeito dos processos de aculturação, as crianças das várias gerações são submetidas a um processo de socialização familiar; processo que pretende, ao mesmo tempo, reproduzir estruturas e significados e preparar para adaptar às novas situações.

Para Maccoby (2006), a “socialização” consiste nos processos através dos quais as crianças interiorizam habilidades, padrões de comportamento, valores e motivações necessárias para o funcionamento competente na cultura onde cresce; estes processos quais incluem todas as normas e comportamentos sociais nos quais a cultura é transmitida de cada geração para a outra, incluindo a formação para funções específicas, em ocupações particulares. Estas capacidades, o entendimento social e a maturidade emocional, são fundamentais para a interação com outros indivíduos e para a sua integração em grupos sociais mais amplos.

Berger e Luckman (1996) identificaram duas etapas principais da socialização: socialização primária e secundária. A socialização primária acontece durante a infância, com o afundamento da criança no mundo – um universo simbólico e cultural, onde a criança aprende as normas e atitudes necessárias para um funcionamento nas situações sociais. A família e a escola são consideradas como os principais agentes que permitem categorizar situações, e a construção e a antecipação das condutas sociais. A socialização secundária decorre de contatos com outros mundos sociais, com realidades desconhecidas, onde o indivíduo deve integrar-se e aprender novos papéis.

É na relação entre estes dois modos de socialização – primária e secundária - que existe a possibilidade de mudança social, na qual é possível encontrar situações diversas que influenciam a reconstrução identitária, que ocorre na socialização secundária.

Dado que as circunstâncias da geração dos pais, são atualmente muito diferentes das circunstâncias nas quais a nova geração tem que funcionar, a socialização para a adaptação está a ganhar importância. Por outro lado, a entrada em novos contextos sociais pode criar a necessidade de outros padrões de comportamento social. Apesar de serem muitos os agentes envolvidos na socialização do indivíduo, os pais continuam a ser reconhecidos como os principais agentes responsáveis pela socialização “moral” da criança.

Embora seja frequentemente assumido que a socialização mais profunda e duradoura ocorra principalmente na infância, é cada vez mais evidente que a socialização continua ao longo da vida.

A socialização precisa ser então repensada como um processo contínuo que acompanha o desenvolvimento da família de origem, que em muitos casos é a instituição de socialização mais estável, mas no qual participam também, enquanto fontes de normas de comportamento social, os grupos de pares, escolas, instituições religiosas e na idade adulta, os empregadores e parceiros íntimos, (cf. Moccoby, 2006).

Begental & Goodnow (1998) e Bugental & Grusec (2006), citados por mesma autora, consideram que a socialização não deve ser vista como o processo onde a criança está simplesmente a reproduzir padrões sociais dos adultos, na medida em que as crianças têm um papel ativo na construção das próprias normas.

Para Irene Santos (2004) a socialização compreende o processo através do qual o sujeito procede a uma construção de si na e pela relação com o mundo; para a autora a educação faz parte da socialização. Estando a educação associada a um projeto, a socialização abrange aprendizagens produzidas para além deste projeto, sem que haja transmissão ou aquisições intencionais.

Um dos elementos determinantes do processo de socialização é para Mead (1993); Dubar (1996) e Santos (2004)) a relação que o indivíduo constrói com o outro, construindo, desta forma, tanto um modo pessoal de estar na comunidade, quanto uma abstração do outro, enquanto membro da comunidade. A socialização funda-se assim processo identificatório e (re)identificatório que sustenta a construção de referências, interesses, códigos de conduta, por parte da criança a partir do contexto, e das pessoas que a rodeiam. (Rochex (1995) in Santos (2004:45). Rochex define identificação como processo psicológico pelo qual o sujeito assimila o traço, uma propriedade, um atributo do outro.

Para Dubar (1996), citado por Santos (2004:43) a socialização é um conjunto de processos estruturais e biográficos que asseguram a construção das identidades sociais pelas instituições e indivíduos. Este conceito nos permite assim abordar o tema que tem atravessado todo o trabalho: o processo pelo qual as crianças aprendem o que é necessário para integrar-se no mundo social que as envolve.

3.2 Imigração e relações intergeracionais

Os pais imigrantes tendem a ser otimistas sobre a possibilidade de os seus filhos terem um futuro mais seguro e mais feliz, com novas oportunidades para si e para os seus filhos.

Suárez-Orozco e M. M. Suárez- Orozco consideram (2001), que às vezes o que é verdade para os pais, pode não ser a verdade para os seus filhos.

As crianças podem partilhar um número de características com os seus pais, mas os filhos de imigrantes quando nascem no novo país ou chegam muito novos, adotam as expectativas sobre os estilos de vida e qualidade de vida da nova sociedade, em vez de do modelo dos seus pais. Tendem a adotar a cultura do país de acolhimento. Adquirem competências linguísticas rapidamente e podem resistir em falar a sua língua original em público, por não quererem atrair a atenção para si próprios como diferentes. Tornam-se conscientes de nuances de comportamentos considerados como normais em casa, mas que os vão distinguir como estranhos e diferentes em público. Tendem a aprender mais rapidamente que os pais as regras da nova cultura e da vida no novo país.

Por sua vez os pais encorajam e tentam apoiar ativamente a aquisição e desenvolvimento de competências culturais que considerem necessárias ao funcionamento na cultura dominante na sociedade de acolhimento, embora tentem manter as tradições e, na maioria dos casos, a língua materna em casa. As crianças são encorajadas a aprender a nova língua, mas manter também a sua língua e cultura fora de casa.

Os autores consideram que muitos imigrantes lutam para manter as características da cultura antiga, em parte, porque as tradições e comportamentos culturais lhes fornecem os padrões internalizados de comportamento e o sentimento reconfortante de segurança social. A cultura fornece os modelos para a compreensão das experiências e para atribuição de significados.

Embora o papel dos pais nas todas as sociedades, seja atuar como guias, mas a imigração inverte esta posição, porque lhes retira o mapa das experiências necessárias para acompanhar competentemente as crianças no novo meio. São frequentemente menos capazes de fornecer a orientação na negociação numa sociedade complexa o que os obriga a confiar nas explicações dos filhos e assim é o adulto que aprende com as crianças.

Os filhos de imigrantes querem ser aceites; o que é novo é muitas vezes o mais desejável. Entendem que para sobreviver precisam desenvolver competências para viver no novo mundo, pelo que o seu esforço de assimilação é muito grande, para que possam sair tão rápido como possível, da posição marginal face às duas culturas, a de origem e a de inserção.

E. V. Stonequist (1937), citado por C. Suárez-Orozco e M. M. Suárez-Orozco (2001), argumenta que as transições deixam o migrante nas margens de cada cultura, sem ser membro de nenhuma das duas. Ao ingressar na nova cultura, já não pertence ao seu país de origem, porque as novas experiências mudaram e alteraram os filtros através dos quais ele/ela vê o mundo.

3.3 A Identidade Construída na Interação

C. Suárez-Orozco e M. M. Suárez-Orozco (2001, 2005) referem o espelhamento social (Social mirroring) como uma perspectiva que pode ajudar a compreender a questão da identidade. D. W. Winnicott, citado pelos autores, sugere que o sentido de si, da própria criança é profundamente moldado pelos reflexos espelhados por outras pessoas significativas. Todas as pessoas são dependentes de tais reflexos. Quando a imagem refletida é positiva, o indivíduo é capaz de sentir que tem valor e é competente, quando o reflexo é negativo, lhe é muito difícil manter a autoestima. Estes reflexos podem ser precisos ou imprecisos. Em alguns casos, podem produzir uma distorção positiva. Em tal situação, a resposta do indivíduo pode desproporcional em relação ao seu contributo ou realização afetiva. Em outros casos, pode haver uma distorção negativa, como acontece no caso de muitas crianças imigrantes e de minorias.

De acordo com Taylor, mencionado por mesmos autores, a identidade é moldada em parte pelo reconhecimento, ausência de reconhecimento e muitas vezes, por desconhecimentos dos outros. A pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer com o preconceito e distorção da sua realidade, se as pessoas ou a sociedade a sua volta espelham um confinamento ou imagem humilhante e miserável de si próprios. O não reconhecimento pode causar danos, pode ser uma forma de opressão, aprisionando alguém a um modo de estar falso, distorcido e reduzido. Quando as expectativas são de preguiça, irresponsabilidade, baixa inteligência, o resultado pode ser o desencorajamento. Quando esses reflexos são recebidos numa série de espelhos, incluindo a média, a sala de aula e a rua, o resultado pode ser a devastação psicológica. Mesmo quando os pais fornecem espelhamento positivo, muitas vezes não podem compensar os reflexos distorcidos que as crianças encontram em suas vidas diárias. Em alguns casos, a criança acredita que os pais imigrantes estão fora de contacto com a realidade. (C. Suárez-Orozco e M. M. Suárez-Orozco delcaram (2001), pag 99).

Filhos de imigrantes estão conscientes do modo como são recebidos pelos outros. Os autores desenvolveram um modelo conceitual para examinar as várias maneiras que os filhos de imigrantes reagem ao espelhamento social negativo. As respostas dos jovens são flexíveis e dependem de vários fatores que podem ser sociais ou pessoais. As trajetórias sociais dos jovens que são capazes de manter e cultivar um sentido de esperança no futuro são mais promissoras. Esses jovens são mais capazes de manter um sentimento de orgulho e uma autoestima saudável.

De acordo com os autores (2001, 2005), o deslocamento cultural e espelhamento social influenciam grandemente a reconstrução da identidade do imigrante. Os filhos de imigrantes vão unir indícios poderosos do meio social sobre o que é esperado deles.

3.4 A Identidade Étnica como fator de proteção

A formação da identidade étnica nas crianças filhas dos imigrantes, influencia a manutenção dos valores culturais desenvolvidos na relação com os pais e no desenvolvimento da própria individualidade. A intensidade dos laços étnicos das crianças varia segundo o ambiente familiar, já que na infância a identidade étnica existe apenas numa forma primitiva, como autoimagem associada as informações básicas que são dadas as crianças sobre a etnia e sobre as atitudes de um grupo afastado dos seus pais (cf. Bernal, Knight, Ocampo, Garza, & Cota (1993) citados por Phinney e Ong (2007).

Mais do que qualquer outra instituição social, a família fornece o fundamento básico para o desenvolvimento da identidade étnica, na medida em que une as pessoas e lhes fornece a maior parte do significado e muitos dos marcadores de adaptação. A família pode ser o lugar onde começa a negociação dos conflitos e onde os imigrantes podem encontrar força e os meios para avançar em suas vidas, pelo que existe uma relação positiva entre a identidade étnica e o bem-estar da criança dos imigrantes.

Phinney e Ong (2007) representam duas teorias: a teoria da identidade social dos Tajfel & Turner (1986) e a teoria do desenvolvimento dos Phinney & Kohatsu (1997). A teoria de Identidade Social sugere a existência de ligações fortes entre a identificação do grupo e auto percepção, na medida em que as pessoas esforçam-se por ter e manter uma identificação positiva com os grupos sociais aos que pertencem, assim reforçando a sua autoestima. A teoria de desenvolvimento, sugere que a identidade étnica segura ou alcançada está associada à boa saúde mental. Considera-se que a manutenção duma forte

identidade étnica está relacionada com o bem-estar psicológico que é fortalecido com o tempo de residência no novo país, tanto para os pais imigrantes quanto para os seus filhos. Os indivíduos que se sentem seguros da sua pertença a um grupo étnico têm atitudes mais positivas em relação aos membros dos outros grupos étnicos. Conclui-se que o desenvolvimento e a manutenção das identidades étnicas nas famílias imigrantes são úteis para os próprios, para as suas comunidades e para a sociedade.

4– A Escola Como Contexto de Interação e Realização

4.1 As circunstâncias de encontro entre culturas de origem e escolar

Uma das principais tarefas que a criança imigrante enfrenta quando chega ao país, que foi escolhido pelos pais como país de destino e novo lugar de residência, é integrar-se e adaptar-se ao ambiente escolar. Neste contexto as crianças imigrantes podem ter muitas das suas experiências, características e circunstâncias serem avaliadas pelos demais, o que pode ter um impacto significativo neste processo.

Os filhos dos imigrantes trazem consigo disposições e recursos diferentes da maioria dos seus pares, para lidar com situações de aprendizagem e de relacionamento com os colegas. Por outro lado estas crianças estão a viver as primeiras experiências de separação das pessoas e contextos que lhes eram familiares e a lidar com a situação de reagrupamento familiar. Neste processo a criança poderá contar com maior ou menor apoio da sua família, que será também maior ou menor segundo o nível de alfabetização dos pais e da criança, na língua materna, ou da sua comunidade de origem.

Angelika Anderson (2004), considera que as escolas são um dos principais agentes de aculturação dentro das sociedades. É nas escolas que os valores, normas e ferramentas duma determinada cultura são transmitidos aos mais jovens; transmite-se a ideologia multicultural do grupo dominante, bem como as atitudes e certezas destes sobre grupos específicos de migrantes. Estes valores, normas e objetivos, da sociedade dominante, serão então refletidos nas práticas das instituições, entre as quais a escola.

Para alguns autores a educação multicultural não é uma forma de aumentar os níveis de desempenho académico das crianças dos grupos minoritários, mas sim um meio de promover a sua integração social, cidadania e nível de autoestima.

Segundo Ogbu, citado por Anderson (2004), todas as crianças, em todas as culturas, quando ingressam na escola têm que se adaptar a cultura escolar e adquirir a cultura que define o que é preciso saber sobre a sua língua e sobre como avançar no percurso escolar. O modo como se faz esta transmissão difere de uma cultura para outra, assim como difere o como esta aprendizagem acontece no meio escolar. Ao irem para a escola as crianças devem aprender não só o que a escola ensina mas também o como aprender. Todas as crianças, incluindo as crianças da cultura dominante têm que se adaptar e gerir esta transição. O sucesso na adaptação de cada uma depende do quanto a cultura do grupo familiar e a cultura escolar são semelhantes, diferentes ou opostas. Segundo Zhou e Bankston (citados por Hamilton, 2004), quando uma criança imigrante ingressa no sistema escolar não está a entrar apenas numa nova ambiente educacional, mas também num novo ambiente cultural, que pode ter valores e objetivos diferentes dos do seu meio de origem. As escolas são também um meio de contacto fundamental dos imigrantes com a cultura de acolhimento. Para Anderson (2004), idealmente as escolas estão dispostas a promover experiências multiculturais positivas a cada aluno, bem como implementar intervenções que promovam o desenvolvimento de atitudes positivas no processo de aculturação dos imigrantes, e ideologias multiculturais positivas nas atitudes de todos os alunos. É importante evidenciar também que não são só os filhos dos imigrantes que terão que adaptar-se a escola; as escolas, os professores e os outros alunos também terão que adaptar-se a situação de integração. Neste sentido, a criança imigrante tanto influencia e é influenciada por diferentes ambientes, o que inclui a escola, a comunidade, a família, os vários serviços e a sociedade em geral.

4.2 A Língua Como Meio de Comunicação e Expressão da Identidade

Embora a língua seja frequentemente definida como um mero instrumento de comunicação, a definição de língua é muito mais complexa quando abordamos o fenómeno de imigração, por levantar questões de identidade e envolver processos de adaptação e de integração social.

É através da língua que a herança cultural é recebida, reformulada e transmitida entre gerações. A língua na qual fomos socializados é percebida como significativa, dentro da nossa cultura. Por isso a língua pode ser associada com as questões da identidade.

É o uso de determinada língua que define quem nós somos, porque ela é parte na construção da identidade cultural, nacional e pessoal. Para Jaspal (2009), a língua é um meio de afirmação da própria identidade e de distinção dos outros. Para C. Suárez-Orozco e M. M. Suárez-Orozco, (2001) a língua é um instrumento essencial de comunicação, mas também um marcador de identidade e de um via de poder. No processo da integração a língua é um dos fatores, que joga uma parte importante no desenvolvimento da identidade. De acordo com Schwartz, Montgomery e Briones (2006:18), as pessoas que não falam a língua do país de acolhimento podem não ter o acesso a determinadas oportunidades e trajetórias de vida. Segundo Côte (1996), citados por mesmos autores, os indivíduos usam as suas habilidades, orientações, experiências e conhecimentos como elementos ativos da identidade para negociar os recursos da sociedade e para entrar nas instituições sociais importantes.

Sem o conhecimento da língua do país de acolhimento, os imigrantes podem enfrentar limitações na medida em que eles não serão capazes de adquirir bens simbólicos ou imateriais. Por que o uso da língua é um componente da identidade cultural tão importante, os indivíduos da sociedade de acolhimento podem considerar a falta de fluência dos imigrantes na língua da sociedade de acolhimento como uma insulto ou uma ameaça para a cultura recetora, e como resultado, podem negar o acesso dos imigrantes aos recursos (Phinney & Flores (2002), Barker et al., (2001), cit. por Schwartz, Montgomery e Briones (2006).

A língua pode ser entendida como um símbolo poderoso e emocional de identidade. As experiencias contadas pelos imigrantes dos vários países na Austrália, no livro da M. Besemeres & A. Wierzbicka (2007) – “Translating lives: Living with two languages and cultures”.³ Nos dá conta desta possibilidade. Nesta obra as autoras procuram responder o que significa viver entre duas línguas diferentes através da escuta das experiencias dos imigrantes. Consideram que a chave para uma perceção entre culturas é a língua e que, viver com várias línguas, é viver com várias culturas. Só a título de exemplo transcrevemos algumas citações da obra das autoras, onde os imigrantes falam sobre a relação entre língua e identidade:

3

A tradução do título: Traduzir as vidas: Viver com duas línguas e duas culturas.

“Eu tenho uma identidade dual como a pessoa – quando eu falo Inglês e quando falo Alemão.” (pp.20);

Inglês é a minha língua do trabalho, mas ela é inadequada para expressar os meus sentimentos na captura da textura complexa de relações sociais que são parte integrante da minha comunidade. Simplesmente não existem palavras inglesas para determinados tipos de relações e os pressupostos culturais e entendimentos que traduzem eles.” (pp 39);

“Self – translation é uma condição natural para mim. Eu adapto a minha língua para caber dentro do meu senso do quem eu sou.” (pp.52).

4.2.1 A Possibilidade de Ser ou Tornar-se Bilingue

O Bilinguismo não é um estado, mas sim um processo que envolve diferentes níveis e etapas. C. Suárez – Orozco e M.M. Suárez – Orozco (2001) consideram que a maioria dos falantes bilíngues tem de fato, um idioma dominante. Para outros, o uso da linguagem divide-se segundo domínios específicos; assuntos relacionados com a família e as questões emocionais, podem ser mais confortavelmente expressos em uma língua, enquanto as conversas sobre o trabalho, sobre a escola podem ser mais fluentemente discutidas em outra. Outros envolvem-se em um fluxo linguístico caracterizado por uma troca estratégica entre as duas línguas, que depende do contexto e da necessidade. Estas habilidades bilíngues desenvolvem-se ao longo do tempo, mas a maioria dos bilíngues podem ser chamados bilíngues emergentes. O bilinguismo equilibrado é um grande feito que requer um grande esforço para aprender também uma segunda língua. Uma vez que o domínio da segunda língua é alcançado, é necessário o seu uso regular e ao mesmo tempo usar frequentemente o idioma original. Se o bilinguismo não for exercido regularmente a língua atrofia rapidamente esta habilidade. Quando as crianças perdem rapidamente a sua primeira língua, sem receber treinamento e prática adequada da nova língua, elas correm um perigo real a nível do seu desenvolvimento cognitivo.

Muitos autores consideram que as crianças que falam duas línguas podem ter vantagens especiais, em relação aos monolíngues da mesma origem socioeconómico, quer a nível

linguístico em geral, quer a nível cognitivo e a nível do desenvolvimento social. Podem desenvolver uma maior habilidade e empatia na convivência com pessoas de diversas origens e desenvolver uma maior flexibilidade cognitiva que lhes permite aproximarem-se, de forma mais criativa de novas tarefas de linguagem.

4.3 O Desafio da Aquisição da Língua do País de Acolhimento

A aquisição da segunda língua é um processo complexo. Os estudos mostram que os fatores pessoais e sociais influenciam o desenvolvimento da segunda língua. As habilidades cognitivas desenvolvidas na primeira língua podem ajudar muito na aprendizagem da segunda. Segundo C. Suárez – Orozco e M.M. Suárez – Orozco (2001), a pesquisa em aquisição de segunda língua sugere que o melhor preditor de sucesso é a habilidade de associar esta aprendizagem à primeira língua da criança.

O Brisk (2006) desenvolveu o modelo para perceber como os fatores linguísticos, culturais, económicos, políticos e sociais afetam os estudantes que estão a aprender a nova língua diretamente ou indiretamente através da escola, família, pares, bairros e media. (Carhill, C. Suáres-Orozco e Páez (2009). De acordo com esta perspetiva destes autores (2009: 1159) os fatores mais importantes neste processo são:

- *A idade em que criança imigrou.* As circunstâncias em quais acontece a aprendizagem da segunda língua variam com idade. É muito comum pensar que as crianças aprendem uma segunda língua sem esforço e melhor do que as pessoas mais velhas. Nos estudos sobre os efeitos de desenvolvimento de segunda língua mostram que isso simplesmente não é verdade. Na verdade, um falante mais velho tende a aprender uma segunda língua mais rápido do que um falante mais jovem. As crianças mais jovens, no entanto, falam a nova língua sem sotaque estrangeiro facilmente detetável, melhor do que as mais velhas.
- *A educação dos pais e proficiência na segunda língua.* Existe uma clara ligação entre educação dos pais e o desenvolvimento da proficiência na segunda língua, em contexto académico. (Entwisle & Anstone (1994); Hakuta et al. (2000), cit. por Carhill, C. Suáres-Orozco e Páez (2009). Os pais que têm níveis mais altos de educação, promovem em casa, ambientes linguísticos mais parecidas com os da escola. O nível das habilidades dos pais na segunda língua pode indicar o apoio que

as crianças recebem em casa quando estão a aprender.

- *A exposição.* A escola é o lugar primário da aprendizagem da língua para maior parte das crianças imigrantes não só através do ensino, mas também através da socialização com os pares e adultos nativos.
- *A qualidade da escola.* Os resultados de aprendizagem da língua estão relacionados com fatores escolares. A qualidade das ambientes educacionais pode ser estimada pelo tamanho e pela pobreza da escola, assim como pelos resultados académicos dos alunos.

Embora existam diferenças individuais entre as crianças em idade escolar, estima-se que a aprendizagem completa de uma segunda língua geralmente demora entre seis e sete anos de estudo e exposição. Crianças linguisticamente talentosas que são sistematicamente expostas a bons modelos de linguagem podem conseguir o domínio em dois ou três anos. (C. Suárez – Orozco e M.M. Suárez – Orozco (2001). Segundo Cummins (1999,2000) citado por Carhill, C. Suáres-Orozco e Páez (2009:1157) as habilidades linguísticas não académicas podem ser adquiridas em dois anos, mas a aprendizagem da língua académica pode demorar mais tempo. Para desenvolver o nível da língua académica as crianças que estão a aprender a nova língua podem precisar entre quatro e sete anos ou mais, equivalente ao nível dos estudante nativos.

È importante notar a profunda diferença entre ter uma capacidade de conversação superficial em uma língua e ter o nível mais profundo de competência que é necessária para entender temas difíceis, expressar subtilezas de sentido, e escrever um texto bem fundamentado e bem formulado.

Embora a língua seja considerada uma chave para a integração pessoal e ascensão, é errado supor que uma vez a criança migrante fale a língua da sociedade de acolhimento, a integração será automaticamente conseguida e haverá garantias de uma vida equilibrada. Segundo C. Suárez – Orozco e M.M. Suárez – Orozco (2001), enquanto muitos veem o domínio de uma segunda ou terceira língua como uma clara vantagem nesta era da globalização, o público, as pessoas em geral, tem muitas reservas sobre o ensino de crianças imigrantes nas suas línguas nativas.

O que é importante sublinhar é que os filhos de imigrantes necessitam de ajuda especial na aquisição da linguagem, e que aprender uma segunda língua requer tempo e esforço. No

entanto, enquanto as crianças não tem domínio da língua do país de acolhimento, elas devem estar a par do conteúdo das aulas, para que, no momento em que eles puderem funcionar na nova língua não estarem irreparavelmente para trás.

CAPÍTULO II

ESCOLHAS METODOLÓGICAS

1 - Escolhas Metodológicas

1.1 Referentes Teórico-metodológicos

Neste capítulo, apresentamos a justificação das escolhas metodológicas e dos procedimentos adotados na realização desta investigação. Após retomarmos o problema e as questões que foram colocadas como ponto de partida, faz-se referência ao tipo de pesquisa que nos pareceu mais adequado e que justificou as opções metodológicas e o recurso às técnicas de recolha dos dados nesta investigação; esclarece-se também os procedimentos de análise e interpretação destes mesmos dados, a partir da qual pudemos apresentar algumas propostas de ação.

O estudo que aqui apresentamos teve como referencia os princípios de uma investigação qualitativa na medida em que pretendíamos compreender a experiencia das crianças imigrantes, a partir da escuta de como estas vivem e interpretam as suas experiencias de integração num outro mundo social que lhes exige adaptação. Mais do que os resultados interessou-nos o processo da investigação, do qual esperávamos que pudesse resultar a melhoria de condições de vida das crianças nestas circunstâncias e particularmente a melhoria das perspetivas e condições de inclusão do grupo de crianças participantes na dinâmica da Cidade Amiga das Crianças.

Embora este trabalho tenha sido projetado como uma investigação-ação participativa, que deveria constituir um pequeno grupo de crianças como sujeito coletivo, que poderia reclamar um espaço de voz na dinâmica da Cidade Amiga das Crianças, este objetivo teve que ser mitigado pelas condições que encontramos de constituição e reunião do grupo, devido a sua dispersão na Cidade e dificuldade de conciliação de tempos de encontro, delas e nossa.

A referencia a metodologia qualitativa decorreu da natureza dos dados que poderiam ser recolhidos para analisar e interpretar a realidade social vivida por estas crianças, indo assim ao encontro das considerações de Sampieri, Collado e Lucio (2006), citados por Silvestre, H. e Silvestre, M. (2012: 39), quando consideram que a "investigação qualitativa tem como objetivo explorar, descrever e tentar compreender e explicar com maior profundidade fenómenos sociais complexos que de outra forma dificilmente seriam percebidos". (Sampieri, Collado e Lucio (2006), mencionados por Silvestre, H. e Silvestre, M. (2012:40).

Outra referencia que também tivemos em conta na orientação desta investigação foi o estudo de caso, enquanto estratégia de investigação. Esta estratégia nos pareceu interessante por valorizar o examinar de um “caso”, ou de um pequeno número de “casos” em detalhe, com mais profundidade e na sua complexidade, recorrendo a todos os métodos que pareçam apropriados, tal como sugerem autores tais como Yin, 1994; Punch, 1998; Gomez, Flores & Jimenez, 1996, cit. por Coutinho & Chaves, 2002:223. Outro aspeto que valorizamos foi o fato do Estudo de Caso ser uma modalidade de plano qualitativo, em que o investigador está pessoalmente implicado na investigação.

Segundo Yin (2009: 4), o desejo de compreender os fenómenos sociais complexos faz surgir a necessidade dos estudos de caso. De acordo com Coutinho & Chaves (2002:224-225), “o estudo de caso é uma investigação empírica (Yin, 1994), que se baseia no raciocínio indutivo (Bravo, 1998; Gomez, Flores & Jimenez, 1996) que depende fortemente do trabalho de campo (Punch, 1998) que não é experimental (Ponte, 1994) e que se baseia em fontes de dados múltiplas e variadas (Yin, 1994).

Ao explorar as potencialidades deste método encontramos afinidade entre o nosso interesse de investigação e o modo como diferentes autores definem o objetivo do estudo de caso. Assim, e resumidamente, para Yin (1994) o objetivo do Estudo de Caso é explorar, descrever ou explicar; para Guba & Lincoln (1994), é relatar os factos como sucederam, descrever situações ou factos, proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado e comprovar ou contrastar efeitos e relações presentes no caso; para Ponte (1994) é descrever e analisar; para Merriam (1998) é avaliar enquanto para Gomez, Flores & Jimenez (1996) é explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar”. Finalmente, Yin (2009) considera que estudo de Caso é uma estratégia mais utilizada quando na investigação é pretendido responder as perguntas: “como?” e “porque?”.

Consideramos por isto que este método nos dava condições para considerar as questões mais amplas relacionadas com a imigração, no conhecimento do “porque” as famílias da Europa de Leste imigraram para Portugal, como ponto de partida para a escuta e compreensão de “como” as crianças destas famílias vivem, o que significa para elas ser uma criança imigrante e “porque” elas identificam-se mais como crianças portuguesas do que ucranianas, russas, romenas ou lituanas.

1.2 Justificação do trabalho

Este trabalho partiu da preocupação com a integração e adaptação das crianças imigrantes no país de acolhimento e no nosso desejo de compreender como as crianças sobrevivem ao fenómeno de imigração. Embora a imigração e a sua história, seja um tema de investigação estudado por diversos autores, a escolha deste tema para o nosso projeto nasceu de motivos de outra natureza.

O motivo principal foi muito pessoal: sou imigrante em Portugal, estou a aprender de novo a viver, num novo país, através da comparação da experiência e da realidade “entre lá e cá”. Todos os dias enfrento os desafios e procuro maneiras de “sentir-me em casa”. Tudo parece uma viagem de aprendizagem sem uma finalidade definida.

O outro motivo, menos pessoal, é o número crescente das crianças imigrantes na sociedade atual, pelo que questão da sua integração e adaptação se torna tão importante que merece ser explorada, descrita, explicada, avaliada e de uma certa maneira transformada de forma a melhorar as suas condições de vida e de participação no meio em que vivem atualmente.

Definimos por isso, como **problema central** desta investigação a procura de conhecer profundamente as experiências narradas pelas crianças imigrantes de Leste que vivem em Portugal e mais especificamente em Aveiro, onde existe a intenção do Município em promover os direitos da criança, com a sua participação. Queremos compreender o que significa para estas crianças “ser uma criança imigrante”, viver entre duas culturas e línguas diferentes, para, a partir da compreensão das suas experiências, escutar e dar voz às propostas apresentadas pelas próprias crianças, considerando as opções possíveis para a melhoria da sua adaptação, bem-estar no dia-a-dia e condições de participação destas crianças na sociedade de acolhimento.

Os objetivos específicos:

- Conhecer as questões teóricas relevantes no estudo do fenómeno da imigração, situar a realidade da imigração em Portugal, e abordar a imigração na infância, através da pesquisa bibliográfica
- Conhecer a perspetiva das crianças imigrante em Portugal, para compreender o que significa ser criança imigrante.
- Analisar as condições de inserção das crianças imigrantes em Aveiro, para

identificar e explorar as opções disponíveis para a melhoria da sua adaptação, bem-estar no dia-a-dia e condições de participação destas crianças na sociedade de acolhimento.

- Apresentar propostas de apoio a inclusão da sua voz destas crianças na dinâmica da Cidade Amiga das Crianças, através do recurso a novas tecnologias de comunicação e mais especificamente da criação duma página *Online* de apoio “de criança para criança”.

As questões de investigação:

1. Porque e como as crianças imigraram para Portugal?
2. Como crianças imigrantes adaptaram-se e foram integradas no país de acolhimento?
3. Que experiencias e dificuldades foram vividas pelas crianças no processo de imigração?
4. Como as crianças imigrantes se relacionam com a escola? Que importancia lhe atribuem para a sua vida. O que a escola faz para integrar as crianças dos outros países?
5. O que pode ser feito para melhorar a integração, adaptação e o bem-estar das crianças imigrantes em Portugal? Como incluir a sua voz e participação em Aveiro enquanto Cidade Amigadas Crianças?

Para atingir estes objetivos constituímos um grupo de crianças com que pretendíamos aprofundar a problemática da imigração a partir das experiencias narradas e sobre o processo de imigração, desde os motivos, até ao processo de adaptação e integração no novo meio e respetivas dificuldades.

Depois de contatar a Associação local de apoio ao Imigrante e os potenciais sujeitos que convidaríamos como participantes da investigação, optamos por começar pela realização de entrevistas às mães e crianças. Como veremos adiante, a proposta de criar um grupo de investigação-ação participante foi inviabilizada pela distância e disponibilidade de tempo das famílias e crianças, que vivem condições especiais de inserção no trabalho, na escola e

na comunidade. Optamos por isso pela realização de entrevista semi-diretiva, de orientação (auto)biográfica. Em todos os casos a entrevista teve como ponto de partida uma conversa informal e ao recurso (discreto) a um guião que foi sendo elaborado a partir das primeiras conversas com as mães das crianças.

1.3 A Constituição do grupo participante como sujeitos da investigação

Tal como atrás referimos este trabalho foi planeado como processo de investigação -ação participativa, que assumiu contornos de um estudo de caso que foi realizado através de entrevistas aprofundadas. Os sujeitos convidados foram 5 crianças imigrantes, em que os dois, ou um, dos pais é oriundo dos países de Leste da Europa e residem em Aveiro. Em todos os casos, a língua materna não é o Português. Todas são do sexo feminino (ver Figura 2) e as suas idades estão compreendidas entre os 9 e os 18 anos. (Figura 3).

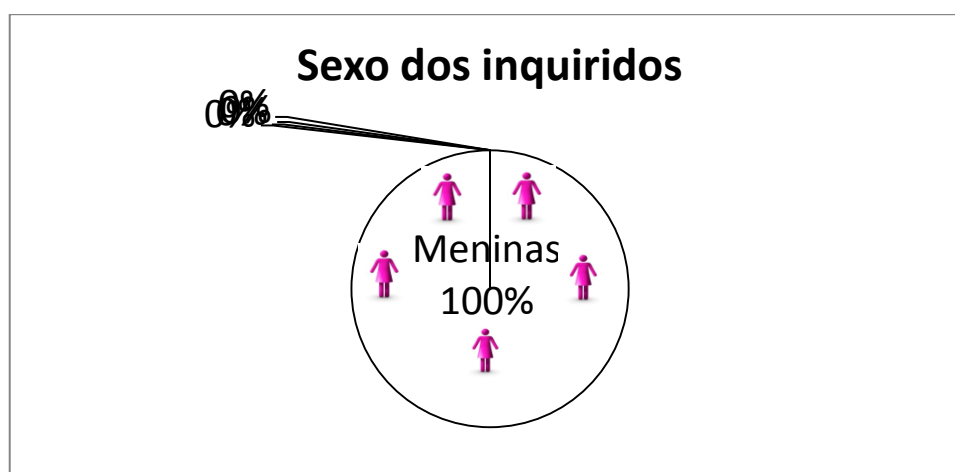


Figura 2. Sexo dos Inquiridos

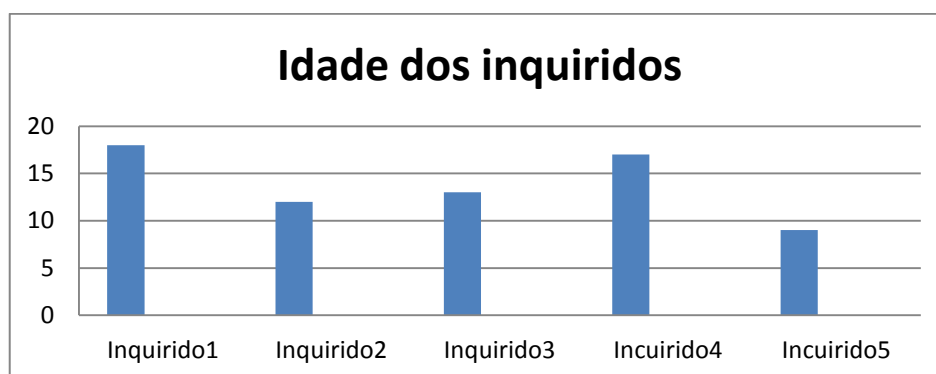


Figura 3. Idade dos Inquirido

Como já foi referido em cima, os inquiridos são dos países de Leste da Europa. Como se pode observar pela análise do Figura 4, temos uma criança da Roménia, três da Ucrânia e uma da Lituânia.

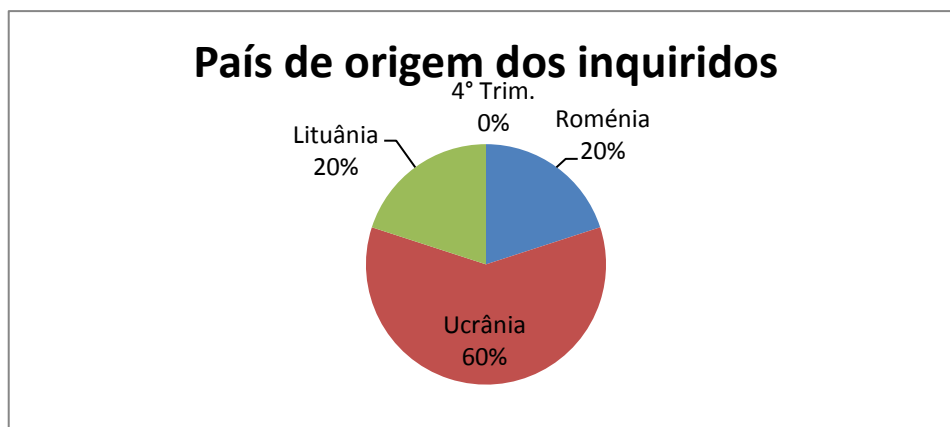


Figura 4. País de Origem dos Inquiridos

Para encontrarmos as respostas das todas as perguntas da investigação, foi necessário recolher informação das fontes adicionais. Foram entrevistadas as mães das crianças participantes.

2 - O Processo de Investigação

2.1 Fontes e Processos de Recolha dos Dados

A recolha e geração de dados desta investigação foram feitas por fases. A primeira consistiu na pesquisa bibliográfica e documental, em que criamos a base teórica sobre o fenómeno da imigração. A segunda etapa foi preparada pelo contato com uma Associação local de apoio ao imigrante, para identificação dos sujeitos e exploração de possíveis apoios na realização da investigação, ainda pensada como processo de investigação-ação participativa com crianças imigrantes. Processo que seria realizado em simultâneo com outros dois projetos que tinham como objetivo a escuta de crianças de etnia cigana e crianças de origem africana, residentes num dos bairros sociais da cidade. Onde esta localizada a sede da associação.

Ao contrário dos outros grupos constituídos, estas crianças não frequentavam a escola do bairro e estavam dispersas pela Cidade e tinham idades muito díspares. Nestas condições decidimos começar pela realização de entrevistas com as crianças e jovens imigrantes sinalizadas e com as suas mães. A entrevista as mães apresentou-se como uma condição necessária para termos acesso, contextualizar e conhecer as experiências vividas pelas próprias crianças.

Além das entrevistas, utilizamos também um instrumento expressivo – Metáfora do Rio, com o objetivo de invocar memórias e situar incidentes críticos do percurso de vida, que enriquecessem as entrevistas, com o possível alargamento do âmbito e da profundidade da informação dada sobre os acontecimentos mais importantes na vida dos sujeitos participantes, durante o período da imigração. De seguida apresentamos com mais pormenor o processo de estudo.

2.1.1 Pesquisa Bibliográfica e Documental

A pesquisa bibliográfica foi sendo completada nas várias etapas. Na primeira etapa procuramos aprofundar o nosso conhecimento e a informação sobre migrações e especialmente sobre a imigração na infância. Tivemos em atenção o caso de Portugal, como país de acolhimento de imigrantes das diversas nacionalidades. Procuramos dados atualizados sobre o fenómeno da imigração em Portugal e sobre a situação das crianças imigrantes de Leste.

Procuramos dados estatísticos sobre a evolução dos fluxos migratórios em Portugal. As fontes fundamentais foram o Serviço de Estrangeiros e fronteiras (SEF) e dados encontrados em estudos que tratam temas relacionadas a imigração. Apesar de ter encontrado vários dados oficiais senti falta da informação relativa ao número de crianças imigrantes residentes em Portugal. As estatísticas fornecem sobretudo dados sobre a população adulta.

Depois de explorar textos de investigação e documentos oficiais sobre a imigração em geral, focalizamos a leitura em investigações que tratam questões da imigração das crianças como grupo social, em que se aborda a relação entre infância e imigração. Nesta fase da pesquisa nos confrontamos com diferentes estudos sobre migração e sobre crianças migrantes que nos levaram a abordar também questões relacionadas com a escolarização. Constatamos que os estudos existentes eram muitos limitados e não encontramos nenhum

que abordasse o processo da imigração no sentido de compreender o que significa ser uma criança migrante, do ponto de vista das próprias crianças que a vivenciaram, ou seja, daquilo que contam sobre as suas experiências no país de acolhimento.

A segunda etapa, da recolha bibliográfica ocorreu depois de ter redefinido e entrado no campo de investigação e recolhidos alguns dados. Nesta fase a preocupação esclarecer e aprofundar a relação da prática o conhecimento da teoria.

2.1.2 A Recolha de Dados por Entrevistas

Escolhemos as entrevistas por ser uma técnica que, segundo Costa (2012) “o principal objetivo é suscitar liberdade para o entrevistado produzir a sua narrativa, dando-lhe a sequência que entender” e por concorrer na interação face-a-face entre uma ou mais pessoas. Tivemos também em atenção outras considerações feitas pelo autor quando refere a diversidade de critérios e tipos de entrevista entre as quais: entrevistas não-estruturadas ou estandardizadas, intensivas ou pouco profundas; das entrevistas individuais ou coletivas; exploratórias ou confirmatórias.

No caso desta investigação foram realizadas entrevistas não-estruturadas, dado que tal como refere Costa D. (2012:150), “as entrevistas não-estruturadas são adequadas quando o objetivo é reunir informação com um elevado grau de profundidade, sobre processos, situações ou percursos de vida (podendo incidir sobre uma experiência de vida)”, o que nos pareceu adequado ao objetivo deste trabalho de recolher a informação sobre as experiências das crianças imigrantes no processo da imigração. Outra vantagem que encontramos neste tipo de entrevista foi a riqueza dos dados obtidos, pela possibilidade do uso flexível de um guião com os tópicos fundamentais sugeridos pela análise bibliográfica e documental. Durante as entrevistas a ordem das perguntas foi alterada, e não foram feitas algumas perguntas constantes do guião, quando isto nos pareceu mais facilitador da comunicação ou quando se tratou de aspetos mais delicados em que os sujeitos pareciam não estar muito a vontade.

2.1.3 Metáfora do Rio

Tal como referimos anteriormente esta técnica tem como objetivo aumentar a comunicação com as pessoas que narram as suas experiências de vida. A Metáfora do Rio (ver o Anexo-4) foi introduzida na comunicação no momento que nos pareceu mais adequado a cada situação.

Para a utilização deste instrumento, apresentamos uma folha A4 com as linhas desenhadas que simbolizam o Rio – o caminho/período da imigração em Portugal. Pedimos para sinalizar acontecimentos, eventos, ou outros aspetos relevantes que orientaram o percurso de vida depois de terem imigrado. O início do rio corresponde ao momento de chegada para Portugal e as linhas do rio são o percurso de vida durante o período da imigração.

2.2 O Percurso de Produção do Conhecimento

2.2.1 A Entrada no Terreno

Primeiro passo para entrar no terreno, foi um contato com a direção do Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAII) de Aveiro, estabelecido no fim de Outubro e no início de Novembro. Tivemos a indicação da existência da Associação Parceiros da Amizade – como uma das associações que trabalha com população imigrante residente em Aveiro.

No dia 26 de Novembro foi entrado em contacto com a direção da associação, com o objetivo de identificar e obter os contactos de crianças imigrantes dos países do Leste europeu, residentes em Aveiro. Após a apresentação do projeto à associação, foram contactadas 10 famílias das quais 8 se mantiveram interessadas depois primeiro contacto. Após o segundo contacto recebemos apenas 6 respostas de confirmação da participação o que foi reduzida a 5 durante a investigação. Desta forma garantimos que a participação de todos os sujeitos foi uma escolha voluntária.

2.2.2 O Momento de Escuta das Crianças e suas Mães

A escuta das crianças desenvolveu-se entre dia 26 de Janeiro e 13 de Agosto. Foram realizadas ao todo 9 entrevistas no contexto de 16 encontros individuais com as crianças e respetivas mães após um contacto informal prévio. Todos os encontros foram registados como Notas de Campo (ver Anexo 5).

As entrevistas foram realizadas em espaços escolhidos por cada uma das participantes. No caso das mães, o sítio mais frequente foi o local do trabalho; para as crianças, foi o espaço da casa.

Os primeiros encontros individuais foram realizados com as mães. Depois de apresentar o projeto e os objetivos, pedimos a permissão da colaboração das crianças. O contacto com

as crianças foi mediado pelas Mães, que também facilitaram os encontros individuais com elas.

Todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio, tendo para tal, sido pedido consentimento verbal tanto às mães quanto às crianças as fontes principais para o desenvolvimento desta investigação.

As entrevistas foram transcritas durante o processo da sua realização e foi sendo feita uma leitura continuada das mesmas, como texto escrito, no qual respeitamos a expressão verbal dos participantes (ver Anexos 1 e 2).

2.2.3 O Momento de Escuta das Crianças e suas Mães

Neste momento do processo procuramos referências sobre a forma de transformar o que ouvimos e documentamos como experiência das crianças e suas mães em conhecimento que pudesse ser refletido e questionado com uma outra leitura baseada nos referentes teóricos que tínhamos tido em conta no início da investigação. Encontramos na bibliografia sobre metodologia de investigação as definições e recomendações de alguns autores que tomamos como referência na apropriação do sentido dos que nos tinha sido dito nas entrevistas e que tínhamos constituído como texto escrito.

Para Bardin (1977:42), a análise de conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”

No nosso trabalho procedemos o que Gunter (2000) caracteriza como análise narrativa, ao referir que “neste tipo de análise o mais importante são as personagens e os seus atos, dificuldades, escolhas e desenvolvimentos e não tanto as características do texto; os textos são considerados histórias – a mensagem é tomada como uma versão editada de uma sequência de eventos, cujos elementos são descritos e caracterizados segundo a sua estrutura.”

Para apreender os temas emergentes nas entrevistas começamos, tal como propõe Bardin (1977), como processo de análise de conteúdo, por fazer uma leitura “flutuante” das entrevistas com o objetivo de conhecer o sentido geral do conteúdo; identificamos as ideias e temas principais nos textos das entrevistas, e a partir daí identificamos possíveis

categorias que nos permitiram seleccionar unidades de sentido que eram significativas para os objetivos da análise e estabelecer as dimensões relevantes (cf. Bardin; 1977).

A análise do conteúdo das entrevistas foi realizada tendo em conta as dimensões que se apresentam a seguir.

Quadro 1. Dimensões de análise das entrevistas às mães das crianças

Dimensões de análise		
A decisão de imigrar	Vida no país de origem e em Portugal	O significado/importância da imigração

Quadro 2. Dimensões de análise das entrevistas às crianças imigrantes

Dimensões de análise			
Vinda a Portugal	Adaptação e integração	Escola portuguesa e alunos imigrantes	Identidade

- Definição das categorias e subcategorias da análise.

Quadro 3. Sistema das categorias das entrevistas às mães das crianças imigrantes

Dimensões de análise	Categorias/subcategorias
A decisão de emigrar	Imigração O tempo de vida em Portugal. As primeiras ideias de emigrar para o outro país. A escolha de Portugal como país de destino Os motivos para emigrar
Vida no país de origem e em Portugal	As experiências depois de imigrar A experiência de imigração à chegada. As dificuldades enfrentadas. O que gostou e não gostou? Os acontecimentos mais importantes A comparação das vidas nos dois países A ocupação no país de origem e de destino

	A comparação entre os países.
O significado/importância da imigração	A importância da imigração para Portugal Como vida mudou? Influência da imigração para as crianças.
O futuro	Os planos para o futuro A volta para país de origem. Planos de ficar em Portugal.

Quadro 4. Sistema das categorias das entrevistas às crianças imigrantes

Dimensões de análise	Categorias/subcategorias
Vinda a Portugal	O processo da imigração A história de vinda a Portugal. A idade no momento da imigração. A tomada de decisão de imigrar.
Adaptação e integração	O processo da adaptação e integração Os sentimentos, emoções vividos As dificuldades. O apoio. A aprendizagem da língua. Propostas para a melhoria das condições de integração.
Escola portuguesa e alunos imigrantes	A escola Adaptação na escola. A preparação da escola para receber as crianças imigrantes.
Identidade	Questões da identidade Qual país de referência em “casa”? Quem é a criança imigrante? (Questão da identidade nacional) Os amigos. A língua usada em casa.
Relação com país de origem	As visitas A última visita do país de origem. As saudades. O desejo de regressar.

CAPITULO III

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

1 – As Circunstancias de Ser Criança e Imigrante em Aveiro

1.1 Uma Aproximação das Histórias das Famílias Imigrantes

Neste capítulo vamos abordar as histórias de imigração das crianças, a partir da análise e interpretação das entrevistas realizadas com um grupo de crianças imigrantes dos países da Europa de Leste, residentes em Aveiro e respetivas mães.

O texto está organizado segundo a ordem das categorias de análise que constam dos quadros apresentados no Capítulo II.

Retomamos assim o objetivo de compreender como as crianças vivem e interpretam as suas circunstâncias de imigração, tendo como finalidade dar voz às suas experiências e algumas das suas propostas para a melhoria das suas condições do bem-estar e inclusão, em Aveiro, enquanto Cidade Amiga das Crianças.

1.2 A Experiencia de Imigração revisitada pelas Mães

Como já foi referido a atividade de escuta das crianças foi medida pelas suas mães. Em todos os casos, as mães foram contactadas e envolvidas na investigação antes das crianças, para que pudéssemos ter uma compreensão mais ampla e aprofundada do processo de imigração e das circunstâncias vividas pela criança como parte da família.

Em dois casos as mães não foram entrevistadas; uma por alegar motivos pessoais que justificavam a reserva da sua privacidade e outra porque a filha já tinha completado dos 18 anos, dispensando por isso a autorização para participar na investigação. Foi assim a análise da entrevista das mães de três crianças participantes que nos deu a conhecer algumas dimensões da experiência de imigração das crianças, que passamos a apresentar.

1.3 A Decisão de Imigrar para Portugal

As mães das crianças escutadas neste estudo são originárias de países diferentes, uma da Lituânia, uma da Rússia e duas da Ucrânia e residem em Portugal num período compreendido entre 11 e 12 anos, por volta de 2001, ou seja do período em que se fez sentir com maior intensidade a vinda de imigrante da Europa do Leste para Portugal. Foi neste período em que houve maior mudança nos fluxos migratórios, tendo que assistido a um drástico crescimento da população imigrantes do Leste.

Relativamente às *primeiras considerações sobre a imigração e aos motivos de imigrar* as repostas das mães são muito semelhantes e estão relacionadas com a procura de melhoria das condições da vida, como é referido nas entrevistas:

- “... *as pessoas estavam a dizer que era melhor trabalhar no estrangeiro é melhor a trabalhar, que paga-se melhor...*”. (mãe da Ucrânia).
- “... *nós chegamos cá só para ganhar um bocado dinheiro e voltar para a Ucrânia...quando chegamos cá, começámos a trabalhar, começámos a ver que não vamos ganhar muito dinheiro, milhões, quando vemos que a vida aqui é mais calma do que na Ucrânia, e um bocadinho melhor, nós decidimos ficar cá.*” (mãe da Ucrânia).
- “*Quando acabei os meus estudos na Lituânia, não consegui encontrar o emprego... Assim passou um mês, e eu pensei que isso não pode continuar, tenho que procurar as outras soluções. Assim comecei a considerar a possibilidade de imigrar para outro país.*” (mãe da Lituânia).
- “*Pensei quando o meu marido foi para o estrangeiro para ganhar algum dinheiro e depois passado o meio ano decidi ir para lá.*” (mãe da Rússia).

Na maior parte dos casos, os primeiros a imigrar foram os maridos. As mulheres imigraram depois e trouxeram as crianças. Havia portanto a intenção de unificação da família.

Quanto aos motivos da *escolha de Portugal como país de destino* também são muito semelhantes. Três mães justificaram a escolha com o argumento de que era mais fácil ir para Portugal do que para qualquer outro país, tal como nos confirmam as entrevistadas:

6. “*Quando naquela altura o meu marido saiu de lá para arranjar o emprego no estrangeiro, da toda Europa foi mais fácil para estrangeiros entrar em Portugal. Por isso não foi uma escolha, foi um “calha.”* (mãe da Rússia).
7. “*Porque era mais fácil chegar para esse país. Para Inglaterra, Espanha e França era muito difícil...Porque era mais fácil, por isso chegamos para aqui.*” (mãe da Ucrânia).

8. *“Diziam que aqui seria mais fácil adaptar-se, mais fácil arranjar o trabalho... que a língua não era tão complicada, então foi assim que nós chegamos ate aqui.”* (mãe da Ucrânia).

No entanto, motivo de escolha apresentado por uma entrevistada foi diferente:

- *“A empresa onde arranjavam os trabalhos no estrangeiro, ofereceu um bom trabalho em Portugal, como secretaria.”* (mãe da Lituânia).

1.4 A Vida Antes de Depois de Imigrar

Nas memórias das entrevistadas as *experiências do início da imigração* são diferentes. Apesar de referirem algumas dificuldades, as mães da Ucrânia e da Rússia referem experiências mais positivas do que as dos outros países.

- *“Claro que mais no início não sabia a língua, era muito difícil, gostei muito de clima, porque cheguei aqui no verão, estava muito calor; estava muito bom tempo, praia, eu gostei muito disto.”* (mãe da Ucrânia).
- *“Para mim não era muito difícil porque primeiro chegou o meu marido...E como ele trabalhou na fábrica, ele falou com o patrão e arranjou o trabalho para mim.”* (mãe da Ucrânia).
- *“O meu marido trabalhou como engenheiro informático, ganhava muito bem na altura...No início foi tudo muito bom, nos primeiros meses, arranjam uma casa na Barra, então foi mesmo as férias.”* (mãe da Rússia).

A mãe oriunda da Lituânia conta experiências complicadas e muito difíceis:

- *“Eles trouxeram-nos para a Guarda. Os homens foram separados das mulheres. Eu tinha muito medo.”* Levaram duas meninas para outro lugar e a mim deixaram num hotel trancada no quarto. Eu tinha muita fome, estava a chorar e ouvi alguém a falar lituano lá fora. Era uma família lituana; eles ajudaram-me muito, ajudaram a fugir daquele hotel para o Porto, deram-me a comida e dinheiro.” “Nunca mais vi as outras meninas”. “As meninas que tinham vindo na semana

anterior, foram todas vendidas na Espanha.” (mãe da Lituânia).

Após de rever as experiências narradas, podemos concluir que as mães que já tinham os maridos a trabalhar em Portugal, tinham experiências mais positivas e mais facilidades do que a mãe que vinha sozinha sem nenhum conhecimento e sem ninguém a espera.

Quanto aos acontecimentos e eventos mais importantes que marcaram e orientaram o percurso da imigração, as mães referem na sua maioria os acontecimentos relacionados com a vida familiar, especialmente com as suas filhas, ou com a vida profissional:

- *“...a minha filha chegou em 2004.”; “Trabalho numa pastelaria que se chama Ria Burger desde 2006.” (mãe da Ucrânia).*
- *“Claro que o mais importante foi quando trouxemos a nossa filha para cá, em 2004. Também foi muito importante quando nós mudamos a cidade...” (mãe da Ucrânia).*
- *“Eu acho um desespero; eu já sei falar bem e tenho todos os documentos equivalentes, mas não consigo arranjar o trabalho, o lugar, que corresponde a minha formação...isso para mim foi muito triste, eu acho que isso não era correto.” (mãe da Rússia).*
- *“Claro, o mais importante foi o nascimento da minha filha Martute, em 2003. Isso foi melhor coisa da minha vida.” (mãe da Lituânia).*

O processo da imigração muitas vezes é relatado e avaliado através da comparação entre “lá e cá”, “antes e agora”. No que concerne à *comparação da vida no país de origem e em Portugal*, as mães das crianças, comparam a situação do trabalho, as pessoas e as culturas. No que se diz a respeito a ocupação no país de origem e em Portugal, nenhuma das mães entrevistadas trabalha na área que corresponde as formações adquiridas no país de origem, quando muito trabalha na área afim.

- *“Trabalhava como pasteleira. Agora sou cozinheira.” (mãe da Ucrânia).*
- *“Eu acabei o curso da contabilidade na universidade e também tenho o diploma da cozinheira. Nunca consegui encontrar um trabalho na minha área. Sempre trabalhei como ajudante de cozinha ou cozinheira. Agora faço limpezas.” (mãe da*

Lituânia).

- “Sou professora da escola primária e tenho o curso do método de Montessori. Abri uma escola de Montessori lá na Rússia e nos últimos anos fui a diretora daquela escola.”; “Arranjei um lugar trabalhar como educadora voluntária.”; “Calhou naquela altura uma oportunidade de trabalhar na ATL.” (mãe da Rússia).
- “Eu trabalhava como professora na escola primária e como professora de música na secundária.”; “Como que eu não sabia da língua eu trabalhava na fábrica. Agora eu tenho o meu negócio, trabalho como costureira, na loja arranjo de costura.” (mãe da Ucrânia).

Relativamente à comparação dos países, as diferenças referiram-se ao nível da vida e a cultura.

- “...em Portugal tem as coisas boas e más, e na Ucrânia também tem coisas boas e más.”; “...ali cada ano fica pior porque as fábricas estão a fechadas e gente não tem trabalho, aqui nós podemos arranjar trabalho com ordenado mínimo, mas lá isto é muito difícil. Nível da vida aqui em Portugal é mais alto do que na Ucrânia.”; “Em Portugal toda a gente é mais simpática... lá na Ucrânia a gente é mais fechada.”; “Há diferença sobre cultura, nós somos dum país mais frio, mas a nossa cultura também é muito rica.” (mãe da Ucrânia).
- “É muito difícil a comparar, talvez fosse mais fácil comparar a cultura europeia e a cultura da Rússia.”; “...as pessoas aqui nos primeiros contactos são mais cuidadosas com outros.”; “Acho que as pessoas da Rússia são mais certas, dizem mais verdade, não escondem tanto a opinião. Os portugueses muitas vezes dizem uma coisa e depois atrás das costas, outra coisa.” (mãe da Rússia).
- “Os portugueses são as pessoas muito amigáveis, são muito simples, e por isso foi fácil adaptar.”; “Claro, quando cheguei para aqui podia fazer a diferença. Lá deixaram a funcionar as fábricas, como agora está a acontecer aqui, não havia trabalho, era mais difícil. Quando eu vim para Portugal era mais fácil arranjar o trabalho.” (mãe da Ucrânia).

- “O clima. Claro. Aqui o tempo é muito bom. As pessoas são muito simpáticas,

sempre querem ajudar (...sorrisos). Lá na Lituânia, não é assim, não existe nenhuma simpatia, nada, as vezes parece que nós fizemos alguma coisa... nunca estão satisfeitas com nada.” (mãe da Lituânia).

1.5 A Importância da Imigração: na vida das mães e na vida das crianças

Na consideração da *importância da imigração* podemos destacar duas dimensões importantes nas entrevistas das mães. A primeira diz respeito as mudanças que a imigração trouxe nas suas próprias vidas e, a segunda diz respeito à importância da imigração nas vidas das filhas. Relativamente às mães as opiniões dividem-se, na forma como justificam porque consideram que a imigração foi importante para elas e como mudou e influenciou as suas vidas

Encontramos, que algumas mães consideram a imigração importante porque encontraram novos amigos, porque aprenderam novas coisas, porque reuniram a família.

- *“A imigração para Portugal foi uma grande experiência na minha vida. Claro aprendi a nova língua, aprendi a viver nas condições diferentes, passei por muito aqui. Aprendi a conhecer as pessoas, aprendi antes de dizer, pensar mais.”* (mãe da Lituânia).
- *“...encontrei aqui as pessoas que hoje são amigas, porque senti-me bem, as pessoas ajudam quando preciso, tenho trabalho e claro como a minha filha já está aqui comigo, não falta mais nada.”* (mãe da Ucrânia).
- *“Era importante porque nós chegamos para cá porque procuramos duma vida melhor, e quando passaram 3 ou 4 anos nós vimos que na Ucrânia em cada ano fica pior e pior e para nós, para nossa família, para nossa filha está melhor ficar cá porque aqui está mais calmo, nós sabemos que amanhã vamos ter trabalho, e pronto, é por isso, é para futuro.”* (mãe da Ucrânia).

Uma das mães entrevistada apresentou a opinião oposta:

- *“Não é importante. Num lado é importante porque eu decidi na altura estar com o meu marido. Isso era importante, eu tinha que escolher estar sozinha com os filhos na minha terra e ser a diretora e trabalhar na minha profissão ou juntar a família e deixar as crianças ter o pai na vida delas.”* (mãe da Rússia).

1.5.1 A Importância da Imigração na Vida das Crianças

Quanto à importância da imigração nas vidas das crianças, descobrimos as diferentes posições. Uma das mães considera que a imigração deu-lhe a possibilidade de dar mais às crianças:

- *“Eu acho que aqui nós podemos dar para ela mais do que na Ucrânia, porque lá as vezes nem podíamos comprar algumas coisas, nem pagar as aulas de arte ou aulas de dança. Aqui nós podemos fazer tudo isso.”* (mãe da Ucrânia).

A mãe de outra criança vê a imigração como um ganho e como uma perda, ao mesmo tempo:

- *“Mas eu acho que o meu filho mais velho ganhou algumas coisas que talvez não conseguia lá, por exemplo a língua portuguesa, mas perdeu as outras coisas que tinha boas lá.”* (mãe da Rússia).

A perda de relação com a língua materna é vista por outras mães como uma perda, na situação de imigração. As crianças que participaram no estudo não falam quase nada nas línguas maternas, que continuam a ser usadas pelas suas mães:

- *“Ela sabe falar pouco ucraniano, já não lembra quase nada, porque nós estivemos na casa abrigo. Lá todas as pessoas são portuguesas, e quando eu falava com ela em ucraniano eles ficavam lá chateados. Eles disseram para mim que fica um bocado feio para vocês falar ucraniano quando estão no meio das outras pessoas. E pronto, nós começamos assim e agora em casa falamos português.”* (mãe da Ucrânia).
- *“A minha filha nasceu cá em Portugal. No início, tentei a ensinar ela falar lituano,*

queria muito que ela aprendesse a minha língua.”; “Ela ficou mais e mais tempo com os portugueses, com os avós dela, começou a andar na escola e esqueceu-se tudo.”; “Enquanto ela estava mais pequena ainda dava para comunicar mais com os meus países, eles iam observar as flores e tentar apanhar as borboletas, mas agora eles não se percebem entre si.” (mãe da Lituânia).

1.6 Planos das Mães em Relação ao Futuro

Constatamos que as mães entrevistadas não têm planos de voltar para os países delas. O argumento é de que “a vida já está feita cá”. Apesar disso, encontramos as outras considerações ligadas ao melhor futuro também:

- *“Agora não, a minha vida é aqui. A minha família, os trabalhos, tudo. E para a Marta aqui está melhor. Era muito difícil ir para a Lituânia agora, eu se calhar arranjava algum trabalho, mas o meu marido, sem língua não arranjava nada. E para a Marta não era fácil aprender a língua, começa a andar na outra escola. E também aqui o futuro tem mais estabilidade, aqui não tenho tanto medo sobre o futuro como as pessoas lá na Lituânia. Aqui sinto-me mais segura.” (mãe da Lituânia).*
- *“Só se ficar aqui na rua sem comida e sem trabalho. Mas eu acho que isso não deve que acontecer.” (mãe da Ucrânia).*
- *“Agora já tenho tudo aqui, quero construir a minha vida cá, quero permanecer e construir o futuro.” (mãe da Rússia).*

Só uma entrevistada apresenta outro tipo de resposta. Notamos a dúvida sobre a questão de volta para o país de origem:

- *“Para já não. Mas não posso dizer que não pensei. E não posso dizer que nunca volto, porque não sei como é que vai a vida, hoje fica bem aqui mas daqui, não sei há quanto tempo, 10, 15 ou 20 anos fica bem na Ucrânia. Eu estou a pensar, mas só passar as férias e como eu tenho família lá, tenho a mãe, tenho o pai, nós estamos aqui sozinhos e as saudades matam, por isso sempre estou a pensar sobre a Ucrânia.”*

1.7 A Visão das Mães: Como Horizonte de Possibilidade das crianças

As mães das crianças participantes neste estudo decidiram emigrar, em todos os casos, por motivos financeiros, tendo como objetivo melhorar a vida das suas famílias. Encontramos um cenário comum, os primeiros a emigrar foram os homens, seus maridos, depois elas, suas mulheres, e logo a seguir as crianças. Foi a maior facilidade de entrar em Portugal, do que nos outros países europeus, que determinou a escolha do país de destino destas famílias. Embora a maioria das mães entrevistadas não tenham tido grandes dificuldades depois de ter imigrado para Portugal, uma delas passou por experiências muito complicadas.

Constatamos que a situação familiar é uma condição que diferencia as experiências vividas pelas mães. As mães cujos maridos já estavam a trabalhar em Portugal, tiveram as experiências mais positivas do que a mãe que chegou sozinha no país de destino e acolhimento. As trajetórias de imigração destas famílias, foram marcadas sobretudo por acontecimentos relacionados com a vida familiar e principalmente com a chegada das crianças e reunificação da familiar, e também com a vida profissional.

Notamos que na comparação entre a sua condição em Portugal e no seu país de origem, o “cá e lá”, e o “antes e agora” incide especialmente sobre a sua vida profissional, mas também sobre as disposições das pessoas e sobre as culturas local e de origem. Quanto às ocupações profissionais, nenhuma das mães conseguiu encontrar em Portugal um trabalho que correspondesse a sua área de formação académica ou prática, adquirida antes da imigração.

As mães das crianças acham as pessoas em Portugal muito simpáticas, amigáveis, e sempre dispostas a ajudar. Consideram as culturas dos dois países, de origem e de acolhimento, ricas e diferentes. Estas mães avaliam positivamente a sua experiência de imigração. Considera esta experiência importante para as suas próprias vidas, mas também para as vidas das suas filhas.

A imigração é vista pelas mães como uma oportunidade de aprender as coisas novas, uma nova língua, fazer novas amizades e adquirir conhecimento. Consideram que a imigração facilitou as vidas das famílias imigrantes, porque criou uma possibilidade dar mais às crianças; consideram no entanto que houve perdas em relação com a língua materna, porque maioria das crianças imigrantes já não falam nas suas línguas maternas. Quanto ao

futuro, nenhuma das mães tem planos de voltar ao seu país de origem; argumentam que a sua vida “já está feita aqui” e imaginam um futuro mais seguro e melhor em Portugal.

2 - A Experiência de Imigração Vivida e Lembrada pelas Crianças

- Esta parte do trabalho é dedicada à escuta da experiência de um grupo de crianças do Município de Aveiro, que partilham entre si o estatuto de crianças imigrantes, por serem todas filhas de pais imigrantes países do Leste da Europa, sendo que uma delas já nasceu em Portugal.
- Para melhor situar o seu ponto de vista neste trabalho, começamos por apresentar um quadro com alguns dados que caracterizam muito sinteticamente a posição de cada uma. (Quadro 5).

Quadro 5. As crianças participantes

Identificação	Idade	Sexo	País origem	Residência em PT	Inserção Escola
Raluca	18	Feminino	Roménia	9	Universidade de Aveiro
Viktoria	17	Feminino	Ucrânia	8	Escola de José Estevão em Aveiro
Anna	13	Feminino	Ucrânia	8	Escola de José Estevão em Aveiro
Anastasia	12	Feminino	Ucrânia	2	Escola Aires Barbosa em Esgueira
Marta	9	Feminino	Lituânia	9 (nasceu Portugal)	Escola de João Afonso em Aveiro

Como podemos observar apesar de todas serem do sexo feminino, o grupo de sujeitos que participou nesta investigação é muito heterogéneo em termos (i) de idade (que varia entre os 9 e os 18 anos), (ii) do país de origem dos seus pais, apesar da sua pertença ao Leste de Europa (Ucrânia, Lituânia e Roménia), (iii) do tempo de residência em Portugal (varia entre dois e nove anos), e (iv) das escolas e níveis de ensino que frequentam (em Aveiro ou proximidades).

2.1 Entre a Partida Decidida pelos Pais e Vinda para Portugal

As histórias que as crianças lembram sobre a sua vinda a Portugal, partem de um cenário comum: a partida de um ou dos dois pais, terem continuado a viver no país de origem com familiares no país de origem e a espera que os pais as pudessem vir busca-las para viver junto deles em Portugal. Elas contam assim esta experiência:

- *“o meu pai veio para cá ver se encontrava algum trabalho. Encontrou, e depois voltou para a Ucrânia e levou a minha mãe. Eles foram juntos para Portugal. Eu fiquei lá com o resto da minha família, com a minha avó. Depois passado um ano, voltaram, voltou o meu pai buscar-me, depois de resolver alguns papéis que demoraram um ano... (quando vim) “Eu tinha 9 anos” (Viktoria).*
- *“Eles disseram para os meus avós que decidiram ir para o estrangeiro procurar o trabalho e as melhores condições, porque lá na Ucrânia não há assim boas condições...o meu pai foi quando eu tinha 1, e a minha mãe foi quando eu tinha 2 anos. E eu fiquei com os avós até os 5 anos e depois os meus pais voltaram a me buscar... “Eu estava quase para ir para a escola. Eu fui para a escola aos 6 anos”” (Anna).*
- *“ A minha mãe veio para aqui para Portugal para trabalhar e eu fiquei na Ucrânia com os meus avós, e depois a minha mãe decidiu para ir buscar-me (...) Eu já estou cá há 2 anos” (Anastasia).*

“A primeira pessoa que chegou cá foi o meu pai, por causa da situação económica, e veio para cá porque tinha um conhecido que ajudou e assim ele encontrou o trabalho, e então, quando estávamos separados, passavam os anos e eu e a minha mãe começámos a pensar ir atrás do meu pai (...) Vim para aqui com 7 anos.” (Raluca)

2.2 O Envolvimento na Decisão de Partida e o Encontro com o Desconhecido

Ao escutar as crianças ficamos a saber que só algumas crianças tinham sido envolvidas no processo de decisão de imigrar dos pais e na decisão do momento de vir com eles ou ter com eles a Portugal. As crianças relatam desta forma o acontecimento que alterou todo o seu contexto de vida:

- *“Ninguém perguntou nada, mas eu queria muito ir para Portugal, para ter com os meus pais.”* (Viktoria).
- *“Não, acho que não.”* (Raluca).
- *“Quando eu era pequena, eu não dizia sim ou não, levaram e pronto.”* (Anna)
- *“Perguntou, pois. Claro que eu não queria deixar todos lá, mas eu também queria ir com a minha mãe.”* (Anastasia).

Quando falam da experiência de ser levada de uma realidade para a outra, as crianças imigrantes deixam transparecer sentimentos muito diversos no contato com o novo contexto de vida e inserção. Contam elas:

- *“Foi tudo muito estranho, aqui estava tudo muito mais desenvolvido do que lá, havia as coisas diferentes. Eu vinha duma cidade pequena, com animais e tudo, aqui a cidade era maior, mais desenvolvida. E a minha maneira de vestir, falar e ser era um bocado estranha.”* (Viktoria).
- *“Lembro que não sabia o que estava a acontecer, estava a vomitar no autocarro quando estava a viajar.”* (Raluca).
- *“Lembro sentia-me muito sozinha, não percebi nada.”* (Anastasia).
- *“Eu, às vezes, olhava para as pessoas e associava com algumas palavras da minha terra, foi uma confusão, mas depois foi fácil... é muito diferente, eu estava habituada ao meu bairro, aos meus amigos, e depois quando eu vinha para aqui, era o “novo mundo”, as outras coisas, nova língua, novas pessoas.”* (Anna)

As crianças falaram das *dificuldades* que viveram no seu processo da adaptação ao meio desconhecido, tendo manifestado atitudes diferentes em relação a várias dimensões do processo:

- “*O mais difícil foi habituar-me, foi difícil habituar as pessoas, o país, porque é muito diferente, também aprender a língua.*” (Anastasia).
- “*O mais difícil se calhar, foi integrar-me no início, porque as pessoas são diferentes das pessoas que são lá. Mas foi fácil, foi fácil aprender a língua, na escola foi fácil.*” (Raluca).
- “*A cultura, que é completamente diferente, as pessoas, como elas pensam, reagem, tudo era completamente diferente, o tempo.*” (Viktoria).

2.3 A Escola Viva Como Lugar de Aprendizagem e de Socialização

Ao ouvir as crianças pudemos constatar o que tínhamos reconhecido na parte teórica: a escola desempenha uma parte importante no processo da integração das crianças imigrantes. É aí que elas fazem os seus primeiros contactos com outras crianças e adultos no país de acolhimento e se confronta com a diferença entre a sua cultura e a cultura local e nacional, que deverá atender.

As crianças falam assim da sua experiência nos seus primeiros dias na escola e a adaptação delas esperada e por elas tentada:

- “*Lembro-me que eu vinha com roupa que para outros parecia muito estranha, não percebia nada o que eles estavam a dizer a mim; todos estavam a pensar que eu era uma rapariga muito estranha.*” (Viktoria).
- “*Eu fui para escola e a minha mãe estava comigo, e estavam lá as meninas da minha turma. Estavam lá a falar e eu acho que estavam lá a falar sobre mim. Eu estava muito tímida, porque não sabia falar muito bem português. Eu já estava cá 7 meses quando fui para escola. Depois comecei a falar com os meninos, e eles começaram a falar comigo e tudo correu muito bem.*” (Anastasia).
- “*Já conhecia várias crianças do infantário que também foram para mesma escola*

como eu, então tinha os meus amigos lá. Lembro-me que o grupo dos meus amigos sentou-se num lado e o outro grupo sentou-se no outro, e nós estávamos olhar uns para os outros, não conhecíamos ninguém, mas depois fomos apresentando, correu tudo bem ao longo do tempo.” (Anna).

A maioria das crianças refere-se a língua do meio de acolhimento sobretudo como aprendizagem. Quando lhes perguntamos sobre o assunto referiram-se sobretudo ao ritmo e grau de dificuldade e não tanto as dificuldades encontradas na comunicação

- *“ depois foi rápido.”; “Em geral acho que é mais ou menos. Às vezes tenho muitas dificuldades. Falo bem português, mas tenho dificuldades de escrever.” (Viktoria).*
- *“ a língua aprende-se bem, aprendi no infantário, acho que aqui não há nada difícil por enquanto. (Anna).*
- *“No início eles separaram-me numa sala para aprender a língua, foi tudo devagar.” (Raluca)*
- *“Aprender a língua foi muito complicado, eu pensei que nunca conseguia aprender a língua, mas a final consegui.” (Anastasia).*

Surpreendeu-nos que a aprendizagem da língua tivesse sido mais complicada para a menina que já nasceu em Portugal. Ela fala português, mas como a mãe é da Lituânia, ela está a aprender lituano como obrigação:

“A minha mãe também me obriga.” (Marta).

Quando falam das suas dificuldades e do apoio que encontram as crianças falam especialmente da escola e de modo especial dos novos colegas e amigos, talvez por ser este o primeiro lugar onde cada criança se confronta com expectativas e exigências da outra cultura.

- *“Eu não tinha nenhum apoio, só sentava nas aulas, estava a ouvir e depois mais ou menos depois de um ano comecei a falar.... “Nunca me deram muito apoio, nunca ajudaram a parte.”; “Eu tinha uma amiga na turma que era russa. Ela era única*

pessoa que quando eu precisasse ela ajudava, isso era bom.” (Viktoria).

- *“As pessoas na escola ajudaram muito, especialmente uma professora. As crianças também foram muito simpáticas comigo, queriam saber se onde sou, conhecer-me.” (Raluca).*
- *“ na primaria não há apoio, mas na secundaria há da língua portuguesa e de matemática.” (Anastasia)*
- *“Eu lembro-me que no infantário eu tinha o ajudante que me ensinava as palavras, que me dava os exercícios para fazer com os números. Era para mim e para meu amigo. Nós tínhamos um acompanhante, uma pessoa que nos ajudava.” (Anna).*
- *“No início eles mais separaram-me numa sala para aprender a língua... As pessoas na escola ajudaram muito... As crianças também foram muito simpáticas comigo...Na escola eu conheci a minha melhor amiga. Quando eu vinha para cá eu tinha feito o primeiro ano lá na Roménia e cá eu continuei, e então não tinha que perder um ano na escola.” (Raluca).*

2.3.1 Entre a Escola Viva, Lembrada e Desejada

Ao procurar saber o que as crianças imigrantes pensavam sobre a escola do país de acolhimento, e sobre a sua preparação para a educação e integração dos alunos dos países estrangeiros, as opiniões das crianças diferiram, mas a tendência comum foi comparar esta escola viva com a escola do país de origem que lhes era conhecida ou que é idealizada, a partir do que lhes falam os pais.

- *“Aqui é mais descontraído, mas aprendesse mais, lá é muito mais rígido e tem que decorar tudo e no final não aprendesse muito. Lá é tudo mais difícil, os exames e aulas. Acho, que aqui aprendesse mais porque aqui é tudo mais pratico. E acaba por ser melhor.” (Raluca).*
- *“A escola em que eu ando, tem o programa para aqueles que tem algumas deficiências, para aqueles que estão de fora. Por exemplo, a minha amiga, ela está cá há só 3 anos, e ela tem os apoios que ajudam a melhorar a língua, a língua escrita e tudo isso. E acho que é bom, porque ela está cá há pouco tempo, mas*

conseguiu melhorar um bocadinho.” (Anna).

- *“Acho que não está bem preparada, porque não tem nada a ver, comparado com a Ucrânia. Na Ucrânia está muito bem preparada, na minha escola todos eram bons alunos, só havia por exemplo dois ou três maus, todos bons. Mas aqui em Portugal os alunos tiram 3, tiram poucos 5 e 4 e por isso eu acho que não é bem preparada.” (Anastasia).*
- *“Para mim nunca deram muito apoio, nunca ajudaram aparte. Se calhar precisava criar mais apoio aparte. Eu precisei muito disso. Mas se calhar mais apoio.” (Viktoria).*
- *“Não sei” (Marta).*
- *“Há o bairro social. Eu falei com uma mãe da Moldávia, ela disse que quer mudar de escola porque há pouco apoio. Contou a situação, quando para as meninas disseram se calar e voltar para o país delas, mas elas nasceram cá em Portugal, já há 8 anos que estão a viver cá.” (A mãe da Marta).*

2.4 Entre o Sentimento de Pertença Nacional e Inclusão Social

Na entrevista com as crianças procuramos saber em qual dos dois países se sentiam “em casa”, para termos uma perceção mais sensível sobre qual o país com que as crianças imigrantes mais se identificam e a que mais se sentem a pertencer.

Como veremos algumas sentem-se mais “em casa” no país de acolhimento, ou seja em Portugal enquanto outras identificam-se mais com o país de origem, o que parece depender do tempo de residência ou mesmo será dizer, da idade no momento de chegada.

- *“Portugal, agora é o meu país.” (Viktoria).*
- *“É lá na Ucrânia.” (Anastasia).*
- *“Nenhum. Ainda estou a procura.” (Raluca).*
- *“Acho que estando mais em Portugal fico mais portuguesa.” (Anna).*

Quando a questão era a *identificação nacional* as opiniões diferiram também:

- “*Sim, sim, sim. Sou mais portuguesa.*” (Viktoría).
- “*Sou Ucraniana, com certeza, eu não quero mudar a minha nacionalidade, quero ficar para sempre.*” (Anastasia).
- “*Eu acho que estando mais em Portugal fico mais portuguesa, por que eu agora só falo russo duas vezes por semana, a tarde; com os meus, eu falo mais tempo português e as vezes com os meus amigos da Rússia não consigo falar russo e falo com eles em inglês.*” (Anna).
- “*Sou portuguesa e lituana. Porque a minha mãe é lituana e o meu pai é português.*” (Marta).

2.4.1 Entre Amigos, a Família e a Comunidade de Origem

O sentido de identidade manifesto pela identificação nacional não parece influenciar a escolha dos amigos pelas crianças imigrantes.

- (tenho amigos) “*portugueses, amigos russos não tenho, só conhecidos.*”; “*Na minha turma só portugueses, então todos os meus amigos são portugueses.*” (Viktoría).
- “*Eu tenho amigos portugueses, tenho russos, conheci uns da Inglaterra e outros franceses. É mais ou menos do todo o mundo.*” (Anna).
- “*Maioria deles são portugueses, mas conheço da Ucrânia e da Rússia.*” (Anastasia).
- “*A sim, na minha escola antiga, na minha turma tinha a Raquel que é brasileira, a Sara que é inglesa, e mais ninguém. A e tinha o Luís que era da China, e tinha um menino da Índia.*” (Marta)

Apesar disto, há que considerar que para a família das crianças a língua é muitas vezes o marcador da identidade, pelo que a *língua que falam em casa* tende a ser a língua materna, e só num caso a língua usada para comunicar em casa é o português:

- *“Eu com eles falo russo, mas atrapalho-me e misturo russo com português, e português com russo. É assim uma coisinha estranha.”* (Anna).
- *“É russo e, as vezes, ucraniano.”* (Anastasia).
- *“Eu com a minha mãe falo português...porque ela anda nas aulas de português, então é bom para ela para aprender também. Falamos em português, assim é mais fácil.”* (Viktoria).

No caso da menina que nasceu em Portugal, a língua falada em casa é português, o que dificultava a sua comunicação com a família que está na Lituânia e que não sabe falar português:

- *“A avó dela encontrou uma maneira para elas comunicarem usando o Google tradutor. Uma escrevia a frase em lituano e traduzia para português, depois outra escrevia em português e traduzia para lituano.”* (A mãe da Marta).
- *“Foi muito difícil o encontro da língua lituana e a língua portuguesa... na Lituânia, foi difícil a encontrar o Português. Mas eu consegui. Foi difícil.”* (Marta).

A relação destas crianças com o país de origem, parece ser ténue, porque as visitas são raras, o que se infere das respostas sobre a última vez que tinham ido visitar o seu país.

- *“Já há muito tempo, desde que vim para Portugal, só fui uma vez a Ucrânia, e isso foi quando eu era muito pequenina, não me lembro muito bem a data.”* (Anna).
- *“Foi mais ou menos 4 anos atras. Foi única vez que eu fui.”* (Viktoria).
- *“Neste ano e no ano passado ainda não fui, mas vou pro ano.”* (Anastasia).
- *“Uma, duas, três... três ou quatro.”* (Marta).

A maior parte das entrevistadas falam sobre *as saudades* do país de origem, especialmente da família que ficou lá:

- *“Tenho muitas saudades, mas só para visitar, para voltar a viver lá, não.”*

(Viktoria).

- “*Se calhar é a minha família toda, e algumas lembranças da minha infância quando eu era pequenina. Também os meus amigos e primos, as brincadeiras que tínhamos.*” (Anna).
- “*Claro que tenho muitas saudades, mas não sei explicar bem, são saudades da minha família. Eu tenho aqui a minha mãe, mas não é a mesma coisa.*” (Anastasia).

Quanto ao querer voltar a viver no país de origem:

- “*...para voltar a viver lá, não... Aqui é tudo mais desenvolvido do que lá. Se calhar é só assim onde eu vivia. No capital da Ucrânia se calhar também é mais desenvolvido. Onde eu vivia estava tudo atrasado, era uma cidade muito pequenina.*” (Viktoria).
- “*Não. Agora já queria conhecer mais. Queria encontrar um país onde a vida é ainda melhor. Eu queria viver numa cidade mais desenvolvida, conhecer outro tipo de pessoas, não sei, aqui eu já conheço isto, já não tem nada de especial, queria viver numa cidade maior.*” (Raluca).
- “*Não sei porque, aqui tenho os meus amigos, tenho os meus pais, só não tenho todos os meus familiares. Acho que preferia estar cá em Portugal, porque aqui tenho tudo o que eu quero.*” (Anna).
- “*Não sei, já é complicado, não estava lá nem no 4º ano nem no 5º, e não vou lá estar nem no 6º ano, ia ser muito complicado, por isso não sei.*” (Anastasia)
- “*Não, só visitar.*” (Marta).

3 - A Distância Entre Ser Imigrante e Ser e Tornar-se Criança entre Lugares

As histórias que as crianças participantes partilham no contexto deste projeto tem muitos aspetos em comum, mas diferem das experiências vividas pelas suas mães. Quem decidiu partir e imigrou foram os seus pais. Elas ficaram a espera do seu regresso, ao cuidado dos

familiares que acabaram por deixar no seu meio de origem. Elas desejaram voltar a viver junto com os seus pais, o que aconteceu, depois de um certo tempo de espera.

Destas crianças, algumas chegaram a Portugal muito pequenas, outras em idade escolar. Algumas tinham sido consultadas e informadas da decisão dos pais mas a maioria não deu opinião.

O processo de imigração é lembrado por elas com sentimentos diferentes mas todas valorizam esta experiência. Algumas crianças encontraram dificuldades, outras acharam que tudo foi fácil. Em alguns casos as crianças encontraram apoio nas escolas, enquanto outras não; não receberam ajuda na sua integração.

Para algumas crianças a aquisição da língua foi rápida e simples; para outras foi um processo que causou algumas dificuldades e demorou mais tempo. Foi complicado. No caso de uma das meninas ter nascido em Portugal torna difícil a aprendizagem da língua lituana como língua materna, falada em casa pela sua mãe e pelos familiares, sendo sentida por ela, como uma obrigação.

A escola foi em todo caso, um dos primeiros lugares onde as crianças tiveram os seus primeiros contactos com outras crianças e adultos fora do seu círculo familiar; foi aí que se confrontaram com a diferença da cultura portuguesa e a cultura do seu meio de origem e familiar.

Para a maioria das crianças a Escola foi uma experiência mais positiva do que negativa. As crianças comparam esta sua escola atual, com a escola do seu país, que lhe era conhecida ou dada a imaginar pelos seus pais. É com base nesta comparação que as crianças avaliam a preparação da escola para receber crianças de outros países. A opinião das crianças imigrantes sobre se a escola portuguesa está bem preparada para os receber, ao nível das condições de educação e de integração divide-se: uns consideram que sim e outros que não; há opiniões opostas.

A maior parte das crianças consideram que Portugal é o lugar onde se sentem “em casa”. Só algumas, que vivem em Portugal há menos tempo, identificam-se mais com o país de origem. Em todo caso, a maioria dizem que se sentem portuguesas, ou se sentem ao mesmo tempo portuguesas e nacionais do seu país de origem.

A maior parte fala a língua materna em casa, havendo só uma exceção. Neste caso, ela nasceu em Portugal, fala português com a família que está em Portugal, e recorre à ajuda da Internet – Google tradutor – para falar com a família que está na Lituânia. Para estas

crianças são muito raras as visitas ao país de origem. Falam das saudades que sentem do país mas sobre tudo dos familiares que tiveram que deixar, o que não significa que queriam voltar a viver nos países de onde partiram.

Para além de ouvir as experiencias destas crianças, pedimos-lhe que contribuíssem com propostas que procuraríamos integrar na dinâmica da iniciativa Aveiro: Cidade Amiga das Crianças, para que outras crianças que estivessem a viver as mesmas circunstancias fossem melhor escutadas e atendidas à nível dos seus sentimentos e necessidades de conhecimento e de reconhecimento, como recurso no seu próprio processo de adaptação e integração.

Do diálogo com elas surgiram algumas das ideias de que partimos para a elaboração de um esboço de projeto, cujo objetivo é integrar as crianças imigrantes na Cidade, na luta pelo reconhecimento dos direitos de participação reclamados para todas as crianças, e dos seus próprios direitos a não discriminação, enquanto Crianças-sujeito e Cidadãs de pleno direito à nível local, nacional e global.

CAPÍTULO IV

AS CRIANÇAS DAS FAMÍLIAS IMIGRANTES ENQUANTO CIDADÃS

1 – Ao Encontro de um Outro Lugar Conquistado pelas Crianças

Neste trabalho quisemos compreender o que é ser (ou tornar-se) uma criança imigrante em Portugal, a partir do ponto de vista e experiência das próprias crianças. Através da escuta de experiências de crianças imigrantes de Leste da Europa, contadas na primeira pessoa, pudemos reconhecer o alcance do princípio da não-discriminação e as oportunidades de inclusão que encontram a sua legitimidade nos direitos de participação, consagrados na Convenção dos Direitos da Criança.

O Projeto que aqui esboçamos, apresenta-se como proposta de criação de condições de **escuta das opiniões** das crianças nestas circunstâncias particulares de inserção, no contexto da iniciativa da Cidade Amiga das Crianças, que está a ser implementada no Município de Aveiro desde 2007.

Tomamos como ponto de partida a intenção de **dar voz** a algumas das propostas que o grupo de crianças participantes neste estudo nos apresentaram sobre como melhorar as condições de vida e de integração de outras crianças que tenham que enfrentar os constrangimentos vividos na sua entrada em escolas e em comunidades que lhes eram desconhecidas e onde elas eram desconhecidas pelos adultos e crianças.

Assumimos também como um dos recursos existentes na Cidade, o grupo de crianças do Clube da Biblioteca da Escola João Afonso que conquistou o estatuto de autor do *Portal das Crianças em Aveiro* no âmbito da iniciativa Cidade Amiga das Crianças em Aveiro. A existência e a ação deste grupo surge assim como potencial espaço de inserção de algumas crianças do grupo implicado nesta investigação, pelo desempenho do papel de agentes de animação da discussão sobre direitos da criança na Cidade.

2 - Justificação do Projeto

Decidimos ouvir, perceber e refletir sobre os significados que as crianças de Leste da Europa, residentes em Aveiro, davam a experiência de “ser criança imigrante”, porque reconhecemos que existem vários contextos e maneiras diferentes de ser criança.

Uma das nossas expectativas era poder escutar, dar a voz e criar novas possibilidades de participação as crianças imigrantes na Cidade de Aveiro, onde estas crianças são um dos grupos sociais menos visíveis e conhecidos, pela sua forma de vida, que é diferente da que é percebida como norma.

Estamos de acordo com Gaitán (2011), em que as crianças são parte integral da sociedade, onde existem ordens sociopolíticas, económicas e culturais que não permitem reconhecer as crianças como sujeitos ativos da sociedade; sujeitos que são capazes de agir, reagir, responder, construir, criar ou transformar.

Ao reconhecer que crianças, incluindo crianças imigrantes, jogam ou podem jogar um papel muito importante e significativo na generalização, formulação e implementação dos seus direitos, quisemos contribuir para criar condições que permitissem às crianças conhecer e exercer efetivamente os seus direitos, dando o seu contributo como os cidadãos ativos.

Para Gaitán (2011:96) cidadania significa estabelecer a conexão entre o indivíduo e as vidas e as preocupações de outros dentro duma comunidade. A autora considera que a cidadania é uma prática que forma parte integral da realidade da vida cotidiana das pessoas e que transforma-se durante ao tempo nas diversas dimensões das suas vidas. Propõe a busca de caminhos que permitam aumentar o envolvimento e a influência na sociedade das crianças que vivem na situação de desvantagem social e que estão expostas á vários tipos de violação dos seus direitos. Considera que promover a cidadania infantil, pode ser um passo para aumentar a igualdade e a justiça social.

O conceito da participação é inseparável do conceito de cidadania. Segundo Gaitán (2011), a participação pode ser definida como “ser parte de” e receber o *status* de membro duma comunidade; também pode ser entendida como um sentimento de estar juntos, de conectividade, de partilha dos interesses em comum, direitos e responsabilidades. Assim, ao falar em participação devemos, em primeiro lugar, considerar a participação na vida cotidiana, onde todas as pessoas fazem parte da vida social, independentemente da idade.

As histórias contadas pelas crianças imigrantes de Leste da Europa, nos permitiu sentir a relevância do esforço que ainda é necessário para promover os caminhos possíveis para que as vozes das crianças imigrantes também sejam escutadas e para que estas crianças possam conquistar a participação mais ativa na comunidade de Aveiro, como um direito.

Quando discutimos com as crianças imigrantes as suas experiencias de integração na sociedade de acolhimento, fomos surpreendidas pelas várias propostas, que as crianças apresentam sobre o que poderia ser feito para *melhorar a integração*.

- “Podia haver um centro de estudos para as crianças estrangeiras, onde podia haver jogos e todas as crianças podiam conhecer muitas crianças dos outros

países. Podiam brincar e ter campos de férias, para estrangeiros e para portugueses; assim todos podiam aprender a comunicar os portugueses e as crianças dos países diferentes.” (Anastasia).

- *“A minha professora da geografia falou sobre a xenofobia. As pessoas são iguais, e nós temos que aceitar quem nós somos.”; “Se calhar algum apoio online fosse bom”.* (Anna).
- *“Precisamos mais ajuda, se calhar o estado podia dar mais apoio com dinheiro, não sei, ou as escolas podiam ter professores que nos acompanhassem. Não um professor particular que nos dissesse como fazer as coisas, isto é mau. Se esse professor falasse russo, isso seria bom, podia ajudar muito.”* (Viktoria).
- *“A existência de instituições para crianças imigrantes podia ter ajudado, porque haveria um grupo de pessoas, em concreto, com as quais as crianças poderiam falar e estariam lá para apoiar quando elas precisassem.* (Raluca).
- *“Podíamos ensinar algumas palavras, a falar com todos. Dar o apoio, convidar para a sua casa, brincar com ele, ensinar algumas coisas, algumas palavras.”* (Marta).

Como podemos observar as propostas, referem a necessidade de criação de um centro para as crianças imigrantes, campos de férias com crianças de vários países, incluindo de Portugal e o apoio do governo, para que pudessem viver a infância, jogar, brincar, aprender a comunicar entre crianças e contar com pessoas a quem pedir a ajuda que necessitassem em cada momento.

Estas propostas nos parecem propor que haja outros espaços, além das suas casas e salas de aulas, onde as crianças recém-chegadas pudessem sentir-se menos excluídas; espaços onde elas pudessem partilhar as suas experiências, informar e aconselhar outras crianças no sentido de procurarem apoio psicológico para poderem enfrentar as dificuldades de viverem num novo país.

Surgiu assim a ideia de criação de um espaço Online, que fosse destinado à comunicação entre crianças imigrantes, onde as próprias crianças pudessem oferecer apoio a outras crianças.

3 - “ Ser criança imigrante: experiência e resolução de problemas”

Este foi o mote sugerido para a criação de um espaço *Online*, que fosse criado pelas e entre as crianças estrangeiras e portuguesas, para responder dúvidas, perguntas, preocupações e problemas vividos pelas crianças imigrantes no país de acolhimento.

Considerando que em Aveiro já havia desde Novembro em 2012, um espaço *Online* de apoio entre crianças, em funcionamento, contactamos o grupo de crianças que criou o *“Portal das Crianças: faz-te ouvir nos teus direitos em Aveiro”*, com o objetivo de informar e escutar as crianças sobre os direitos reconhecidos na Convenção dos Direitos da criança. Dado que uma das crianças que foi protagonista deste Portal era filha de pais imigrantes, o encontro de interesses das crianças dos dois grupos ficou muito facilitada.

A participação ativa das crianças que escutamos no nosso estudo, neste Portal, surgiu como uma oportunidade ótima para que elas se identificassem e fossem identificadas pelas outras crianças e adultos, como Cidadãs numa Cidade onde todas as crianças são convidadas a reclamar o seu direito à participar na esfera pública, em assuntos que lhes dizem respeito.

Foi então marcado com crianças dos dois grupos um primeiro encontro, em que 3 crianças apresentaram e explicaram o funcionamento o Portal aos potenciais interessados na colaboração (Ver Anexo-6).

Uma das crianças autoras e dinamizadoras do Portal das Crianças, explicou ao grupo que as atividades do Portal eram abertas a participação de quem quisesse, que o Portal estava aberto a todas as pessoas, fossem crianças ou adultos, mas acrescentou que o que se pretendia com o projeto.

“Era dar a conhecer os direitos da criança, mas dar a conhecer não por parte dos adultos, mas por parte das crianças. Porque os direitos das crianças são muitas vezes apresentados por adultos. É muito mais fácil, (as crianças saberem o que são direitos) quando é dito por uma criança. As crianças podem dizer melhor para as outras crianças do que os adultos.” (Victoria).

Após esta apresentação foi exposta a proposta do grupo de crianças imigrantes de usar o Portal das Crianças na criação do apoio Online – de criança para a criança- para assim contribuírem para a melhoria da integração das crianças imigrantes em Aveiro.

Depois da discussão foi aceite pelas crianças, que fazem parte no processo de manutenção deste Portal, a ideia de criação e integração de um outro espaço para apoio das crianças imigrantes na plataforma de comunicação que já estava criada. O acordo foi feito nestes termos:

: *“Acho que sim, porque um dos direitos da criança é ser diferente, e então, como uma pessoa é imigrante, é diferente das outras pessoas, por isso podia ser feito.” (Victoria.)*

Foi acordado também entre as crianças, que o Portal precisava de ser atualizado e que depois de criado este outro espaço para o apoio entre crianças, este seria apresentado nas escolas onde haja alunos imigrantes.

REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta parte final do trabalho, queremos apontar os aspetos que consideramos mais relevantes, em relação à temática da imigração na infância, tendo em conta as experiências contadas pelas próprias crianças, ao longo dos vários capítulos.

Assim, no **Capítulo I**, tentamos a perceber o fenómeno da imigração e a sua importância económica, social e política, enquanto movimento de um país para outro, por pessoas que pretendem alterar permanentemente o seu local de residência. Olhamos para este fenómeno não só a nível geral, mas também a nível individual. Salientamos os principais motivos e fatores que contribuem para a imigração e procuramos atender às ligações entre fenómeno da imigração e globalização. Abordamos também a história da imigração na Europa e em Portugal.

Neste trabalho procuramos compreender também a imigração a nível do seu impacto na vida pessoal, pelo que procuramos perceber os processos que as levam a imigrar e que condicionam a experiência de imigração, tais como socialização, identificação e identidade, adaptação e integração. Refletimos também sobre a aprendizagem da língua do país de acolhimento e os benefícios de ser um bilingue. Sendo o objeto desta investigação as experiências das crianças imigrantes, procuramos finalmente analisar a importância da escola na vida das crianças provenientes de outros países.

No **Capítulo II**, apresentamos algumas referências teóricas que tomamos em conta nas escolhas metodológicas que fizemos nesta investigação, e que justificam as técnicas usadas na recolha e na análise dos dados recolhidos durante o projeto

No **Capítulo III**, apresentamos o conhecimento que construímos com base na análise e interpretação das entrevistas realizadas com as mães e com as crianças imigrantes, com o que procuramos responder as questões/perguntas da investigação apresentadas na parte metodológica.

Na escuta das mães descobrimos os motivos principais que levaram à decisão de emigrar para outro país e as razões de terem escolhido Portugal como país de destino. Descobrimos que o motivo principal foi a melhoria da situação financeira e procura de melhores condições para a família. Portugal foi escolhido pela facilidade de entrada no país.

Para as mães o processo da imigração não foi vivido com grandes dificuldades. As que tinham os maridos a trabalhar em Portugal viveram as experiências mais positivas, do no caso da mãe que chegou sozinha.

Os aspetos mais valorizados pelas mães estavam relacionados com a reunificação da família e os sucessos na vida profissional. Existe no discurso das mães a tendência de comparação entre o país de origem e com o país de acolhimento (“lá e cá”, “antes e agora”). Em relação à vida profissional, constatamos que nenhuma das entrevistadas continuou a trabalhar na mesma área de ocupação.

Relativamente às pessoas e a diferença entre culturas, as mães são da opinião que é difícil comparar as pessoas como amigos, e que as culturas dos dois países são ricas. A imigração é entendida por todas como uma oportunidade de aprender as coisas novas, fazer novas amizades e facilitar a vidas das suas famílias, mas ao mesmo tempo consideram importante a imigração uma perda, na sua relação com a língua materna.

A opinião das mães sobre o regresso ao país de origem é unanime. Nenhuma quer voltar e todas imaginam o futuro em Portugal, porque as condições de vida são melhores.

Quanto às crianças imigrantes escutamos as suas histórias de imigração e vimos que o cenário da sua experiencia era muito idêntico. Primeiro os pais imigraram e elas ficaram no país de origem com familiares, e depois foram trazidas pelos seus pais para Portugal.

As idades das crianças no momento da imigração variam, havendo uma que já nasceu em Portugal. Constatamos que nem todas as crianças foram consultadas e a sua opinião não foi ouvida ou tomada em conta na decisão de imigrar.

As crianças entrevistadas expressam vários sentimentos e experiências, sobre o período inicial de chegada e de adaptação. Para cada criança este foi um processo muito pessoal. Enquanto algumas adaptaram-se rapidamente e com muita facilidade, outras tiveram algumas dificuldades de adaptação.

A escola tem um papel fundamental nos processos de integração e adaptação das crianças imigrantes. De acordo com a opinião das crianças, nem todas as escolas lhes deram o apoio; só algumas crianças receberam ajuda na escola, o que denota que as escolas têm um nível de preparação diferente, para a integração dos alunos estrangeiros.

A aprendizagem da língua do país de acolhimento é vista como “um abrir de portas” para a integração e adaptação. O ritmo do processo da aquisição da língua é também muito

peçoal. Foi tendo em conta este tipo de dificuldades que as crianças apresentaram a maior parte das propostas.

Quanto às questões da identidade a maior parte das crianças sentem-se “em casa” em Portugal. Algumas consideram os dois países como lugar de pertença. Algumas consideram que são mais portuguesas do que ucranianas, lituanas ou romenas, mas há exceções. Nos parece que esta diferença depende do tempo de permanência no país; quem está há mais tempo no país de acolhimento identifica-se mais com Portugal, quem está cá há menos tempo identifica-se com o país de origem.

A maior parte das crianças fala em língua materna, em casa, com exceção de uma criança. Neste caso a aprendizagem da língua da mãe torna-se um desafio, na medida em que a comunicação com a família que está na Lituânia só é possível com ajuda do programa *Online* – Google tradutor. Descobrimos que as visitas ao país de origem dos pais são muito raras. As crianças sentem saudades, especialmente do resto da família que ficou no país de origem, mas não querem voltar a viver naqueles países.

As crianças consideraram também importante para a melhoria das condições de integração das crianças imigrantes em Portugal:

- A criação dum centro de dia para as crianças imigrantes com vários apoios de língua, apoio psicológico, apoio com a matéria escolar.
- O pedido de apoio ao Estado.
- O apoio da criança para criança na escola – ensinar as palavras, mostrar a cidade, apresentar com os seus amigos.
- Criação dum apoio *Online* para a interajuda entre crianças.

Pensamos que as propostas de solução aqui apresentadas para os problemas mencionados pelas crianças podem ser respondidos pela redefinição do seu lugar como Cidadãos de Aveiro e pelas oportunidades de inclusão que podem ser criadas com a sua participação no Portal da criança de Aveiro e na dinâmica da Cidade Amiga das Crianças.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, A. (2004). Issues of Migration. In Hamilton, R. e Moore, D. *Educational Interventions for Refugee Children: Theoretical Perspectives and Implementing Best Practice*. London: Routledge Falmer.
- Araújo, C., Pinto, E., Lopes, J., Nogueira, L. e Pinto, R. (2008). *Estudo de Caso*. Universidade do Minho.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Persona.
- Berry, J. W. (2006). Acculturation. In Grusec, E. G. e Hastings, P. D. *Handbook of Socialization: Theory and Research*. New York: The Guilford Press.
- Besemeres, M. & Wierzbicka, A. (2007). *Translating lives: Living with two languages and culture*. Australia: University of Queensland Press.
- Carhill, A, Suárez-Orozco, C. e Pérez, M. (2009). *Explaining English Language Proficiency Among Adolescent Immigrant Students*. American Educational Research Journal, December, Vol. 45, Nº 4., pag. 1155 – 1179.
- Costa, D. (2012). A Recolha de Dados: Técnicas Utilizadas. In Silvestre, H. e Araújo, J. *Metodologia para a Investigação Social*. Lisboa: Escolar Editora.
- Coutinho, C. P. e Chaves, J. H. (2002). *O Estudo de Caso na Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. Revista Portuguesa de Educação, 15(1), pag.: 221 – 243. Universidade do Minho.
- Gaitán, L. & Liebel, M. (2011). *Ciudadanía y Derechos de Participación de los Niños*. Espanha: Editorial Síntesis.
- Hamilton, R. (2004). Schools, Teachers and Education of Refugee Children. In Hamilton, R. e Moore, D. *Educational Interventions for Refugee Children: Theoretical Perspectives and Implementing Best Practice*. London: Routledge Falmer.
- Hernandez, D. J., Denton, N. A. e Macartney, S. E. (2007). In Lansford, J. E., Deater-Deckard, K. & Borstein, M. H. (2007). *Immigrant Families in Contemporary Society*. Nova Iorque, EUA: The Guilford Press.
- Jaspal, R. (2009). *Language and Social Identity: A Psychosocial Approach*. London: University of London. Revista: Psych-Talk, September, pag.: 17-20.
- Jenkins, R. (2008). *Social Identity*. New York: Routledge.

- Lahaw, G. (2004). *Immigration and Politics in the New Europe: Reinventing Borders*. United Kingdom, Cambridge: University Press.
- Maccoby, E. E. (2006). Historical Overview of Socialization: Research and Theory. In Grusec, E. G. e Hastings, P. D. *Handbook of Socialization: Theory and Research*. New York: The Guilford Press.
- Peixoto, J. e Sabino, C. (2009). *Immigration, Emigration and Policy Developments in Portugal* (ARI). Consultado: Julho 18, 2013 em http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano_eng/Print?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/wps/wcm/connect/elcano/Elcano_in/Zonas_in/ARI117-2009).
- Phinney, J.S. e Ong, A.D. (2007). Ethnic Identity Development in Immigrant Families. In Lansford, J. E., Deater-Deckard, K. & Borstein, M. H. (2007). *Immigrant Families in Contemporary Society*. Nova Iorque, EUA: The Guilford Press.
- Phinney, J.S., Horenczyk, G., Liebkind, K. e Vedder, P. (2001). *Ethnic Identity, Immigration, and Well-Being: An Interactional Perspective*. Journal of Social Issues, Vol. 57, Nº. 3, pag.: 493-510.
- Rodrigues, M. (2012). O Tratamento e Análise de Dados. In Silvestre, H. e Araújo, J. *Metodologia para a Investigação Social*. Lisboa: Escolar Editora.
- Santos, I. (2004). *Quem habita os alunos? A socialização de crianças de origem africana*. Lisboa: Educa.
- Schwartz, S., Montgomery, M., e Briones, E. (2006). *The Role of Identity in Acculturation Among Immigrant People: Theoretical Propositions, Empirical Questions, and Applied Recommendations*. USA: Karger. University of Miami, Florida International University, Center for Family Studies, Leonard m. Miller School of Medicine.
- SEFSTAT (2011). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Consultado: Agosto 14, 2013, em http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf
- Silva, T. Tadeu da (2008). Identidade e Diferença. In Silva, T. Tadeu da., Hall, S. e Woodward K. *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Silvestre, H. e Silvestre, M. (2012). A Área, o Tema e o Problema de Pesquisa como fatores. In Silvestre, H. e Araújo, J. *Metodologia para a Investigação Social*. Lisboa: Escolar Editora.

Suárez-Orozco, C. e Suárez- Orozco, M. M. (2001). *Children of Immigration*. USA: Harvard University Press.

Suárez-Orozco, M. M. e Qin-Hilliand, D. B. (2004). *Globalization: Culture and Education in the New Millennium*. The Ross Institute: University of California Press. USA.

UNICEF. (2009). *Children in Immigrant Families in Eight Affluent Countries: Their Family, National and International Context*. Consultado: Junho 9, 2012, em [http://www.globalmigrationgroup.org/uploads/gmg-topics/children/2.A Children in immigrant families in eight affluent countries UNICEF IRC.pdf](http://www.globalmigrationgroup.org/uploads/gmg-topics/children/2.A%20Children%20in%20immigrant%20families%20in%20eight%20affluent%20countries%20UNICEF%20IRC.pdf)

Woodward, K. (2008). Identidade e Diferença: Uma Introdução teórica e conceitual. In Silva, T. Tadeu da., Hall, S. e Woodward K. *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes.

Yin, R. K. (2009). *Case Study Research: Design and Methods*. UK: SAGE Publications.

ANEXO 1

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM AS MÃES DAS CRIANÇAS IMIGRANTES:

A mãe da Viktoria

- Pode se apresentar? De onde é, qual é o seu nome e há quantos anos que você está aqui?

- Eu chamo-me Javgenia Burniax, eu cheguei para Portugal em 2001 e estive aqui a trabalhar 1 ano. Trabalhei durante um ano numa fábrica que se chama Cordix aqui em Aveiro. Mas não consegui ficar aqui. A minha filha estava na Ucrânia e eu senti-me muito mal. Já estava quase para fazer legalização, ainda faltava mais duas semanas, mas afinal eu disse que não quero nada disso e fui embora para a Ucrânia porque não queria estar mais em Portugal. Fui embora em 2002 e em 2003 voltei outra vez, porque vi e senti a diferença lá. Lá não tinha trabalho. Mas em 2001 ainda havia trabalhos lá, estava tudo mais estabilizado. Então em 2003 voltei, mas já com a esperança para fazer os documentos e para trazer a minha filha. Queria ficar aqui com filha.

- Então, você chegou para aqui primeira vez em 2001, depois voltou para a Ucrânia e outra vez voltou para cá. Quando é que foi que você começou a pensar sobre a imigração?

- O primeiro foi o meu marido, as pessoas lá estavam a dizer que lá no estrangeiro é melhor a trabalhar, que paga-se melhor, e pronto, lá na Ucrânia formaram os grupos e traziam um grupo, depois iam buscar o outro. E pessoas assim falando uma atrás de outra começaram a imigrar. E assim é que eu fui atrás do meu marido. O marido convidou-me.

- Porque escolheu Portugal?

- Estavam a dizer que aqui é mais fácil de adaptar, mais fácil de arranjar o trabalho, estavam a dizer que a língua não é assim tão complicada, então foi assim que nós chegamos até aqui.

- Pode contar como é que foi mesmo no início, nos primeiros dias e meses?

- Claro que mais no início não sabia a língua, era muito difícil, gostei muito de clima, porque cheguei aqui no verão, estava muito calor, estava muito bom tempo, praia, isto eu gostei muito. E foi logo quando arranjei o trabalho, fiquei alguns dias em casa, mas depois fui logo a trabalhar porque o meu marido estava a tratar disso, e eu já tinha o trabalho desde da primeira semana cá.

- Primeiro chegou o seu marido e depois você, certo?

- Ele estava a trabalhar aqui quase 1 ano. Então ele arranhou o trabalho, era o patrão dele, era as limpezas em casa. Normalmente todos começam assim. E mesmo primeiro dia quando fui para trabalhar, chorei, não sabia explicar nada. No Domingo eles foram mostrar qual é a casa que eu ia trabalhar. Mostrou qual é a rua, qual é a casa. Mas depois quando eu fui trabalhar a primeira vez, toquei a campainha, saio uma senhora, eu já sabia dizer algumas palavras, se calhar disse a palavra trabalhar ou qualquer coisa, e ela disse que não precisa de ninguém, ela não sabia o que se passava, porque ela era a outra empregada. Eu voltei para atras. Liguei ao meu marido e disse como é que tu falaste??? Elas disseram que não precisam de pessoas. Claro que comecei a chorar, queria ir para a casa. Mas ele não deixou. Ele falou com o patrão e ele disse para tu voltares. Neste momento o patrão já estava a vir de carro, explicou que foi mas entendida, que a outra empregada não sabia. E assim comecei a trabalhar, e aprender assim a língua, a falar com outras pessoas.

- Tirou algum curso de língua?

- Não, mas queria muito tirar um curso para aprender falar correto, escrever correto. Já escrevo mais ou menos, mas gostava de aprender melhor.

Pronto, depois chegou a minha filha em 2004.

- Que idade tinha quando ela chegou?

- Ela tinha 8. E ela chegou em Setembro mesmo na altura para ir para a escola. Mas ela não sabia nada, nenhuma palavra, nada. E foi para escola, e professora chamou-me para falar. A minha filha fez na Ucrânia segunda classe e aqui foi para a terceira, mas como ela não sabia nenhuma palavra decidimos deixar ela um bocadinho com as crianças do segundo ano para ela aprender e depois íamos ver o que fazer logo, como que ela vai desenvolver. Então ela foi para segundo ano. Mas foi rápido, depois de três meses ela já falava e escrevia português. Já não precisava de ajuda. Depois professora perguntou se vamos passar ela para a terceira ou vamos deixar ela na segunda classe? Como ela ficou atrasada no terceiro ano durante estes 3 meses e todos os amigos estavam na segunda, eu disse para deixar ela no segundo. Pensei que assim ela vai aprender tudo ainda melhor, e ela ficou. Pronto, foi assim que ela começou andar na escola, adaptou-se muito bem, e gostava de tudo, nunca chorou ou disse que queria voltar. E agora também não quer ir para lá. Ela só foi um bocadinho triste no início, porque tinha que deixar os avos e amigos. Mas depois ela adaptou-se bem aqui. Em 2006 porque eu tinha alguns problemas com o passaporte não

podíamos ir para a Ucrânia. E depois foi em 2009, que nós primeira vez fomos para lá. Depois de cinco anos estar aqui.

- Nunca tinha saudades?

- Sabe, a minha mãe morreu, o pai casou-se com a outra senhora que era muito mais nova, pronto isso rodou assim uma volta e já não era tudo igual. Quando eu fui de férias em 2009 encontrei totalmente outra vida. Pronto, eu tenho um irmão e claro, tenho saudades dele, nós estamos sempre em contacto, mas de resto, tenho primas, tenho tias, mas o que era mais importante, era a minha mãe deixou a vontade de ir lá. Adaptei-me bem aqui. E parece que vou ficar aqui. Agora está tudo bem aqui e a vida já está feita aqui. Se eu não sáísse na altura com o meu marido, ex-marido. Eu tinha lá o trabalho, tudo estava bem, só que aquela loucura para ir no estrangeiro e viajar. Pronto, acabei por estar aqui.

- Qual é que era a sua profissão lá?

- Trabalhava como pasteleira.

- E agora?

- Agora sou cozinheira.

- Está a gostar o seu trabalho aqui?

- Ohhh. Estou explorada. Trabalho 10 horas seguidas, todos os dias. Só no Domingo que tenho folga. Mas tem que ser. Agora não há nenhuma possibilidade de sair. Tenho muitas amigas que andam a procura de trabalho e não encontram nada.

- Já há muito tempo que trabalha neste sítio?

- Já há quase 8 anos. Vou fazer neste ano 8 anos. Pronto, parei aqui, e fiquei aqui.

- É porque sabe que amanhã vai ter o trabalho, é por causa da estabilidade?

- Sim, é isto. É por causa de filha. Tenho que ter sempre trabalho e saber que amanhã não ficar na rua.

- Pode marcar no rio as outras coisas que são importantes para você?

- Trabalho numa pastelaria que se chama Ria Burger desde 2006.

- Foi difícil encontrar este trabalho?

- Eu andei a procura. Na altura eu estava na casa abrigo. Por causa de for a vítima da violência domestica. Como isso aconteceu por causa do meu passaporte, o meu ex-marido rasgou o meu passaporte e para eu arranjar o passaporte tinha que ter contracto de trabalho. E para ter contracto de trabalho tinha que ter passaporte. Isso foi uma roda sem saída. Nem sei como sobrevivi isto, já chorei tanto. Foi um anúncio no jornal que nós ligamos e eles

aceitaram e como eles gostaram do meu trabalho, ajudaram para fazer o contacto de trabalho sem o passaporte. Não sei como que foi isso possível. O meu marido rasgou a folha onde é que tinha o carimbo da entrada no país e o meu passaporte deixou de ser válido. Assim eu fiquei ilegal no país. No contracto eles puseram todos os dados e ninguém descobriu que eu estava ilegal. Fizeram o contacto e depois com aquele contracto eu fui apresentar-me na Lisboa. Foi muito difícil porque na altura eles não podiam fazer o passaporte em Portugal. Faziam só na Ucrânia. Aqui não faziam os passaportes, só nos casos muito especiais. Foi muito difícil, nós fomos outra vez apresentar-me na Lisboa, eu tinha muitas queixas na polícia por causa do meu marido e foi o Deus que ajudou. Consegui o meu passaporte só em 2008. Foi muito tempo e muitos nervos. Depois passou a validade de vista da minha filha, ela ficou cá ilegal, mas pronto, eu já tinha os meus documentos e fiz para ela também. Ficamos as duas legais. Agora já temos tudo em ordem. Faltam alguns anos para pedir cidadania. Como pensamos ficar aqui.

- Porque a imigração para Portugal é importante para você?

- Porque encontrei aqui as pessoas que hoje são amigas, porque senti-me bem, as pessoas ajudam quando preciso, tenho o trabalho e claro como a minha filha já está aqui comigo não falta mais nada.

- E como é que a sua imigração influenciou a vida da sua filha?

- Eu acho que para ela correu tudo bem, não ouvi ela nunca queixar-se. Ela não quer ir para a Ucrânia. Todos os amigos já estão aqui.

- Os amigos dela são portugueses ou ucranianos.

- Ela tem e portugueses e ucranianos e russos.

- Há alguma diferença entre pessoas e culturas?

- Há alguma, mas não é tão grande. Mas eu tenho mais amigos portugueses, porque o trabalho é com portugueses. Tenho uma amiga Nádia. Mas eu acho que não há diferença quando comparar os amigos. Os portugueses são as pessoas muito amigáveis, são muito simples, e foi fácil de adaptar por causa disso.

- Como você pode comparar a Ucrânia e Portugal?

- Claro, quando cheguei para aqui podia fazer a diferença. Lá deixaram a funcionar as fábricas, como agora está a acontecer aqui, não havia trabalho, era mais difícil. Quando eu vinha para Portugal era mais fácil arranjar o trabalho.

- Está a sentir falta de alguma coisa daí?

- Não sei, saudades das pessoas, claro que tenho. No início não gostava de comida, isto é que fez falta. Mas depois fui trabalhar no restaurante, e lembro-me que a patroa trouxe um saco de caldo verde. Eu não sabia que erva era. A patroa disse que isto não é erva, disse que é caldo verde e que vamos fazer a sopa. Sopa, desta erva?????!!!!!! Parecia-me uma coisa muito estranha, mas adaptei-me, comecei a aprender cozinhar a comida portuguesa, comecei a gostar da comida.

- Está a pensar voltar para a Ucrânia?

- Não. Só se ficar aqui na rua sem comida e sem trabalho. Mas eu acho que isso não deve que acontecer.

- Você com a sal filha fala em que língua?

- Português, português só. Ela sabe falar pouco ucraniano, já não lembra quase nada, porque nós tivemos na casa abrigo. Lá todas as pessoas são portuguesas, e quando eu falava com ela em ucraniano eles ficavam lá chateados. Eles disseram para mim que fica um bocadinho feio para vocês falar ucraniano quando estão no meio das outras pessoas. E pronto, nós começamos assim e agora em casa falamos português. A minha amiga Nádía sempre diz: Olha, elas falam português em casa, não pode ser assim.

- Ela quer aprender ucraniano?

- Sim, nós temos canais russos e ucraniano sem casa e ela percebe bem mas falar, já não fala, ela tem sotaque, assim como eu falo português. Mas português ela fala muito bem, as pessoas perguntam se ela nasceu aqui. Parece que ela é mesmo portuguesa.

- Não é triste para você que a sua filha já não fala a sua língua?

- Estou. Nós já andamos na escola da língua russa com a Nádía, lutei um bocadinho para não desaparecer mas depois a nossa vida mudou, nós mudamos para a outra casa, ela cresceu e já não estamos frequentar naqueles cursos. E sito vai desaparecer, ela já, se calhar, não sabe escrever, e u também para escrever alguma coisa tenho pensar, já faço mistura com letras portuguesas e tudo, já não consigo escrever tão bem. Falar ainda falo.

- Ela tem amigos ucranianos?

- Ela tinha na escola, mas mais são portugueses.

- Já não tenho mais perguntas, muito obrigada pelo seu tempo.

- De nada. Quer chá ou café?

A mãe da Marta

- Boa tarde, pode se apresentar. De onde é e há quanto tempo está aqui?

- Sou Nida Seseikaite Fortes, sou da Lituânia, Panevezys. Há quase 11 anos que estou cá em Portugal.

- Quando começou a pensar sobre a imigração?

- Quando na Lituânia acabei os meus estudos, não consegui encontrar o emprego. Inscrevi-me no centro de emprego, mas lá eles só explicaram como encontrar o trabalho. Mas todos sabemos o que nós temos que fazer e onde procurar. Então, no centro de emprego isso foi a única ajuda. Assim passou um mês, e eu pensei que isso não pode continuar, tenho que procurar as outras soluções. Assim comecei a considerar a possibilidade de imigrar para o outro país. No início, pensei ir para a Irlanda, mas tinha que passar os exames e isto podia demorar até um ano. Eu já não podia esperar tanto. Por isso, decidi imigrar para Portugal, por que apareceu uma oportunidade para ir depois de um mês. Então, em 2001, dia 27 de Julho, às 8:30 de manhã deixamos a Lituânia de autocarro. A viagem demorou 4 dias. O autocarro foi muito pequeno, nunca vi assim na Lituânia. Só parava para ir a casa de banho.

- Porque escolheu Portugal?

- Eu sabia falar Inglês muito bem. Naquela empresa onde eles arranjavam os trabalhos no estrangeiro, ofereceu bom trabalho em Portugal como secretária. Fiquei muito feliz, por que não tinha que ir trabalhar numa fábrica ou nas quintas onde o trabalho é tão duro. Assim não tinha eu trabalhar nos campos, apanhar a fruta. Eles garantiram o trabalho, disseram que não preciso de ter dinheiro comigo, que já posso ir para Portugal, por que o trabalho já está a espera. Mesmo assim tinha um pouco dinheiro comigo, mas havia pessoas que deixaram a Lituânia sem dinheiro. Acreditaram em palavras deles. Eu vinha com o meu irmão, nós tínhamos algum dinheiro. Eu tinha oferta dum outro trabalho uma semana antes, mas os meus pais pediram a esperar mais uma semana e ir junto com o meu irmão, porque o meu irmão ainda não tinha 18 anos. Ele faz anos dia 18 de Julho. Fiquei a espera dele. E ainda bem. As meninas que foram na semana antes, foram todas vendidas na Espanha.

- Pode contar as suas primeiras experiencias aqui em Portugal? Como é que foram os primeiros dias cá?

- Eles trouxeram-nos para a Guarda. Os homens foram separados das mulheres. Eles foram deixados nas montanhas, 50 km da Guarda. As mulheres foram deixadas num Hostel. Eles disseram que nós temos que esperar aqui alguns dias, que depois eles vão mostrar o nosso

trabalho. Eu tinha muito medo. Os senhores da empresa todos os dias visitaram-nos, mas sempre muito tarde á noite. Percebemos que alguma coisa não está bem, tudo não é como que foi esperado. Nós não tínhamos muito dinheiro, todas juntamos o que tínhamos. Comida e dinheiro, ajudamos uma a outra. Algumas raparigas fugiram nos primeiros dias, outras foram levadas pelos homens da empresa, não sei para onde. O dinheiro estava a acabar, já não podíamos ficar mais no hostel. Não sabíamos falar português, mas mesmo assim tentamos arranhar alguma coisa numa fábrica ao lado. Lembro-me que estava muito calor. Batemos na porta duma fábrica que estava daí 5 quilómetros, nas montanhas, e tentamos a explicar a nossa situação. Não conseguimos nada. Todos os dias, os homens da empresa estavam a ver o que nós estamos a fazer, estavam a prometer que amanhã iam a mostrar os nossos trabalhos, mas isto nunca aconteceu. Só uma vez, como eu e mais duas meninas sabíamos falar inglês, eles trouxeram-nos a mostrar o nosso lugar de trabalho. Fomos de carro, mas quando chegamos no sítio nós nem saímos do carro, porque estávamos a ver que aquele trabalho foi mesmo mal. Os senhores e o chefe daquele trabalho tentaram com forças-nos a ficar lá, mas nós começamos a gritar. Eles ficaram muito chateados e deixaram-nos na rua. Voltamos ao Hostel, fizemos as malas e saímos para a rua. Ficamos a pé da estação dos comboios e dormimos na rua. Começamos a falar com rapazes que trabalharam nas obras ao lado de estação e eles avisaram-nos que os homens ainda estão a observar o que nós estamos a fazer. Um dia eles apanharam-nos. As outras duas meninas eles levaram no qualquer lugar e a mim eles deixaram num hotel trancada no quarto. Eu tinha muita fome, estava a chorar e ouvi alguém a falar lituano lá fora. Foi uma família, eles ajudaram-me muito, ajudaram a fugir daquele hotel para o Porto, deram a comida e dinheiro. Logo quando a minha vida melhorou, eu e o meu marido tentámos procurar dessa família e agradecer mas não encontrámos, eu não consegui a lembrar qual foi o hotel. Nunca mais vi as outras meninas, se calhar algumas conseguiram fugir como eu, mas as outras foram levadas pelos homens da empresa. No Porto conheci uma menina da Lituânia, chamava-se Lina, ela foi muito boa para mim, também ajudou-me. Um dia os senhores da empresa encontrou-me no Porto, obrigaram-me entrar no carro e logo á noite levaram-me num restaurante para trabalhar. Tudo aconteceu á noite para não perceber aonde estávamos, para depois não voltar. Então, tinha que trabalhar naquele restaurante muitas horas, mas pagou quase nada. No restaurante todos estavam muito simpáticos, ajudaram aprender algumas palavras em português, eu tinha vários papéis com

palavras colados nas paredes para aprender mais rápido. Eu tinha uma folga por semana, então quando não tinha que trabalhar, estava a andar nas ruas a procura daquela rapariga da Lituânia. Um dia encontrei ela. Logo encontrei mais uma rapariga Valentina, ela foi de Siauliai. O meu chefe não gostou nada das minhas amizades com as lituanas, provavelmente tinha medo que elas vão ajudar-me a sair daquele restaurante. Eu queria sair muito. Tinha que trabalhar das 9 de manhã até a 1 de manhã e não recebia quase nada. Na passagem do ano ele pagou-me o meu salário, eu escrevi uma carta para ele, agradeci e saí daí. Fugi com uma lituana Jurate. Eu encontrei um trabalho para ela numa família tomar a conta da criança, mas aquela família foi muito má para ela. Ela tinha que dormir num quarto pequeno onde estava a máquina de lavar a roupa e todas as noites ouvir o barulho de centrifugação. Eu tinha que dormir num cantinho da cozinha do apartamento que o meu chefe tinha. Um quarto, ele arrendava para uma professora muito nova, outro ele disse que estava nas remodelações e que depois nós vamos poder dormir lá. Mas estava a mentir, nunca deixou fazer isso. A minha casa foi feita das cadeiras do restaurante, ainda tenho as fotografias. A professora não gostou de mim, ela dizia as horas quando eu posso tomar o banho ou mandava-me fora da cozinha quando estava a cozinhar ou comer porque não gostava da minha presença. Sempre dizia não olhar como ela está a comer. Então o meu chefe fez uma divisão lá na cozinha. Parecia, tipo, uma casa do cão. Como já disse, eu escrevi uma carta para ele e deixei na caixa dos correios junto com a chave. Como estás a ver a minha situação não foi nada melhor do que da Jurate, decidimos que temos que fugir. O meu chefe estava a procura de mim, disse que eu não deixei a chave. Foi uma boa coisa. Antes ele viu-me com um rapaz, então ele pensou que o rapaz foi o meu namorado. E ainda bem. Isso ajudou muito, assim pessoas respeitaram-me mais, o meu chefe tinha medo, por que pensou que eu tenho alguém que vai proteger-me, acho eu. Um dia ele encontrou a Jurate e ela disse ao meu chefe que eu fui para a Espanha com o meu namorado. Eu e a Jurate vivíamos num pensionato, todos os dias estávamos a procura do trabalho. Foi muito complicado, tínhamos só aquele dinheiro que eu recebi, a Jurate não recebeu nada. Tínhamos pouca comida. Naquele pensionato foi muito frio, nós dormimos numa cama porque não havia aquecimento. A roupa tínhamos que lavar com água fria ou quando íamos tomar o banho. Nós tínhamos os amigos do Marrocos. Estes amigos ajudaram-me sempre. Um deles encontrou o trabalho num restaurante italiano. Foi um trabalho numa pizzeria. Gostei muito daquele trabalho na pizzeria, os

donos eram muito bons para mim, mas a minha amiga encontrou outro trabalho em Aveiro e naquela altura fiquei sozinha no Porto. Quando eu deixei o restaurante, eles disseram que eu posso voltar sempre para lá. Meu Deus, parece que a minha história é dum filme...(está a sorrir, mas com muitas emoções nos olhos). Aquele trabalho foi o único que eu mostrei e contei sobre ele para a minha mãe. Também fomos lá várias vezes com o meu marido. Os donos são pessoas mesmo simpáticas. Sempre podia voltar para lá, mas agora a minha vida está aqui em Aveiro.

- O que você fez no seu país? Qual é que era a sua profissão?

- Eu acabei o curso da contabilidade na universidade e também tenho o diploma da cozinheira. Nunca consegui encontrar um trabalho na minha área. Sempre trabalhei como ajudante de cozinha ou cozinheira. Tentei encontrar o trabalho na área de contabilidade, mas sempre estavam a dizer que falta da experiência, mas eu tinha experiência do meu ano. Então está a ver que a minha situação não foi boa, mas podia ser e pior. Como por exemplo a situação daquelas meninas. Tenho medo que aconteceu o pior o que podia acontecer.

- E agora? O que é que faz agora? Está a gostar?

- Agora faço limpezas. Tenho duas casas para limpar. Numa casa só faço as limpezas, na outra casa também tomo a conta duma senhora. Tenho que preparar a comida para ela, fazer as compras, limpar tudo e conversar com ela. Ela não é uma pessoa muito fácil. Tem as suas coisas, as vezes, ela pensa que nós, estrangeiros, não somos como os portugueses, ela acha que eles são melhores do que nós. Então, as vezes, tenho que dizer alguma coisa para mostrar que todos somos iguais. Gosto do meu trabalho, não é difícil e tenho tempo para a minha família, mas não é o que eu gostaria de fazer. Gosto muito de cozinhar, queria trabalhar como cozinheira ou pasteleira. Mas pronto, na mesma estou satisfeita, não ganho tão pouco. Estou a viver com expectativas que o futuro vai ser melhor.

- Pode marcar as coisas mais importantes que aconteceram durante estes anos da imigração?

- Adorei o meu trabalho naquele restaurante italiano no Porto. A minha amizade com os meus amigos do Marrocos, eles ajudaram imenso. Mas nem todos, alguns queriam casar comigo. (Esta a rir). O namoro com o meu marido Ricardo, nós conhecemos aqui em Aveiro. Claro o mais importante foi o nascimento da minha filha Martute (O diminutivo da Marta em Lituano), isso foi em 2003. Isso foi melhor coisa da minha vida. Tenho melhores sogros do mundo (a Maria José e o Alfredo). Eles são muito bons para mim, é a minha

família, eles sempre aceitaram-me como eu fosse a filha deles. A minha sogra é a minha melhor amiga. Com o meu sogro não somos tão próximos. Tenho dois trabalhos permanentes, isso é bom. Gosto muito da senhora para qual eu trabalho de manhã, a outra senhora já não é tão simpática. Sempre trabalhei bem, nunca ninguém mandou-me embora, sempre fui eu que sai ou por motivos familiares ou pessoais porque queria um trabalho melhor.

-Porque a imigração para Portugal é importante para você? Como é que ela mudou a sua vida?

- Esta pergunta é difícil a responder. Não sei...a imigração para Portugal foi uma grande experiência na minha vida. Claro aprendi a nova língua, aprendi a viver nas condições diferentes, passei por muito aqui. Aprendi a conhecer as pessoas, aprendi antes de dizer, pensar mais.

- Como a imigração influencia a vida da sua filha?

- A minha filha nasceu cá em Portugal. No início, tentei ensinar ela falar lituano, queria muito que ela aprende a minha língua, os meus pais sempre enviam os livros lituanos. Quando ela era bebe, li os livros, cantei para ela em lituano, mas depois ela ficou mais e mais tempo com os portugueses, com os avos dela, começou a andar na escola e esqueceu tudo. Até agora eu sempre tentei manter a língua lituana, tentei a falar para ela, mas agora nem quer saber ou aprender nada. Se calhar um dia...se ela vai querer, vai aprender. Eu sei que ela ama-me, mas às vezes fica chateada comigo que eu tento ensinar ela. Ela diz que ela quer ser como todos, não quer ser diferente dos outros. Às vezes eu tento explicar que saber muitas línguas faz bem, mas ela não quer saber nada disso. Os meus pais sempre pedem-me ensinar ela, eles dizem que eu tenho que obrigar ela, mas eu não quero obrigar. Eles sempre perguntam se ela já aprendeu alguma coisa. Mas isso não é tão fácil e ninguém da Lituânia não percebe isso. Para a minha filha é muito difícil, ela fica muito nervosa, por isso não quer. Eu não quero ensinar a gramática toda, eu só queria que ela percebesse o que pessoas falam e soubesse a responder. Já aconteceu uma vez na Lituânia que ela queria brincar com as crianças fora da casa, mas as crianças não queriam que ela participasse porque ela não percebia nada o que eles estavam a falar. Outra vez deixamos ela com os meus pais. Enquanto ela estava mais pequena ainda dava para comunicar mais com os meus pais, eles iam observar as flores e tentar apanhar as borboletas, mas agora eles não se percebem entre si.

Havia uma altura quando eu tinha que trabalhar muito, saía da casa às 7:30 de manhã e voltava às 8 e pouco. Então praticamente não tinha tempo para ficar com ela. Ela passava muito tempo com a minha sogra, naquela altura paramos a falar tanto lituano, na vida dela começou a dominar língua portuguesa. O meu erro foi começar a falar português para ela. Agora se eu tinha mais um filho nunca respondia em português. Se a mãe falava só lituano, tenho a certeza que o filho ou a filha também falava.

Lembro-me um caso quando ela começou andar na escola, os meninos não queriam falar com ela, ela não tinha amigos, ninguém brincava com ela. As vezes, eu pensei que é a minha culpa, porque ela tem a mãe que não é portuguesa, mas depois passou. Agora todas as amigas são portuguesas.

- Como pode comparar o seu país com Portugal? O que é diferente? O que é que falta?

- O clima, claro. Aqui o tempo é muito bom. As pessoas são muito simpáticas, sempre querem ajudar. Os sorrisos. Por exemplo, as senhoras que trabalham nos supermercados na caixa, sempre com sorrisos, lá na Lituânia, não é assim, não existe nenhuma simpatia, nada, as vezes parece que nós fizemos alguma coisa para elas, elas estão olhar com as caras cheias de raiva, sempre não estão satisfeitas com nada. O que é que falta? A comida...aqui é muito diferente.

- Queria voltar para a Lituânia?

- Agora não, a minha vida está aqui. A minha família, os trabalhos, tudo. E para a Marta aqui está melhor. Era muito difícil ir para Lituânia agora, eu se calhar arranjava algum trabalho, mas o meu marido, sem língua não arranjava nada. E para a Marta não era fácil aprender a língua, começar andar na outra escola. E também aqui o futuro tem mais estabilidade, aqui não tenho tanto medo sobre futuro como as pessoas lá na Lituânia. Aqui sinto-me mais segura.

A mãe da Anna

- Bom dia, pode se apresentar, há quanto tempo você está aqui, de onde é?

- O meu nome é Vita Lubiva, eu estou aqui há quase 11 anos e eu sou da Ucrânia.

- Quando é que você começou a pensar sobre a imigração para o outro país?

- Primeira coisa, nós chegamos cá só para ganhar um bocado dinheiro e voltar para a Ucrânia. Pensamos sobre a imigração... quando chegamos cá, começámos a trabalhar,

começamos a ver que não vamos ganhar muito dinheiro, milhões ☺, quando vemos que a vida aqui é mais calma do que na Ucrânia, e um bocadinho melhor, nós decidimos ficar cá.

- Então pode marcar no rio quando isto aconteceu?

- Foi em 2001.

- Porque é que escolheu o Portugal? Porque é que não foi qualquer outro país?

- Porque era mais fácil chegar para esse país. Para a Inglaterra, Espanha e França era muito difícil. Agora também é difícil sair da Ucrânia para o outro país, para as pessoas da nossa idade é quase impossível, é muito difícil. Porque era mais fácil, por isso chegamos para aqui.

- Mas mais fácil no que sentido?

- Por causa dos documentos. Mas nós chegamos para cá sobre os documentos para fazer um visto, porque quando nós chegamos tínhamos visto só um mês, só do lado de turismo. Depois quando passou um ou dois meses nós começamos a legalizar. Então só para receber um visto era mais fácil ir para Portugal. Antes disto eu sabia que há um país Portugal, mas não era muito conhecida para nós. Conhecemos mais Espanha, França, mas Portugal como é um país pequeno, nós não sabíamos muito.

- Pode contar as primeiras experiências aqui em Portugal. Como é que encontraram os primeiros trabalhos, foi fácil ou difícil?

- Para mim não era muito difícil porque primeiro chegou o meu marido, ele trabalhou aqui 9 meses, daqui 9 meses, cheguei eu para cá também. E como que ele trabalhou na fábrica, ele falou com o patrão e arranjou o trabalho para mim. Eu fiquei cá sem trabalho só 2 semanas e depois comecei a trabalhar logo. Para mim foi fácil.

- Você tem uma filha.

- Sim, tenho uma.

- Ela nasceu aqui ou lá?

- Não, ela nasceu lá.

-Que idade tinha a sua filha, quando você trouxe ela para cá?

- 5 anos.

- E ela vinha consigo desde do início?

- Não. Passaram mais 2 anos. Então no primeiro chegou o meu marido, depois de 9 meses cheguei eu e depois de mais dois anos a minha filha.

- E as primeiras experiências dela?

- Ela tinha 5 anos e por isso para ela era mais fácil aprender a língua, porque ela sempre ficou na ambiente de língua portuguesa, e ela aprendeu fácil. Ela chegou para cá, depois começou a frequentar o infantário e ali ela aprendeu, pronto, era fácil para ela.

- Não foi choque nem nada?

- Pronto, nos primeiros meses ela ficou um bocado triste, porque não percebeu nada, mas depois logo ela quando começou a aprender as palavras e fazer os amigos, ela ficou muito mais contente. Ela nunca disse que não queria ir no infantário.

- O que é que você estava a fazer no seu país? Qual é que foi a sua profissão?

- Eu trabalhava como professora na escola primária e professora de música na secundária. Mas nessa profissão trabalhei pouco tempo.

- E quando chegou para cá?

- Como que eu não sabia a língua eu trabalhava na fábrica.

- E agora?

- Agora eu tenho o meu negócio, trabalho como costureira, na loja arranjo da costura.

- Gosta o que está a fazer?

- Gosto muito. Está melhor do que trabalhar na fábrica 😊.

- Foi difícil criar alguma coisa sua, o seu negócio?

- No início era difícil, mas agora já está muito melhor.

- Pode marcar os eventos mais importantes para si no rio?

- Claro que mais importante foi quando trouxemos a nossa filha para cá, isso foi em 2004. Também foi muito importante quando nós mudamos a cidade, antes nós vivíamos em Águeda, mas depois mudamos para Aveiro quando decidimos mudar a nossa vida, isso foi em 2007. Porque antes de mudar para Aveiro nós vivemos em Águeda e eu e meu marido trabalhamos na fábrica, durante 5 anos nós trabalhamos na fábrica e depois decidimos mudar tudo e chegamos para Aveiro e começamos a procurar de trabalho e pronto assim.

- Então foi nessa altura que criou o seu negócio?

- Não, não. Eu abri negócio só em 2011. Agora estamos a desenvolver. Estou muito satisfeita, porque nós sempre estamos a subir. Todos estão a dizer que há crise, para nós não há crise. Quem quer trabalhar sempre arranja qualquer trabalho. Quem quer trabalhar não vai chorar, mas vai trabalhar. Quando nós moramos em Águeda nós tínhamos um salario fixo, com subsídios de natal e de férias, mas nós não queríamos só ter isso, queríamos mais por isso estamos a subir, estamos a tentar. Pensamos a desenvolver mais.

- Porque a imigração para Portugal é importante para si e sua família?

- Era importante porque nós chegamos para cá porque procuramos duma vida melhor, e quando passaram 3 – 4 anos nós vimos que na Ucrânia em cada ano fica pior e pior e para nós, para nossa família, para nossa filha está melhor ficar cá porque aqui está mais calmo, nós sabemos que amanhã vamos ter trabalho, e pronto é por isso, é para futuro. E aqui quando viemos para Portugal com esses documentos nós podemos viajar na toda Europa, porque o meu marido já tem os documentos portugueses, os meus estou no processo e a nossa filha tem a residência de longa duração de 10 anos.

- Como é que a imigração está a influenciar e já influenciou a vida da sua filha?

- Lá na Ucrânia nos primeiros anos ela ficou com os avós, mas nós pensamos que a nossa filha tem que viver com os pais, porque os pais têm que educar os seus filhos. Porque o mais importante é assim. Eu não sei como é que estava para ela porque quando ela chegou para cá ela tinha 5 anos, ainda era muito pequena. Eu acho que aqui nós podemos dar para ela mais do que na Ucrânia, porque lá as vezes nem podíamos comprar algumas coisas, nem pagar as aulas de arte ou aulas de dança. Aqui nós podemos fazer isto tudo. Mas única coisa que eu não gosto é a escola. A escola portuguesa é muito muito mal. Eu não estou satisfeita com esta escola, porque eu vejo que ela está estudar mas não tem nem interesse, nem nada. Falta de motivação. Quando ela começou a estudar na escola primária, primeiro não gostei quando ela começou a escrever as letras, uma letra mais pequena, outra maior e a professora disse: “não se preocupe, isto é normal”, mas para nós isto não era normal, no nosso país ninguém deixava isso, há regras, por isso nós não ficamos satisfeitos, e agora também não estou satisfeita, mas pronto como nós vivemos aqui, nós temos que adaptar para esse sistema porque a nossa filha vai viver aqui.

- Como é que você pode comparar a Ucrânia e Portugal, o que é diferente e parecido?

- Isto é muito difícil, porque em Portugal tem as coisas boas e más, e na Ucrânia também tem as coisas boas e más. Mais importante para nós é o trabalho, porque sem trabalho nós não podemos viver, sobre o trabalho, eu não posso dizer sobre toda a Ucrânia, eu sou duma cidade pequena, na nossa cidade pequena onde eu vivia antes na Ucrânia, ali cada ano fica pior porque as fábricas estão fechadas e gente não têm trabalho, aqui nós podemos arranjar trabalho com ordenado mínimo, mas lá isto é muito difícil. Nível da vida aqui em Portugal está mais alta do que na Ucrânia. O que eu gosto em Portugal, é quando tu vais no supermercado ou nas lojas, toda a gente está com sorriso, toda a gente mais simpática, lá

na Ucrânia é mais difícil porque gente nem sorri, toda a gente é mais fechada. Pois nível da vida aqui é mais alto. Há diferença sobre cultura, nós somos dum país mais frio, mas nossa cultura também é muito rica. É muito difícil a comprar porque são dois países completamente diferentes que têm coisas boas e más, por isso é assim. Aqui nós tínhamos que adaptar-nos para essas regras, essa cultura. Nós temos amigos e russos, e ucranianos, e portugueses e por isso podemos ver como é que eles são. Eles não são muito diferentes. É como na Ucrânia há pessoas más e boas. Quando falamos sobre a discriminação, aqui gente é mais hospitaleira, por isso aqui eu não senti muita discriminação. Vida dos imigrantes não é fácil, mas quem quer viver bem, tem que trabalhar não só para ganhar dinheiro, mas tem que trabalhar para conseguir adaptar-se aqui.

- Vocês na família falam russo?

- Falamos russo mas com poucas palavras portuguesas. A nossa filha fala metade russa, metade portuguesa.

- Como é que ela aprendeu russo.

- Ela andou nas aulas privadas e também em casa connosco. Ela andou numa escola da língua materna, mas agora já perdeu a interesse. Mas ela tem que saber ler e perceber a nossa língua, ela tem que conhecer a nossa parte.

- Você vai para a Ucrânia muitas vezes?

- Antigamente, quando a nossa filha estava lá, nós passávamos as férias todos os anos lá, mas agora não porque os bilhetes estão muito caros. Já há 6 anos que não vamos para lá.

(Entrou um cliente)

- E a ultima pergunta. Alguma vez pensou a voltar para a Ucrânia?

- Para já, não. Mas não posso dizer que não pensei. E não posso dizer que nunca volto, porque não sei como que vai a vida, hoje fica bem aqui mas daqui não sei há quanto tempo, 10, 15 ou 20 anos fica bem na Ucrânia. Eu estou a pensar, mas só passar as férias e como eu tenho família lá, tenho mãe, tenho pai, nós estamos aqui sozinhos e as saudades matam, por isso sempre estou a pensar sobre a Ucrânia. Antigamente tinha mais saudades, mas agora já está melhor, a nossa situação está melhor cá agora, temos muitos amigos, a vida cá já é mais feita, voltar para lá e começar tudo de novo, acho que não. É complicado, tem que ter força, tem que ter motivação. Nós gostamos de Portugal, é um país calmo, gostamos de clima, gente aqui é hospitaleira, eles percebem a nossa situação, porque muitos portugueses também imigraram para os outros países, França, Alemanha, eles estão

a perceber que a nossa vida não é nada fácil.

- Muito obrigada.

A mãe da Rússia – a diretora da Associação “Parceiros da Amizade”

- Bom dia, está tudo bem?

- Bom dia, sim está tudo bem.

- Pode dizer qual é o seu país e há quanto tempo que você está aqui?

- Já há quase 11 anos, vim da Rússia, da Sibéria.

- Quando você começou a pensar sobre a imigração para o outro país?

- Hmmm...pensei..quando o meu marido foi para o estrangeiro para ganhar algum dinheiro e depois passando o meio ano decidi ir para lá. Fui apanhada da surpresa. Nunca pensei.

- Por que escolheu Portugal?

- Quando naquela altura o meu marido saiu de lá para arranjar o emprego no estrangeiro, da toda Europa em Portugal foi mais fácil entrar para estrangeiros. Por isso não foi uma escolha, foi uma calha. Ele chegou primeiro e depois quando a nossa filha tinha 2anos e o nosso filho tinha 9 anos, eu vinha com as nossas crianças.

- Pode contar as suas primeiras experiências e impressões? Como que foram os seus primeiros dias aqui?

- Primeiros dias? Não, foram primeiros meses. (Está a rir). Porque o meu marido trabalhou como engenheiro informático, ganhava muito bem na altura, e nós chegamos cá e eu estava muito cansada do trabalho lá, trabalhei como diretora da escola, e sozinha com filhos pequenos, senti-me horrível. Foi uma altura quando tinha que viver e fazer tudo sozinha. Então quando cheguei dum lugar onde tinha 30 graus negativos, no início fomos toda a família para Málaga, Espanha. Er muito bom. Quando o meu filho saiu do avião, disse: “mãe, verão, verão, mãe!”. Pois é, pois é. No início foi tudo muito bom, nos primeiros meses, arranjam uma casa na Barra, então foi mesmo as férias.

- Qual é a sua profissão?

- Sou professora da escola primária e tenho o curso do método de Montessori. Abri lá na Rússia uma escola de Montessori e nos últimos anos fui a diretora daquela escola.

- E quando vinha para aqui?

- Quando vinha para aqui, o meu marido disse que eu não preciso de trabalhar. Mas como eu estou muito ativa, passando alguns meses eu comecei a chorar porque não tinha nada que fazer. Claro que foi bom que podia dar toda a minha atenção para os meus filhos. Eles

receberam toda a minha atenção, porque a minha pequenina tinha só 2 anos, não andou no infantário, ela estava comigo, mas depois passando alguns meses fomos falar num infantário que estava lá ao lado, e eu arranjei um lugar trabalhar como educadora voluntária. Eu ainda não falava português, aprendi algumas coisas dos livros, filmes, li legendas, dicionários, e fui assim trabalhar. Calhou naquela altura uma oportunidade de trabalhar na ATL. Foi uma aventura que eu nunca tive na minha vida. 160 Crianças a gritar, todos a falar no mesmo tempo, mas consegui. Fiz “origami” com eles e outras atividades e depois eles não se importaram mais que falei um bocado torto. Eu não sabia como dizer, então as vezes explicava em russo, que para eles era mesmo como chines.

- Acha que é o problema trabalhar com as crianças quando não fala português?

- Eu posso dizer que mesmo sem língua eu consegui ter as crianças a volta mais do que auxiliares que falaram português. Claro, isto é importante, e falar correctamente é importante com as crianças, mas também não tem menos importância a própria vontade e jeito da pessoa como gerir com as crianças.

- Pode dizer o que é que aconteceu mais importante durante este período da imigração na sua vida? As coisas mais marcantes?

- Eu acho que o desespero que quando eu já sei falar bem e tenho os documentos equivalentes e não consigo arranjar o trabalho, o lugar que corresponde a minha formação. Pronto, eu sou um bom profissional no meu maior. Na carreira como professora eu tinha avaliação máxima, que aos 30 anos, raramente, no nível do país alguém tem. O trabalho que eu fiz na Rússia, foi um trabalho metodológico e muito específico. E foi conhecido lá, por isso fiquei muito estranhada que não consigo cá fazer o mesmo o que eu fiz na Rússia. Mesmo aqui na universidade não ficaram interessados. Isso para mim foi muito triste, eu achei que isso não era correto.

- Ainda tem alguma vontade de lutar?

- Eu sempre luto, sempre faço alguma coisa e pessoas falam: “ ooh, conseguiste!”, mas para mim isto é o zero, eu acho que isto não é normal. Eu acho aqui o sistema para pessoa integrar-se na vida profissional é muito complicada para estrangeiro. Para estrangeiro é muito difícil entrar na carreira, não seja médico, mas para outra profissão.

- Porque a imigração para Portugal é importante para você?

- Não é importante. Num lado é importante porque eu decidi na altura estar com o meu marido. Isso era importante, eu tinha que escolher estar sozinha com filhos na minha terra

e ser a diretora e trabalhar na minha profissão ou juntar a família e deixar as crianças ter o pai na vida deles. Isso foi uma escolha mais difícil que eu fiz na minha vida. Mas como eu já escolhi assim, tento que fazer tudo.

- Acha que para você própria isso foi uma perda ou um ganho?

- Nem perda, nem ganho. Eu acho se continuava lá na Rússia, na Sibéria, eu não estava mal. Eu não fugi, não foi esta escolha porque eu não consegui lá. Eu consegui lá tudo, tinha lá tudo. Tenho muita pena dos meus amigos e família que eu deixei lá, mas como já estou cá bastante tempo...não sei. Mas voltar, claro que já não consigo o mesmo o que eu deixei. Pronto, há coisitas que já estão a segurar e vão segurar aqui.

- E como a imigração influenciou a vida dos seus filhos?

- É difícil a dizer porque nós não conseguimos experimentar na outra maneira, se for ali como é que fosse. Mas eu acho que o meu filho mais velho ganhou algumas coisas que talvez não conseguia lá, por exemplo a língua portuguesa, mas perdeu as outras coisas que tinha bom lá. Ele andava nas várias atividades: piscina profissional e musica também. Aqui eu não consegui dar-lhe isso porque na altura moramos em Gafanhã e não sabendo a língua e não sabendo a vida nós não conseguimos arranjar, quando já soube, já era tarde de mais, já cresceu e não queria continuar estas coisas. Eu acho que o mais velho perdeu mais coisas. Não sei, agora claro que como ele já é adulto mais do que criança, ele de vez em quando diz- me que talvez na Rússia era melhor.

- Como pode comparar a Rússia e Portugal?

- É muito difícil a comparar assim, talvez era mais fácil a comparar a cultura europeia e a cultura da Rússia, porque o meu país nem todo é muito europeu. Mas eu vivi numa cidade europeia por isso não fui estranhada com Portugal. Para mim era mais ou menos tudo normal aqui. O que eu reparo aqui, é que as pessoas aqui nos primeiros contactos são mais cuidadas com outros, nas lojas, nas passeadeiras são mais atentas, cuida os outros, mas não sei este cuidado é muito profundo. Não sei, é muito difícil a dizer porque na Rússia eu sempre vivi na mesma cidade, nunca fui para outra, então nunca tinha acolhimento qualquer. É difícil comparar as pessoas, porque os amigos é uma coisa, mas pessoas lá não sei como acolham os outros, nunca tinha esta experiência lá, mas cá em Portugal cuidam mais, isso é que sim. Acho que as pessoas da Rússia são mais certas, dizem mais verdade, não escondem tanto a opinião. Os portugueses muitas vezes dizem uma coisa e depois atras

das costas, outra coisa. Eu muitas vezes percebo, talvez fazem isso porque sabem que isso não é agradável e eu acho que isto é uma característica que não é muito boa.

- Pensa voltar para Rússia algum dia?

- Voltar?

- Sim.

- Não, assim não penso. Agora já tenho tudo aqui, quero construir a minha vida cá, quero permanecer construir o futuro.

- Pelo menos vão passar as férias lá?

- Não, porque não vala a pena ir a Rússia, na minha juventude visitei muitos países, a minha família está na Sibéria. Ir lá sozinha, eu não acha que é muito bom porque a viagem é muito prolongada, e ir com toda a família torna-se muito caro. Fomos lá todos só uma vez, ficou 5000 euros. É impossível gastar tanto só para as férias.

- Quais são as expectativas para os próximos anos?

- Abrir uma escola de Montessori e trabalhar no ramo e ganhar a vida, quero mostrar que há outras coisas que as pessoas cá estão a perder. Podiam abrir os olhos e olhar para as outras coisas. É isso o que eu quero.

- Muito obrigada.

ANEXO 2.

TRASCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS IMIGRANTES:

Marta

- Olá, lembras-te que algum tempo atrás nós encontramos-nos aqui e eu fiz algumas perguntas para a tua mãe?

- Sim.

- Então hoje eu queria falar contigo, pode ser?

- Sim.

- E porque eu estou a fazer um projeto para a universidade sobre as crianças imigrantes e dos imigrantes. Tu sabes o que é imigrante?

- Sim.

- É o que?

- É uma pessoa que vai dum país para outro.

- Tu não és imigrante, mas a tua mãe é, então há crianças imigrantes e há crianças dos imigrantes. Tu és uma criança da imigrante. Pronto, eu queria falar um bocadinho sobre ti. Podes apresentar?

- Eu sou a Marta, tenho 9 anos, e... (uma longa pausa).

- Qual é a tua escola?

- A minha escola é João Afonso.

- E estás no qual ano?

- Quinto ano.

- Lembras, na última vez tu desenhas-te uma família para mim? Podes comentar um bocadinho o que tu desenhaste aqui?

- Eu desenhei a minha família, os meus pais – a minha mãe e o meu pai, a minha madrinha – prima, o meu primo, o meu irmão, a minha gata, o gato da minha avó, a Lucky, a minha tia e eu acho que eu não acabei o meu desenho. Também queria desenhar a minha avó e o meu avô, a tia e o tio, e é assim.

- E a tua família da Lituânia?

- A sim. Os avos, o avô Zanaras, a avó Zydra, o padrinho, os primos Mantvydas e Lukas, a prima Toma, e elas estão na Inglaterra.

(a mãe está a perguntar porque)

Porque eles imigraram para Inglaterra, mas os outros estão na Lituânia.

- E tu já alguma vez foste para a Lituânia?

- Sim, fui neste ano.

(A mãe está a explicar as razões porque eles foram para a Lituânia: para tratar a carta da condução e trocar o passaporte).

- E gostaste lá?

- Gostei. Aiii os queijos e queijinhos. Eu adoro queijinhos.

- Pois, eles são muito bons. E não foi difícil perceber tudo para ti?

- Não.

- Conquistaste conversar com todos?

- ehhh. Às vezes eu usava o tradutor?

- A tua mãe?

- eh, mais ou menos.

(A mãe está a dizer que ela estava a usar o tradutor on-line, a avó dela encontrou uma maneira para elas comunicarem usando o Google tradutor. Uma escrevia a frase em lituano e traduzia para português, depois outra escrevia em português e traduzia para lituano).

- Mas foi muito difícil encontrar a língua lituana e a língua portuguesa, tipo na Lituânia Português, foi difícil a encontrar. Mas eu consegui. Foi difícil.

(A mãe está a pedir a perguntar porque ela não quer aprender a falar lituano).

- Tu queres aprender a língua lituana?

- mmm eee.

- Mas assim ajudava a compreender todos na Lituânia, os teus avós, não é?

- A minha mãe também me obriga.

- (a mãe) Quando sabes mais línguas, melhor é.

- Pois é. Mas eu vou aprender Espanhol no sétimo ano. Espanholito (está a rir).

- (a mãe) Mas o primeiro o lituano. Ela agora está a aprender as letras, escreve.

- Eu também estou aprender inglês, não sei, mas eu acho que também vou aprender francês.

- (a mãe) Então, queres aprender todas as línguas menos a materna, está certo?

- aaa?

- (a mãe) Estou a falar do lituano.

- Aaa sim.

- (a mãe) Tu nunca sabes, podes um dia imigrar para a Lituânia.

- Sim.

- Querias?

- Não.

- Não querias viver lá, só a visitar?

- Sim.

- O que tu gostaste mais lá na Lituânia?

- Os queijinhos, mais... não sei.

- E chocolates?

- A sim, também gosto dos chocolates.

- A tua mãe é Lituana, o teu pai é Português, e tu?

- Sou portuguesa e lituana.

- **E porque é assim?**

- Porque a minha mãe é lituana e o meu pai é português.

- **Na tua escola há crianças dos outros países? Ou na tua turma?**

- Na minha turma, não.

- **(a mãe) Agora não, mas antes sim.**

- Luís Ângelo, acho que é do outro país, mas não sei. Mas ele fala português.

- **(a mãe) Mas no ano passado tiveste uma colega brasileira.**

- A sim, na minha escola antiga, na minha turma tinha a Raquel que é brasileira, a Sara que é inglesa, e mais ninguém. A e tinha o Luís que era da China, e tinha um menino da Índia.

- **E eles todos falaram português?**

- Sim, falaram.

- **Eles nasceram cá em Portugal?**

- Não sei.

- **(a mãe) Sim nasceram. E por exemplo, o Luís falava com os pais em chinês, e a Ami, a indiana, falava com pais em indiano. Estás a ver, e tu não queres falar comigo em lituano.**

- **E tu não gostarias de falar com a tua mãe em lituano?**

(A mãe está a dizer que isso é o sonho dela)

- Eu já realizei os sonhos com a minha mãe. Nós fizemos o acampamento no meu quarto.

- **(a mãe) então o teu sonho concretizou-se, não é? Será que o meu vai se concretizar daqui há 10 anos?**

A Marta está a sorrir.

O comentário da mãe: o meu irmão inscreveu o filho dele numa escola da língua lituana Online. Eu perguntei a Marta se ela quer aprender lituano naquela escola ou comigo, e ela disse que quer comigo. Eu abri a página daquela escola, encontrei os poemas e canções em lituano e estou a tentar ensinar a Marta. Estamos a aprender a música “Grazi ponia peleda”.

(A Marta começa a cantar em Lituano).

- **E tu percebes o que tu estás a cantar?**

- Ehhh, eu só lembro esta parte.

- **Tu percebes alguma coisa quando a tua mãe e eu falamos em lituano?**

- Não, nada. Só quando dizem “sim” e “não”.

- **Só aquelas palavras básicas, sim?**
- Sim.
- **E na tua escola há ajuda para as crianças imigrantes?**
- Não sei.
- **(a mãe) Não.**
- **Não há nenhuma pessoa?**
- **(a mãe) Há o bairro social. Eu falei com uma mãe da Moldávia, ela disse que quer mudar a escola porque há pouco apoio. Contou a situação, quando para as meninas disseram se calar e voltar para o país delas, mas elas nasceram cá em Portugal, já há 8 anos que estão a viver cá. O que tu gostaste na Lituânia sem ser queijinhos?**
- A comida lituana, aquela carne muito boa, é kotletai. A avó faz mesmo bem.
- **Há quantas vezes que tu já foste para a Lituânia?**
- Uma, duas, três...três ou quatro.
- **Fomos ao aquaparque em Druskininkai, lá tinha jacúzi.**
- Tu gostas mesmo da água, sim?
- **Sim. Havia uma piscina de ondas.**
- O que gostaste mais em Druskininkai?
- **As fontes com água, luzes e música, foram muito fixes.**
- **(a mãe) Gostaste da spurga, não é?**
- O que?
- **Os doces, aqueles bolinhos fritos com doce de fruta por dentro.**
- A sim, sim. Já estou com fome ☺.
- **Achas que as crianças imigrantes estão discriminadas, ignoradas na escola?**
- Acho que não.
- **Então na escola estão todos iguais, sim?**
- Sim.
- **Como é que nós podemos ajudar a integrar as crianças imigrantes. Imagina, que a tua turma chegou uma criança do outro país e não sabe nada, não fala português.**
- Podemos ensinar algumas palavras, a falar com todos.
- E fora da escola?
- Dar o apoio, convidar para a sua casa, brincar com ele, ensinar algumas coisas, algumas palavras.

- O que tu mostravas para a criança imigrante aqui em Aveiro?

- A ria de Aveiro, a comida tradicional, tipo ovos-moles, bolo de arroz. A Santa Joana, as salinas... o que mais, deixa-me pensar, as esculturas com carras, a praça, falava da história da liberdade e mostrava a praça da liberdade.

- E o mar?

- A sim, também. O Jumbo e o Forum e eu acho que mais nada.

- E apresentavas os teus amigos?

- Sim. Assim eles não se sentiam sozinhos.

- E o centro de convívio, achas era boa ideia? Tipo, um centro para as crianças imigrantes e não imigrantes, onde elas podiam encontrar-se depois da escola, brincar, aprender sobre as culturas diferentes.

- Sim.

- Contas mais alguma coisa para mim. O que gostaste mais na Lituânia? A natureza?

- Sim as florestas, tem muito verde.

- (a mãe) Também gostas dos mirtilos.

- Sim.

- Foste apanhar nas florestas os mirtilos?

- Não.

- O teu pai fala lituano?

- Não.

- Mesmo nada?

- Sabe algumas palavras. Eu já estou com fome.

(Dei chocolates lituanos)

- Aciu (obrigada em lituano).

- Nera uz ka (de nada).

- Qual palavra lituana é mais bonita para ti?

- Labanaktis (boa noite), saldziu sapnu (bons sonhos), taip (sim), ne (não).

- Com os teus primos na Lituânia tu brincaste em que língua?

- (a mãe) Neste ano eles não estavam lá, estavam em Londres.

- Tu achas que a língua lituana é linda?

- Sim.

- (a mãe) Então, vale a pena aprender? Vamos continuando aprendendo?

- Sim.
- **Então podemos aprender todas, podemos encontrar tomar um cafezinho e tentar a aprender.**
- Cafezinho não, leitinho.
- **(a mãe) Vamos, porque tu tens muitas letras para escrever hoje.**
- Sim (está a mostrar o livro da musica e a mãe esta a dizer que ela está a falar sobre as letras lituanas).
- **Estas a gostar das aulas de música?**
- Sim.
- **Qual aula é a tua preferida na escola?**
- Português e inglês.
- **Então, gostas das línguas?**
- Sim, porque as aulas são muito boas. E as professoras também.
- **(a mãe) Nós temos que ir.**
- **Obrigada às duas.**
- De nada.

Viktoria

- **Olá. Podes se apresentar, dizer o teu nome, de onde és, há quanto tempo estas cá, a tua idade, a tua escola?**
- Sou Viktoria Sarapoviak, tenho 17 anos, sou ucraniana, estou no 10º ano na Escola José Estevão.
- **Podes contar a tua história, como é que aconteceu que tu e a tua família mudaram para Portugal?**
- Sim. O meu pai soube que aqui em Portugal havia oferta do trabalho, e os amigos dele contaram que aqui é mais fácil arranjar o trabalho do que na Ucrânia. Então o meu pai veio pra cá vê se encontrava algum trabalho. Encontrou, e depois voltou para a Ucrânia e levou a minha mãe. Eles foram juntos para Portugal. Eu fiquei lá com o resto da minha família, com a minha avó. Depois passado um ano, voltaram, voltou o meu pai buscar-me, depois de resolver alguns papéis que demoraram um ano.
- **Isso foi há quantos anos?**
- Isso foi há 7-8 anos.
- **Então, estas aqui há 8 anos?**

- Sim.

- **Quantos anos tu tiveste quando vieste para cá?**

- Tinha 9 anos.

- **Ainda te lembras como foi que tu sentiste quando os teus pais trouxeram-te para Portugal?**

- Aaa sim, foi tudo muito estranho, aqui estava tudo muito mais desenvolvido do que lá, havia as coisas diferentes. Eu vinha duma cidade pequena, com animais e tudo, aqui a cidade era maior, mais desenvolvida. E a minha maneira de vestir e falar, e ser estava um bocado estranha. Quando eu vinha pra cá, logo fui para a escola, eu não sabia falar nenhuma palavra. Na aquela altura eu tinha 9 anos e tinha que ir para 3º classe, mas como não sabia falar tinha que voltar um ano para atras.

- **Tinhas algum apoio lá na escola? Como é que tu aprendeste a língua?**

- Não, não tinha nenhum apoio, só sentava nas aulas, estava a ouvir e depois mais ou menos de meu ano comecei a falar. E com as crianças é mais fácil aprender falar português.

- **Mas conseguiste tudo nas aulas, aprendeste rápido?**

- Sim, depois foi rápido.

- **Lá na escola tiveste alguma pessoa responsável por ti? Algum ajudante?**

- Não tinha nada disso. Só tinha uma vez, durante um ano no 8º ano, tinha uma disciplina que era aparte “Língua não materna”, mas depois a professora disse que se calhar não precisava porque eu já tinha boa nota em Português.

- **O que para ti foi mais difícil?**

- A cultura que é completamente diferente, as pessoas, como elas pensam, reage, tudo era completamente diferente, o tempo.

- **Lembras o teu primeiro dia na escola?**

- Não muito bem, lembro-me que eu vinha com a roupa que para outros parecia muito estranha, não percebia nada o que eles estavam a dizer a mim, todos estavam a pensar que sou uma rapariga muito estranha.

- **Estavas muito sozinha?**

- Eu tinha uma amiga, na turma, que era russa. E ela era única pessoa que quando eu precisasse ela ajudava, isso era bom.

- **E depois fizeste rápido amigos.**

- A sim. Depois fiz rápido amigos. Quando comecei a falar mais, fiz muitos.
- **Achas que a escola portuguesa é bem preparada para receber os alunos dos vários países?**
- Para mim nunca deram muito apoio, nunca ajudaram aparte. Se calhar precisava criar mais apoio aparte. Eu precisei muito disso. Mas se calhar mais apoio.
- **E hoje em dia, sabes se a tua escola tem algum apoio ao aluno imigrante?**
- Só para os imigrantes?
- **Sim.**
- Não, só para os imigrantes não tem. Tem o apoio para quem quer ir lá, mas só para imigrantes não. Não existe nenhum programa especial, nem nada.
- **Quando foi a última vez que tu foste para a Ucrânia?**
- Foi mais ou menos 4 anos atrás. Foi a única vez que eu fui.
- **Não tens saudades de lá?**
- Tenho muitas saudades, mas só para visitar, para voltar a viver lá, não.
- **O que faz muita falta de lá?**
- Não sei. Aqui é tudo muito mais desenvolvido do que lá. Se calhar é só assim onde eu vivia. No capital da Ucrânia se calhar é que não, se calhar também é mais desenvolvido. Onde eu vivia estava tudo atrasado, era uma cidade muito pequena. Uma coisinha muito pequeninha.
- **E a tua família?**
- Lá na Ucrânia não tenho muita família. O meu pai já não vive connosco, ele vive aparte da minha mãe, e da parte da minha mãe só tenho o irmão dela, a mulher do irmão e a prima. Não tenho mais ninguém.
- **E os amigos da Ucrânia?**
- Tenho.
- **E estas em contacto com eles?**
- Mais ou menos, tenho dois grandes amigos, a rapariga e o rapaz, mas é difícil falar com eles. A rapariga é a minha prima, com ela é complicado escrever em russo mas mesmo assim as vezes falamos. E o meu melhor amigo da infância que agora está nos Estados Unidos, ele foi pra lá na mesma altura como os meus pais para Portugal porque havia muito trabalho lá, então, com ele eu costumo falar muitas vezes com ele. Mas com ele falo pouco russo, é mais inglês.

- Então já não falas muito russo?

- Não muito bem. Já me esqueci algumas partes da língua. É difícil.

- Mas perceber ainda percebes?

- Sim.

- Andaste aqui em Portugal nas aulas de russo?

- Sim, andei. Tinha aulas normais na escola, e nos fins de semanas andei nas aulas de russo para aprender e não esquecer completamente a língua. Mas agora já não ando.

- Já não queres?

- Aquelas aulas são mais para crianças.

- Eu já não lembro escrever, e falar sem escrever já não é a mesma coisa.

- Gostavas de aprender de novo?

- Eu gostava, mas agora não tenho muito tempo com a escola e com todas outras coisas.

- Se eu agora perguntava onde é que está a tua casa? É aqui em Portugal ou lá na Ucrânia?

- È Portugal, agora é o meu país.

- Então és mais portuguesa do que ucraniana?

- Sim, Sim, Sim.

- Os teus amigos aqui em Portugal são portugueses ou são dos outros países?

- Portuguesa, amigos russos, eu não tenho, só conhecidos.

- Por que? Não queres ou mesmo não tens?

- Mesmo não tenho. Na minha turma só portugueses, então todos os meus amigos são portugueses.

- Qual é a língua que tu falas em casa?

- Eu com a minha mãe falo português.

- E a tua mãe fala português?

- Sim, porque ela anda nas aulas de português, então é bom para ela para aprender também. Falamos em português, assim é mais fácil.

- E não há dias que falam russo? Por exemplo, acordam de manhã e dessem: “Hoje falamos só russo”.

- Há as vezes. Ela tem muitos amigos russos, então quando estamos com eles falamos russo. As vezes no fim do dia nós esquecemos que normalmente falamos português e

continuamos a falar em russo. Ou quando nos falta alguma palavra em português, dissemos em russo.

- Então, foi difícil ou fácil aprender português? Achas que é uma língua complicada?

- Em geral acho que é mais ou menos. As vezes eu tenho muitas dificuldades. Falo bem português, mas tenho dificuldades de escrever. Tem muitas palavras que escrevem-se num caso assim, no outro assim. E os verbos, e acentos, e as palavras que dizemos numa forma mas escrevemos na outra.

- O que na tua opinião é essencial para ser uma portuguesa?

- Eu acho que no primeiro lugar é a língua.

- Então, a língua abre as portas.

- Sim, a língua é mesmo muito importante. Quando percebes a língua, também dá perceber o resto.

- As outras pessoas, os teus amigos querem saber sobre o teu país?

- Sim, os meus amigos sempre perguntam como se diz algumas palavras, querem saber como que é lá a escola e outras coisas, gostam de comparar. Querem saber as tradições e cultura, coisas assim.

- Antes de vir para Portugal os teus pais perguntou se tu queres ir viver para o outro país?

- Ninguém não perguntou nada, mas eu queria ir para Portugal muito para ter com os meus pais. Estava muito difícil estar um ano sem eles, queria mesmo ter com eles. E também eu era pequenina para saber o que eu queria.

- E quando a criança já é mais velha, tipo adolescente, achas que importante ouvir a opinião dela?

- Acho que sim, tem que se falar e ver o que é melhor para todos.

- Alguma vez tiveste alguns problemas por ser ucraniana? Foste discriminada?

- Tipo maldade não, nunca, mas a brincar sim. As vezes há pessoas que usam isso, por exemplo os médicos. As vezes somos mal tratados, não tão bem como os portugueses. Mas na escola todos somos iguais, na escola todos tratam igual. Mas os portugueses as vezes podiam ser um bocadinho mais compreensíveis, só um bocadinho. Mas nunca senti-me discriminada.

- A nossa aparência diz logo que nós não somos daqui, alguma vez alguém disse algo na rua?

- Sim, mas quando eu digo alguma coisa eles logo calam-se porque eu falo sem sotaque.
- **Gostas ou não gostas de ser diferente?**
- Eu gosto.
- **O que é que tu achas que os portugueses pensam sobre os ucranianos?**
- Eles dizem que a nossa cultura é muito educada e trabalhadora. Os alunos comportam-se muito bem e são muito bem-educados. Eles dizem que as raparigas da Ucrânia são muito bonitas e simpáticas, e isso.
- **E nunca ouviste a dizer nada mal?**
- AH pronto, que somos mafiosos, que somos da mafia. (está a rir)
- **Hoje em dia há muitas famílias que não são daqui, há muitas crianças imigrantes. O que tu achas que podia ser feito para melhorar a integração e participação destas crianças?**
- Precisamos mais ajuda, se calhar o estado podia dar mais apoio com dinheiro, não sei, ou as escolas podiam ter professores que nos acompanhassem, um professor particular que nos dizesse como fazer as coisas, o que é mau.
- **Achas que dava jeito que aquele professor falasse russo?**
- Isso era muito bom, podia ajudar muito.
- **E um centro de dia para as crianças imigrantes e não com as atividades multiculturais era boa ideia?**
- Acho que isso é uma boa ideia. Isso ajudava para melhor convivência.
- **Muito obrigada pela tua conversa comigo.**
- De nada e boa sorte.

Anna

- **Olá. Então, no primeiro, queria que tu apresenta-se. Podes dizer o teu nome, de onde és, a tua idade, há quantos anos que estás cá, a tua escola?**
- Sou Anna Lubiva, tenho 13 anos, estou no oitavo anos, estou quase fazer os 14, ando na escola do José Estevão que está aqui perto, soa da Ucrânia, e acho que é só (está a sorrir).
- **Há quantos anos que estás aqui?**
- Mmmm... uns 8, pra aí 8.
- **Podes contar a tua história, como é que foi que a tua família decidiu mudar para Portugal?**

- Não sei, a mim contaram que os meus pais, o meu pai e a minha mãe não estiveram ver bem o meu futuro lá na Ucrânia, e então eles decidiram ir para Portugal, acho que eles me disseram assim, não sei bem. Eles disseram para os meus avós que decidiram ir para o estrangeiro procuram o trabalho e as melhores condições porque lá na Ucrânia não há assim boas condições. Pronto, o meu pai foi quando eu tinha um ou dois anos, acho que foi quando eu tinha um, e a minha mãe foi quando eu tinha 2 anos. E eu fiquei com os avós até os 5 anos e depois os meus pais voltaram a me buscar. Porque logo durante aqueles anos eles conseguiram arranjar os trabalhos, começaram a vida aqui. Eu estava quase para ir para a escola. Eu fui para a escola aos 6 anos.

- Mas foste para a escola ou para o infantário?

- Primeiro eu fui para o infantário, eles levaram-me para Portugal um bocado antes para adaptar a língua, então eu, primeiro, fui para o infantário, lá aprendi as palavras essenciais e o resto foi assim adaptando. Eu, às vezes, olhava para as pessoas e associava com algumas palavras da minha terra, foi uma confusão, mas depois foi fácil.

- Então, aprendeste rápido a língua?

- Mais ou menos, eu não lembro muito bem, por que isto foi já há muito tempo.

- Tu tinhas 5 anos quando vieste para cá, está certo?

- Sim.

- Ainda lembras como é que tu sentiste nos primeiros dias aqui? Ou nas primeiras semanas, meses e anos?

- Nos primeiros anos...é muito diferente, eu estava muito habituada ao meu bairro, aos meus amigos, e depois quando eu vinha para aqui, era o novo mundo entre aspas, as outras coisas, nova língua, novas pessoas.

- Alguém perguntou se tu querias ir para Portugal?

- Quando eu era pequenina, eu não dizia sim ou não, levaram e pronto.

- Tinha que ser.

- Pois, eu era muito pequena. E agora lá seria um bocado difícil, como que estão as coisas na Ucrânia, os problemas económicos da crise, não sei o que se passa lá.

- Mas aqui também há crise.

- Mas aqui tem melhores condições, hábitos da vida, não sei.

- O que é que foi mais difícil para ti em Portugal?

- Acho que nada, porque a língua aprende-se bem, aprendi no infantário, acho que aqui não há nada difícil por em quanto.

- Como é que tu aprendeste a língua? Alguém ajudou, alguém deu aulas?

- Eu lembro-me que no infantário eu tinha o ajudante que me ensinava as palavras, que me dava os exercícios para fazer com os números. Era para mim e para o meu amigo. Era eu o amigo meu, ele também não era de cá, acho que era da Hungria, já não me lembro, já foi muito tempo. E nós tínhamos um acompanhante, uma pessoa que nos ajudava.

- Lembras o teu primeiro dia na escola?

- Mais ou menos. Já conhecia várias crianças do infantário que também foram para mesma escola como eu, então já tinha os meus amigos lá. Lembro-me que o grupo dos meus amigos sentou-se num lado e o outro grupo sentou-se no outro, e nós estávamos olhar uns para os outros, não conhecíamos ninguém, mas depois fomos apresentando, correu tudo bem ao longo do tempo.

- Então, para ti não foi difícil adaptar na escola?

- À mim não, aos meus pais aqui em Portugal não sei.

- Quando foi a ultima vez que tu foste para a Ucrânia?

- Já há muito tempo, eu quando fui para Portugal, só uma vez fui para a Ucrânia, e isso foi quando eu era muito pequenina, não me lembro muito bem a data.

- Não tens saudades dos teus avos, amigos?

- Por acaso tenho. A minha avó no ano passado veio pra cá, então, lembrei-me quando eu era criança, e lembramos momentos da infância. Tenho saudades dos meus, avos, amigos, dos meus primos, porque não vejo eles já há muito tempo.

- Com os teus amigos, ainda estás em contacto com eles?

- Eu lembro-me que no bairro nós tínhamos um grupo dos amigos, nós tínhamos lá uma caixinha de areia, brincávamos lá, e ultimamente falo com eles por skype ou por facebook às vezes, já não há tanta ligação como na infância, porque já não estou lá há 8 anos, já não nos vemos há 8 anos.

- E a tua língua, ainda lembras falar?

- Eu ucraniano já não lembro muito, quando os meus pais deixaram a Ucrânia, os meus avos eram russos, falaram em russo, e eu não falava nada ucraniano, eu falava mais russo, e ucraniano só umas palavritas, assim entendo, mas não é tanta coisa.

- E agora na tua família em que língua vocês falam em casa?

- Eu com eles falo russo, mas atrapalho-me e misturo russo com português, e português com russo. É assim uma coisinha estranha.

- Cá em Portugal estudas língua russa?

- Estudava uns anitos mas depois não, porque não havia muitas pessoas lá, foi só uma vez por semana e não dava muito jeito para mim, porque que estudar. Agora só estou no português, inglês e francês, e mais nada.

- Se calhar chega, já são muitas línguas?

- Pois.

- Tens algumas saudades da Ucrânia? Se calhar há alguma coisa que tinhas lá e aqui não tens?

- Se calhar é a minha família toda, e algumas lembranças da minha infância quando eu era pequenita. Também os meus amigos e primos, as brincadeiras que tínhamos.

- Se eu agora perguntava onde é que a tua casa, cá em Portugal ou lá na Ucrânia, és mais portuguesa ou ucraniana?

- Eu acho que estando mais em Portugal fico mais portuguesa por que eu agora só falo russo todo o dia só duas vezes por semana, a tarde com os meus pais, mais tempo eu falo português e as vezes com os meus amigos da Rússia não consigo falar em russo e falo com eles inglês.

- Inglês?

- Sim.

- Os teus amigos são portugueses ou são dos outros países?

- Eu tenho amigos portugueses, tenho russos, conheci uns da Inglaterra e outros franceses. É mais ou menos do todo o mundo.

- Encontraste eles lá na escola?

- Encontrei nessa escola e nas escolas que eu já estive, porque estive nas várias.

- Alguma vez tinhas algum problema por ser ucraniana?

- Penso que não, as pessoas agora não ligam muito a isso, porque antes uma amiga minha contou que a mãe dela não era russa, era francesa, ela foi pra escola e pessoas começaram a gozar com ela e já não queria ir para a escola. Mas agora, nestes tempos, já não é a mesma coisa, as pessoas já estão mais habituadas, as vezes parece que há mais estrangeiros do que portugueses, e pronto, estão habituando. Não há problemas praticamente.

- Como tu disseste que hoje em dia há muitas famílias com as crianças dos outros países cá em Portugal. Como é que tu achas o que podia ter feito para a melhorar a integração deles aqui em Portugal?

- Não sei, a minha professora da geografia falou sobre a xenofobia. As pessoas são iguais, e nós temos que aceitar quem nós somos, não sei.

- Achas que a escola portuguesa está bem preparada para ter os alunos estrangeiros?

- A escola que eu ando, sim porque a minha escola tem o programa para aqueles que tem algumas deficiências, para aqueles que estou da fora. Por exemplo, a minha amiga, ela está cá há só 3 anos, e ela tem os apoios que ajudam a melhorar a língua, a língua escrita e tudo isso. E acho que é bom, porque ela está cá há pouco tempo, mas conseguiu melhorar um bocado.

- Algum dia querias voltar para a Ucrânia?

- Não sei porque aqui tenho tudo, tenho os meus amigos, tenho os meus pais, só não tenho todos os meus familiares. Acho que preferia estar cá em Portugal, porque aqui tenho tudo o que eu quero.

- Quais são os teus planos do futuro, já sabes o que querias fazer?

- Não faço mínima ideia (está a sorrir). O que eu gosto mesmo é de artes, mas em artes há muita coisa, há pintura, há escultura e muito mais, e eu não sei. Eu sei um bocado de tudo mas agora o que eu quero mesmo, mesmo, ainda não sei.

- Pronto. Muito obrigada.

- De nada.

Anastasia

- Eu queria que tu apresentar-se, diz o teu nome, a tua escola, quantos anos tu tens, há quanto tempo tu estás aqui, de onde és.

- Eu chamo-me Anastasia, tenho 12 anos, ando na escola aqui em Esgueira de Aires Barbosa, e sou da Ucrânia.

- Há quantos anos que estás aqui?

- Há 2.

- Podes contar a tua história, como que foi que a tua mãe decidiu ir para Portugal e depois tu juntaste a tua mãe cá?

- E então, a minha mãe veio pra aqui para Portugal para trabalhar e eu fiquei na Ucrânia com os meus avós, e depois a minha mãe decidiu para ir buscar-me da Ucrânia, e eu já estou cá há 2 anos.

- E tu querias ir com ela?

- Sim, mas...pronto, tinha saudades quando vinha pra aqui da minha avó e do meu avó, dos meus amigos, eu chorava, mas depois habituei-me.

- Como tu sentiste quando a tua mãe disse que tu vais com ela para Portugal?

- Senti-me muito triste, não queria deixar os meus avós e os meus amigos, mas depois as minhas amigas diziam que em Portugal é muito fixe, que é um país diferente, mas eu não queria, porque lá eu tinha muitos amigos, já andava na escola lá na Ucrânia, eu tinha lá os meus avós, primos.

- Então, não querias deixar toda a tua família lá?

- Sim.

- E demorou muito tempo a habituar?

- Dois meses.

- Dois meses? Só? E fizeste os amigos rápido?

- Sim.

- Quantos anos tu tinhas quando vieste para cá?

- 10.

- Ainda lembras como tu sentiste quando chegaste para cá?

- Sim, lembro sentia-me muito sozinha, não percebi nada.

- Como foi o teu primeiro dia na escola?

- Primeiro dia na escola foi assim: eu fui para escola e a minha mãe estava comigo, e estavam lá as meninas da minha turma. Estavam lá a falar e eu acho que estavam lá a falar sobre mim. Eu senti muito tímida, porque não sabia falar muito bem português. Eu já estava cá 7 meses quando eu fui para escola. Depois eu comecei a falar com os meninos, e eles começaram a falar comigo e tudo correu muito bem.

- Tu entraste na escola no início do ano?

- Sim.

- O que para foi mais difícil aqui em Portugal?

- Mais difícil foi habituar-me, foi difícil habituar as pessoas, o país, porque é muito diferente, também aprender a língua. Foi muito complicado, e pensei que nunca conseguia aprender a língua, mas a final consegui.

- E conseguiste muito bem. O que tu achas sobre a escola portuguesa? É bem preparada para ter os alunos dos outros países?

- Acho que não é bem preparada, porque comparado com a Ucrânia e com Portugal não tem nada a ver. A Ucrânia é muito bem preparada, lá na minha escola todos eram bons alunos, só havia por exemplo dois ou três maus, todos bons. Mas aqui em Portugal os alunos tiram 3, tiram poucos 5 e 4 e por isso. E eu acho que não é bem preparada.

- Há apoio para as crianças estrangeiras na tua escola?

- Sim há, só na primaria não há, mas na secundaria há da língua portuguesa e de matemática.

- Quando foi a ultima vez que tu foste para a Ucrânia?

- Neste ano e no ano passado ainda não fui, mas vou pro ano.

- Então ainda não foste nenhuma vez?

- Não.

- Já tens saudades?

- Já tenho muitas, mas falo com os meus avos pelo skype.

- E com os teus amigos ainda falas?

- Sim também falo.

- Tens algumas saudades de algo da Ucrânia que estão lá, mas não há cá?

- Claro, tenho muitas saudades, mas não sei explicar bem, são saudades da minha família. Eu tenho aqui a minha mãe, mas não é a mesma coisa.

- Querias voltar a viver lá?

- Para sempre?

- Sim.

- Não.

- E se a tua mãe ia contigo.

- Não sei, já é complicado, não estava lá nem nu 4º ano nem no 5º, e não vou lá estar nem no 6º ano, ia ser muito complicado, por isso não sei.

- Agora já tens tudo aqui.

- Sim.

(O telemóvel está a tocar. Paramos a conversa para atender, foi a avô da Anastasia.)

- Se eu agora perguntava onde é a tua casa? È aqui em Portugal ou lá na Ucrânia?

- È lá na Ucrânia.

- E quando as pessoas perguntam, tu és mais ucraniana ou portuguesa?

- Ucraniana, com certeza, eu não quero mudar a minha nacionalidade, quero ficar para sempre.

- Os teus amigos cá em Portugal são todos Portugueses ou conheces alguém da Ucrânia?

- Maioria deles são portugueses, mas conheço da Ucrânia e da Rússia.

- E gostas mais dos ucranianos e russos ou dos portugueses.

- Os portugueses.

- È mais fácil comunicar com eles?

- Pois.

- Eles são mais simpáticos e mais abertos?

- Sim, mas os ucranianos não são nada.

- E porque é assim?

- Se calhar é por causa da cultura que eles são mais frios e assim.

- Qual é a língua que tu falas com a tua mãe em casa?

- É russo e, as vezes, ucraniano.

- Ucraniano e russo é muito diferente?

- Não, lá na Ucrânia todos falam russo.

- Então se um fala russo e outro ucraniano, os dois percebem um outro?

- Sim.

- Para ti foi difícil aprender português?

- Não, não foi difícil porque eu tinha uma explicadora russa, que ia a casa e explicava, depois eu tinha os meus amigos russos que também ajudavam, eles já estavam cá 5 ou 6 anos, eles explicavam-me tudo. E as professoras também explicavam o que é isso e aquilo.

- Antes de vir para Portugal quem decidiu que tu vais mudar para o outro país? Foi a tua mãe, os teus avós e tu?

- Foi só eu e a minha mãe.

- Então vocês sentaram-se e decidiram que tu vais com ela?

- Sim.

- Então ela perguntou a tua opinião se tu querias ou não?

- Perguntou, pois. Claro que não queria deixar todos lá, mas também queria ir com a minha mãe. E também queria conhecer o outro país.

- Hoje em dia aqui em Portugal há muitas crianças dos países. O que tu achas que podia ser feito para ajudar aquelas crianças para integrar elas e para elas adaptar-se?

- Podia haver um centro de estudo para as crianças estrangeiras, lá podia haver jogos, as crianças podiam conhecer todos, muitas crianças dos outros países, podiam lá brincar e ter campos de férias, mas para estrangeiros e para portugueses, assim eles podiam aprender comunicar com os portugueses e com as crianças dos países diferentes.

- Tu falas mais alguma língua?

- Falo português, ucraniano, russo e um bocadinho inglês que aprendi na escola.

- Na escola tu brincas os jogos que estavas a brincar lá?

- As vezes.

- E as crianças aqui na escola têm a curiosidade de saber como é que lá no teu país?

- As crianças são todas diferentes, os meus amigos são todos diferentes. Alguns queriam saber e têm muita curiosidade, alguns não têm nenhuma, outros querem saber e outros não querem. Outros contam que querem, mas na verdade não querem nada. E é assim, mas eu na mesma explico e nós brincamos.

- E eles querem saber a tua língua, como se diz alguma palavra?

- Sim, querem.

- Alguma vez apresentaste o teu país na escola?

- Não, ainda não.

- Achas que era boa ideia preparar alguma apresentação dos vários países, por exemplo, no dia dos imigrantes na escola e as crianças estrangeiras podiam falar sobre países delas?

- Sim, mas até agora eu era a única na escola do outro país, mas as minhas amigas disseram que neste ano vai haver mais uma menina do outro país. Se calhar as duas nós podíamos preparar alguma coisa.

- Tens facebook?

- Sim.

- Nós estávamos a pensar com as outras crianças criar uma página no facebook para as crianças imigrantes em Portugal onde elas podiam juntar a página e perguntar as perguntas, partilhar as experiências delas. Tipo uma página “Criança para criança”.

O que tu achas?

- Acho muito bem.

(Acabamos a entrevista. Continuamos a preencher as folhas).

Raluca

- Ola. Podes apresentar-te, como tu chamas, de onde és?

- Ola. Chamo-me Raluca, tenho 18 anos, sou da Roménia, e vinha para aqui com 7 anos.

- Porque os teus pais escolheram Portugal, porque não foi qualquer outro país?

- A primeira pessoa que chegou cá foi o meu pai, por causa da situação económica, e veio para cá porque tinha um conhecido que o ajudou e assim ele encontrou o trabalho, e então quando estávamos separados, passavam os anos e eu e a minha mãe começamos a pensar ir atrás do meu pai.

- Qual é que foi a profissão do teu pai lá na Roménia?

- O meu pai era sinaleiro e a minha mãe era contabilista.

- E aqui eles conseguiram encontrar os trabalhos nas áreas deles?

- Não, não, não. O meu pai trabalhou como motorista, mas agora está no desemprego, e minha mãe também, ela trabalha na fábrica. Por isso ela queria voltar, lá tinha o melhor emprego. Não tinha que sujar as mãos, nem era um trabalho duro, era sentar-se no computador.

- Claro. Lembras se os teus pais perguntaram a tua opinião quando eles decidiram imigrar?

- Não. Acho que não.

- E se eles iriam perguntar o que tu terias respondido?

- Dizia que não teria vindo.

- Então, tu disseste que eles escolheram Portugal porque tinha um conhecido que podia ajudar.

- Sim.

- Ainda lembras os teus primeiros sentimentos, reações quando tu vieste para aqui?

- Lá está. Eu não lembro muito bem, só lembro que não sabia o que estava a acontecer, estava a vomitar no autocarro quando estava a viajar. Mas depois quando fui a primeira vez

passar as férias para lá passado 2 anos estar aqui, depois quando foi para ir embora eu chorei por que queria voltar, não queria deixar a minha família, queria ficar junto com os meus pais.

- O que é que foi mais fácil e mais difícil para ti depois ter imigrado?

- Hmm. Mais difícil foi se calhar integrar-me no início, por que as pessoas são diferentes das pessoas que são lá. Mas foi fácil, foi fácil aprender a língua, na escola foi fácil.

- Nunca tinhas dificuldades com a meteria na escola?

- Não.

- Nem no início?

- No início eles mais separaram-me numa sala para aprender a língua, foi tudo devagar. As pessoas na escola ajudaram muito, especialmente uma professora. As crianças também foram muito simpáticas comigo, queriam saber de onde sou, conhecer-me. Na escola conheci a minha melhor amiga. Quando eu vinha para cá eu tinha feito o primeiro ano lá na Roménia e cá eu continuei, e então não tinha que perder um ano na escola.

- Então, aprendeste tudo com muita facilidade. Agora estás a estudar cá na universidade, nunca pensaste estudar na Roménia?

- Não. Mas a minha mãe queria. Porque ela quer voltar muito.

- Como é que tu achas porque a imigração é importante para ti e para a tua família?

- Como é que ela mudou as vossas vidas?

- Para mim não fez um grande efeito por causa de ter que me agrupar com as novas pessoas que eu não conhecia, porque eu tinha pessoas da minha família, e para os meus pais foi importante por causa da situação económica basicamente.

- Tu achas que a imigração para ti foi uma perda ou uma ganha? Mais perdeste ou ganhaste?

- Acho que ganhei mais, aprendi mais uma língua e descobri um novo mundo, conheci pessoas diferentes e eu acho que isso é um ganho, apesar estar longe da minha família. Mas agora também já não sinto quase nada por isso agora está melhor para mim. Para os meus pais, não, isso foi uma perda.

- Achas se eles podiam voltar para atras, eles imigraram outra vez?

- Não. Ficava lá.

- Como podes comparar a Roménia e Portugal?

- Na Roménia as pessoas são egoístas, lá o dinheiro vale tudo. Quem tem dinheiro pode tudo, quem não tem é azar. E na escola é igual, quem tem dinheiro vai para escola, quem não tem não vai. Aqui as pessoas são mais descontraídas.

- Se eu agora perguntava onde é que é a tua casa tu respondias a Roménia ou Portugal?

- Nenhuma delas. Ainda estou a procura.

- Achas que ainda pode ser mais um país?

- Sim. Espero bem que sim.

- Querias voltar um dia para a Roménia?

- Não. Agora já não, agora queria conhecer mais. Queria encontrar um país onde a vida é ainda melhor.

- Não estás imaginar a tua vida aqui?

- Acho que não.

- É por causa da situação económica ou porque não estás feliz aqui?

- Eu queria viver numa cidade mais desenvolvida, conhecer outro tipo de pessoas, não sei, aqui eu já conheço isto, já não tem nada de especial, queria viver numa cidade maior.

- Então se calhar chega ir viver para Lisboa?

- Por exemplo ☺. Já visitei Lisboa e gostei, tem lá parques, dá para ir passear. Eu já pensei sobre Lisboa.

- Achas que as pessoas numa cidade maior são diferentes das pessoas da cidade, por exemplo como Aveiro?

- Acho que sim, mas pode não ser no bom sentido. Porque na cidade maior há mais indústria e as pessoas são mais viradas para elas próprias. Enquanto nas cidades mais pequenas pessoas conhecem e são mais abertas.

- A tua cidade era maior do que Aveiro.

- Era.

- E gostaste mais.

- Do que Aveiro? Sim. Dá para passear, tem os restaurantes, tem muito verde, tem mais vida. Aqui é um bocado parado. Parece que o Forum é o único sítio para diversão, é lá mesmo o centro comercial é maior, é enorme. Por isso eu quero viver numa cidade que dá muitas coisas para fazer.

- E os teus estudos? Gostas?

- Gosto muito. E as pessoas, aqui é diferente do que na escola.

- Ainda lembras o teu primeiro ano na Roménia na escola?

- Sim.

- Achas que educação é melhor aqui ou lá?

- Aqui é mais descontraído mas aprendesse mais, lá é muito mais rígido e tem que decorar tudo e no final não aprendesse muito. Lá é tudo mais difícil, os exames e aulas. Acho, que aqui aprendesse mais porque aqui é tudo mais pratico. E acaba por ser melhor.

- E aqui na universidade é igual como na escola?

- Aqui quem estuda, estuda. Se estudares não é difícil. Mas quem não estuda vai se queixar. Aqui é muito mais fácil do que na Roménia, aqui vou para as aulas duas vezes por semana e eu percebo tudo, lá tinha que estudar muito mais para perceber. Sei que as pessoas ficam a estudar até a meia-noite e assim, não tem tempo nem para divertir.

Eu não saio, mas eu sei que as pessoas têm tempo para sair, não só estudar. Mas quem sai muito, também na universidade faz muito.

- Achas que isso é bem?

- Sair? Acho que deviam moderar mais. Agora parece que a parte da diversão é maior da parte dos estudos, devia ser encontraria. Eu acho que os pais não preocupam muito com a educação dos filhos. Os meus pais sempre querem saber como correram os testes, querem saber as minhas notas, mas aqui maioria os pais nem sabe quais disciplinas os filhos têm. Isso é mais uma diferença entre os portugueses e romenos.

- Muito obrigada pela conversa. E Muito boa sorte para ti.

- Muito obrigada.

O desenho da Marta

A hand-drawn timeline consisting of two parallel wavy vertical lines. The right line has five horizontal tick marks with corresponding text labels to its right. The left line has one horizontal tick mark with a label to its left.

- Top right: vim para Portugal Jan 2001
- Second from top right: acabei primórdia (2005)
- Middle right: conheci a minha melhor amiga
- Fourth from top right: acabei o 9º ano (2010)
- Fifth from top right: acabei o 12º ano (2012)
- Bottom right: universidade
- Left side (middle): preferenciana que me ajudou

Metáfora do Rio da Raluca

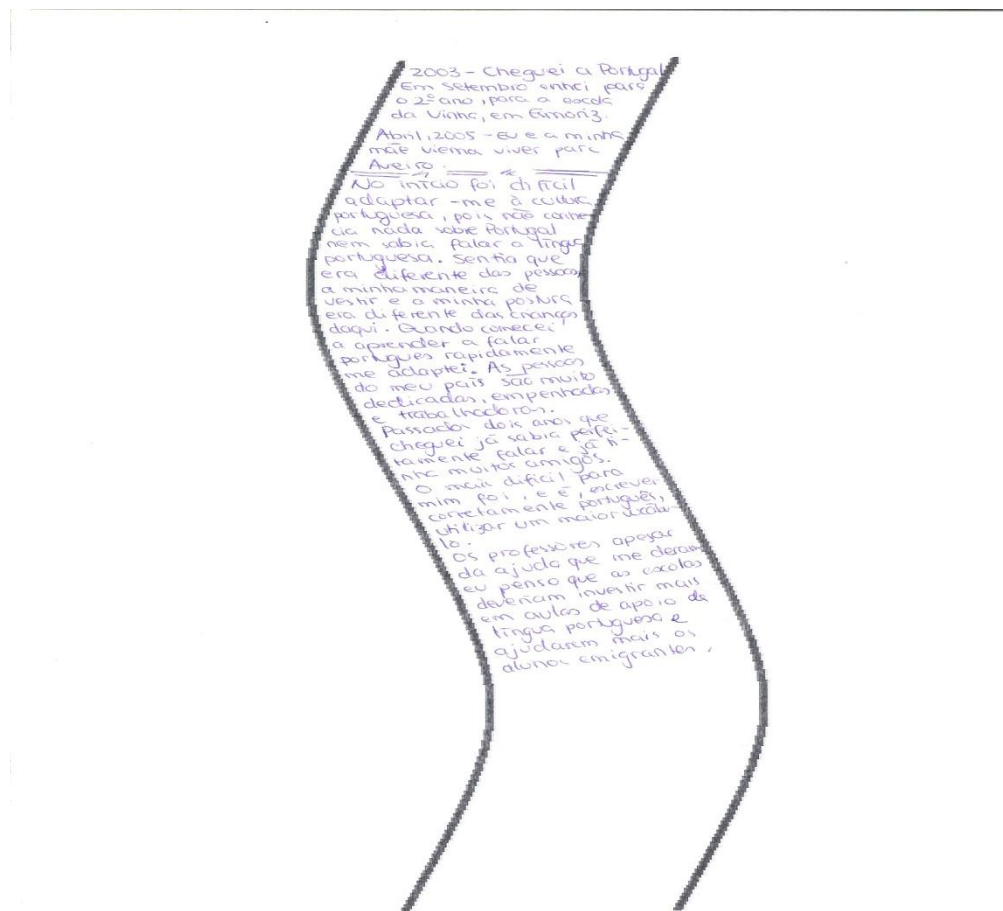
Anna Lyubyva
13 anos

Vim para 2004
portugal
adapte-me
bem no
jardim da
infância
Conheci amigos
que me ajudaram
2007
mudei de escola.
amanjei outros
amigos, com quem
me encontrei
muito fácil.
fui para os
autores e melhores
a terminar.
Frequentemente dança
o que me dá
espetáculos.
Última semana
de aulas do
4º ano.
novos amigos
no 5º
este ano de 13
Vou a Ucrânia

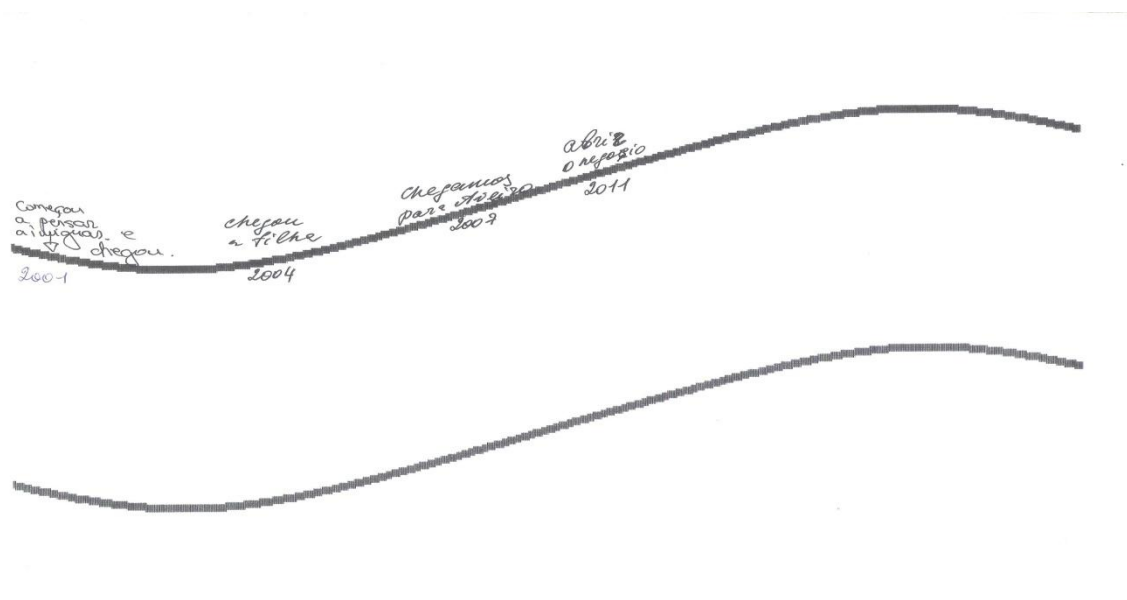
Metáfora do Rio da Anna

Anastasia Lyubova
Eu cheguei para Portugal em 2011 dia 28 de Abril
Conheci a polaca ball e 2 anos atrás e hip-hop também
Vim ao espetáculo dia 28 de junho
No ano passado andei no campo de fadas
Tinha o espetáculo de ball ano de 13
A 2007 mudei a para de 8º ano, Kids digana, a prova ect
Foi a 5ª Maria da para
com a escola dia 9 de abril
Em 2012 foi para o 5º ano
Foi para a escola em 2013 para o 4º ano

Metáfora do Rio da Anastasia



Metáfora do Rio da Viktoria



Metáfora do Rio da Mãe da Anna

2001. Sept 27

Parbas porte i telis
kame restorau

Dranguate ai uer
nokrečiai

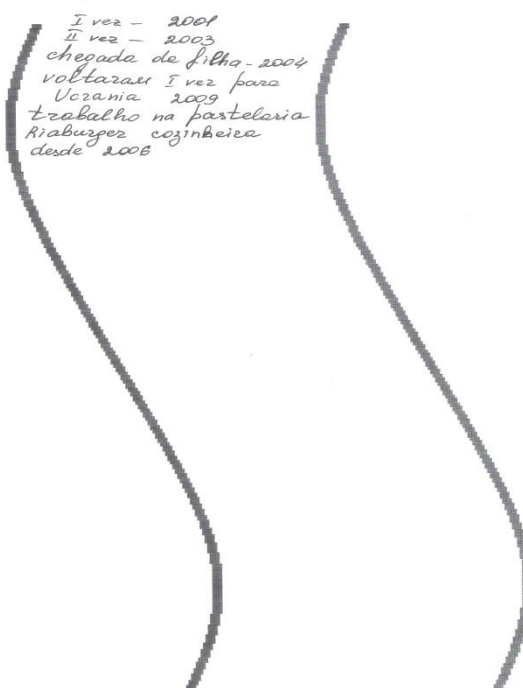
Pasinti ai ueruo
vyrui kinkado. Jui
pasiuom treie.

2003. Kame daktarai
Mastartei gimichas

urui labai geras
uovius. Marta Jone
ei Alfredo.

Dar turui pastoviu
neblogus oarbes

Metáfora do Rio da Mãe da Marta



Metáfora do Rio da Mãe da Viktoria

ANEXO 5.

NOTAS DE CAMPO – 1

30 de Outubro de 2012

Hoje foi iniciado o primeiro contacto com a direção do Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAII) de Aveiro. Isso foi feito através de correio electrónico. Pedi fazer um encontro para receber a informação e indicação onde e como eu posso encontrar crianças imigrantes dos países de Leste que residem em Aveiro.

02 de Novembro de 2012

Hoje recebi a resposta da direção do Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes de Aveiro com indicação da pessoa responsável que podia dar a informação necessária para a iniciação do meu projeto. A pessoa responsável era a Isabel Vasconcelos, doutora, técnica do CLAII de Aveiro, Centro Local de Apoio à integração de Imigrantes de Aveiro. Logo depois fui encontrar com a senhora.

O encontro foi realizado no gabinete dela. A senhora recebeu-me muito bem. Expliquei as minhas ideias do projeto, ela ficou muito interessada. Recebi a informação que as pessoas do CLAII de Aveiro não trabalham com as crianças, por isso era melhor contactar a Associação os Parceiros da Amizade que é localizada no Bairro de Santiago. A senhora

deu-me o contacto da Associação e a indicação onde eu podia encontrar a. Também ela assegurou que me ia contactar a Associação.

NOTAS DE CAMPO - 2

12 de Novembro de 2012

Fui à Associação os Parceiros da Amizade. Encontrei a Associação no Mercado de Santiago, no primeiro andar, na Loja E. A Associação foi muito pequena, foi um quarto com duas mesas, tinha dois computadores e duas pessoas a trabalhar. A diretora da Associação e outro senhor responsável. Eu queria falar com a diretora, que é uma senhora da Rússia, mas hoje ela não estava aqui. Falei com o senhor que é da Angola e também é responsável pela Associação. Ele contou como é que foi criada a Associação, o que eles fazem, mostrou as fotografias. Logo contactamos a diretora. Combinei um encontro com ela.

26 de Novembro de 2012

Hoje fui encontrar com a diretora da Associação os Parceiros da Amizade. Encontramos no gabinete da Associação. Apresentei o meu projeto e expliquei como é que ela podia ajudar-me. Falamos sobre a história da imigração para Portugal dela e minha, sobre as dificuldades que ela enfrentou, sobre a situação dos imigrantes em Portugal e em Aveiro. O encontro durou 3 horas e acabou-se com o almoço num café perto da Associação. Combinamos o próximo encontro e discutimos os passos seguintes da realização do meu projeto.

03 de Dezembro de 2012

Neste dia encontrei com a diretora da Associação mais uma vez. Neste encontro procuramos os contactos das famílias imigrantes dos países de Leste residentes em Aveiro, quais podiam ser as participantes no projeto. Foram encontradas e contactadas através da Associação 10 famílias. Após do primeiro contacto telefónico ficaram interessadas 8 famílias e aceitaram ser contactadas pessoalmente por mim.

No dia seguinte contactei as famílias de novo. Dei uma explicação mais detalhada o que eu gostaria de fazer no projeto. Informei que eu queria entrevistar as crianças e os pais delas. Mais 4 famílias desistiram. Nesta altura, o meu objetivo era formar o meu grupo antes de Natal. Então, depois dos contactos telefónicos quais foram respondidos só pelas mães das crianças imigrantes, fiquei com 6 famílias que gostariam de participar. As famílias apresentaram a disponibilidade de participar no projeto só depois das festas.

NOTAS DE CAMPO -3

07 de Janeiro de 2013

Hoje fui encontrar com a mãe da Anna. A mãe da Anna, que se chama Vita e é da Ucrânia, é costureira e trabalha todos os dias, por isso o encontro com ela foi no lugar de trabalho dela. Fui encontrar com ela e combinar o dia da entrevista. O nosso encontro não demorou muito, a senhora estava muito ocupada. Este encontro foi o primeiro encontro cara a cara, por isso expliquei tudo mais uma vez o que vamos fazer, e recebi a confirmação não escrita sobre a participação da mãe e da filha. Combinamos a entrevista com a senhora Vita para o dia 28 de Janeiro.

No mesmo dia fui encontrar com a mãe da Viktoria. A mãe chama-se Jenny e é da Ucrânia. Ela trabalha no café que se chame Ria Burger e que fica no centro de Aveiro. Por causa dos horários muito ocupados, o primeiro encontro com a senhora também foi realizado no lugar de trabalho dela. Entrei no café, não havia muita gente. Falei com o chefe da senhora e pedi a conversar com ela. O chefe dela convidou a senhora Jenny que estava a trabalhar dentro da cozinha. A conversa tinha que ser muito rápida, por que foi durante as horas de trabalho dela e o chefe da senhora não estava satisfeito com a minha presença. Combinamos a próxima entrevista para dia 1 de Fevereiro.

18 de Janeiro de 2013

Hoje encontrei com a Raluca, a rapariga da Roménia. Encontramos na universidade de Aveiro, no café perto da cantina, porque ela é estudante aqui. Apresentei a minha ideia do projeto e recebi a confirmação dela da participação no projeto. Ela tem 18 anos, por isso os pais dela não foram entrevistados. Conversamos sobre a vida dela como criança imigrante em Portugal e marcamos uma entrevista para o dia 9 de Fevereiro.

19 de Janeiro de 2013

O primeiro encontro com a mãe da Marta. A senhora é da Lituânia e chama-se Nida. A conversa durante o encontro foi em lituano, então, o contacto e a relação com esta mãe foi muito mais próxima e aberta. Não havia o problema de falta de língua. Começamos o encontro com uma melhor explicação sobre o projeto e acabamos com histórias e memórias da Lituânia e experiencias do processo da imigração. Foi combinada a entrevista para o dia 26 de Janeiro.

26 de Janeiro de 2013

Hoje fiz a entrevista com a Nida da Lituânia. Encontramo-nos no Forum no centro comercial de Aveiro. Encontramo-nos às 11:00 de manha. Havia uma confusão, estavam muitas pessoas a andar a volta de nós, mas encontramos um cantinho mais calmo e começámos a entrevista. A Nida chegou com a filha dela (a Marta).

Este encontro já é mais estruturado e mais oficial, eu tenho as minhas perguntas a perguntar, pedi a permissão de ligar o gravador. Começámos a conversa, o gravador não estava a incomodar. Logo desde do início a Nida contou a história da imigração dela muito detalhada. Enquanto nós estivemos a conversar, pedi a Marta a desenhar a família dela. A nossa conversa durou mais ou menos uma hora. Falámos em lituano, isso facilitou imenso a entrevista, podia perceber melhor todas as emoções transferidas. A conversa foi emocional, tocamos os assuntos muito tristes e chocantes que aconteceram durante o período da imigração para a Nida. Apesar do barulho a volta de nós, ficamos concentradas em nossa conversa.

28 de Janeiro de 2013

O dia da entrevista com a Vita. Encontramos no lugar de trabalho dela. A entrevista foi feita durante o trabalho dela. Ela estava a trabalhar e ao mesmo tempo conversar comigo. A entrevista estava a correr muito bem até o momento quando eu pedi a preencher a folha com a metáfora do rio. No início, a senhora não queria marcar, disse que não sabia como. Expliquei a ela e marquei o primeiro evento. Depois continuou ela. Ela não sabia como se escrevem algumas palavras, se calhar isso foi por que ela não queria apontar própria. A entrevista demorou mais ou menos meia hora, a senhora estava muito aberta e contou as experiências dela.

01 de Fevereiro de 2013

Hoje é o dia da entrevista com a Jenny, a mãe da Viktoria. Ela convidou-me à casa dela. Fomos lá depois do trabalho dela. Mais uma vez expliquei para que eu faço estas entrevistas e pedi a gravar a nossa conversa. No início não queria, não percebia para que, mas depois não se importou.

Logo desde do início da conversa sentiu-se que nós duas não sentíamos muito confortável. Quando eu estava a perguntar as minhas perguntas, as respostas da senhora não foram muito completas, parecia que ela tem medo de responder errado. As outras pessoas que foram entrevistadas falaram mais, foram mais relaxadas. Eu acho que isso foi por causa do gravador, porque quando acabei as minhas perguntas, ela logo ofereceu um café e doces

ucranianos, contou mais sobre a vida em Portugal e o trabalho dela. Contou que a vida para ela não é muito fácil, a casa onde ela mora é muito pequena, mas ela faz tudo o que ela pode só por causa da filha Viktoria, porque ela é mais importante na vida dela.

09 de Fevereiro de 2013

Hoje encontrei com a Raluca para a nossa entrevista. Encontrámo-nos no café da universidade onde ela estuda, depois das aulas dela. A atmosfera da nossa conversa foi muito boa, a Raluca foi muito simpática e aberta, por isso foi muito fácil conversar com ela. Falamos sobre as experiencias dela quando ela chegou para cá, discutimos a situação dos pais dela. Como ela já está cá há muito tempo, neste momento parecia que a imigração para ela não foi tão difícil. O gravador desligou-se no meio da entrevista, isso causou alguns problemas, começámos a conversa desde do início, mas já não era tão real e honesta, as respostas não foram tão completas, mas mesmo assim foi muito interessante ouvir a história dela.

14 de Fevereiro de 2013

Encontrei com a mãe da Anastasia, a Ilona. Encontrámos na pastelaria “Fanepão”, às 8:30 de manhã antes do trabalho dela. Contei o que estou a fazer no meu projeto e pedi para fazer a entrevista. Ela respondeu que afinal não vai poder fazer a entrevista comigo por razões pessoais, mas a filha dela vai participar no meu projeto e vai conversar comigo. Falámos sobre as experiencias dela, mas a conversa foi muito artificial. Fiquei com a contacto da filha dela para poder combinar um encontro com ela.

04 de Março de 2013

Hoje encontrei com a diretora da Associação os Parceiros da Amizade, mas esta vez para uma entrevista. Esta vez não como uma diretora da Associação, mas como a mãe imigrante. A conversa começou com muita facilidade, mas a senhora informou que não vai responder algumas perguntas se elas vão se pessoais de mais. Também não preencheu a metáfora do rio, explicou que não gosta destas coisas. Apesar disso, todas as perguntas foram respondidas. E entrevista correu muito bem. Pedi a confirmar a participação da filha dela, mas recebi a resposta negativa, a menina não mostrou o interesse a participar no projeto.

27 de Abril de 2013

Encontrei com a Anna para a entrevista. Encontrámos no trabalho da mãe dela. Cheguei um bocado antes dela, fiquei a conversar com a mãe dela (a Vita).

A Anna chegou um pouco atrasada, decidimos ir no café ao lado. A mãe estava muito nervosa que a Anna não vai lembrar nada. Liguei o gravador quando entramos no café. Começámos a conversar. Foi muito fácil, ela contou-me tudo muito aberto e detalhado. A Anna imigrou quando tinha poucos anos, mas lembrou de tudo. A entrevista durou meia hora, mas depois da entrevista ainda fomos passear e discutimos várias propostas como é que nós podemos melhorar a integração das crianças imigrantes. Durante esta conversa nasceu a ideia de criar um meio online onde crianças imigrantes podiam ajudar às outras crianças imigrantes.

06 de Maio de 2013

Encontrei com a Viktoria, fizemos a entrevista. Encontramos na casa dela. A entrevista correu muito bem. A Viktoria e eu, estávamos muito relaxadas, não notámos que a conversa estava a ser gravada. Conversamos sobre as primeiras experiências cá em Portugal, discutimos o que podia ser feito para melhoria da integração das crianças imigrantes. Apresentei a ideia que foi discutida com a Anna sobre o espaço online para as crianças imigrantes.

27 de Maio de 2013

Hoje encontrei com a Raluca para uma conversa muito rápida. Apresentei a ideia do espaço online e pedi a contar as propostas dela sobre a integração das crianças imigrantes. Ficamos na conversa só 20 minutos. Ela concordou que a ideia do apoio online é boa, porque outras ideias são quase impossíveis para ser realizadas por causa dos custos necessários para isso.

25 de Julho de 2013

Este dia foi o dia da entrevista com a Anastasia. Ela mora em Esgueira, e ela está de férias de verão, vou encontrar com ela na casa dela. Ela encontrou-me a pé do centro comercial de Esgueira. Quando vi ela, logo percebi que estou a espera dela. Vi uma menina pequena, loura, que estava a andar com muita presa. Ela chegou a pé de mim, perguntou se eu sou Agne. Sem falar muito fomos para a casa dela. Tentei a começar a conversa, criar um contacto e ganhar alguma confiança dela. Entramos na casa dela e fomos sentar na cozinha. Expliquei o que já está feito no projeto e o que ainda falta, porque é importante conversar com ela. Começámos a entrevista, ela foi muito aberta, respondeu-me tudo e mostrou uma grande confiança na sua própria opinião.

13 de Agosto de 2013

Hoje encontrei com a Marta. Ela chegou com a mãe dela, outra vez encontramos-nos no Forum. Começámos a falar, mostrei o desenho que ela desenhou durante o encontro com a mãe dela. Pedi a comentar o que é que ela desenhou. Depois, pedi a responder algumas perguntas. Foi muito difícil conversar com ela. Não sei se isso foi porque a mãe dela estava perto e tentava a ajudar, ou porque ela tinha muita vergonha. Senti, que para mim a entrevista estava muito forçada, mas mesmo assim consegui receber alguma informação que achei importante para o projeto.

NOTAS DE CAMPO - 4

04 de Dezembro de 2013

Hoje foi feito o encontro com os meninos da Escola do João Afonso de Aveiro. A Victoria, a Alice e o Joaquim são meninos que participaram na criação do Portal das Crianças. Encontrei com eles para perceber melhor como é que foi criando o Portal, para que isso serve, e discutir com eles a possibilidade de criação um apoio Online dentro desse Portal para as crianças imigrantes. Os meninos ficaram muito interessados e aceitaram a ideia. Decidimos que vamos melhorar o Portal e criar o espaço Online para as crianças imigrantes com o objetivo de melhorar a integração delas.

ANEXO 6.

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO COM AS CRIANÇAS DO PORTAS DAS CRIANÇAS.

- Boa tarde, eu chamo-me Agne, eu sou da Universidade de Aveiro, sou da Lituânia. Neste momento estou a acabar a minha tese sobre as crianças imigrantes aqui em Aveiro. Na minha tese nós falamos o que nós podemos fazer para melhorar a integração daquelas crianças. Eu entrevistei as mães e as crianças imigrantes. Nós discutimos o que podia ser feito aqui em Aveiro e elas deram algumas propostas para a melhoria da integração. Disseram que podia ser criado um centro para as crianças imigrantes e não só imigrantes, para promover um contacto intercultural entre as pessoas, aprender as coisinhas portuguesas e também dos outros países. Mas para isso, claro, não há dinheiro. Então, algumas destas propostas não foram muito reais, porque para realização disso onde nós podemos arranjar o dinheiro. Então, depois pensámos que, se calhar, podemos criar uma coisa online, tipo um apoio para a

criança da criança, podemos criar um meio onde as crianças podiam encontrar-se online e fazer várias perguntas sobre a língua, sobre o país, e assim. Depois as crianças portuguesas e não portuguesas que estão cá já há muitos anos podiam responder essas perguntas. No início nós pensámos que se calhar nós podemos criar um grupo no Facebook, mas depois eu falei com a minha professora e ela começou a falar sobre o vosso Portal. Ela disse que vocês criaram um Portal.

- Sim criamos.

- Mas o Portal está ativo? Porque no ano passado eu participei num seminário, onde vocês apresentaram o vosso Portal, e nós depois tentámos a ligar e não conseguimos.

- Hmm. Podia em remodelações, às vezes quando entram muitas pessoas, ou quando os dados estão renovados.

- Então, o que eu queria agora. Eu queria que vocês falassem sobre o vosso portal, podem explicar como o portal foi criado, quem tinha essa ideia, para que isso serve? E também queria saber se fosse possível integrar a minha ideia daquele espaço para as crianças imigrantes?

- Sim, nós costumamos fazer os questionários sobre as nacionalidades e direitos das crianças, só que o portal ainda precisa de muitas coisas. (Victoria)

- Porque desde que a professora bibliotecária saiu daqui, o portal ficou parado. (Joaquim)

- Só juntamos os desenhos dos meninos que eles fizeram e alguns questionários sobre a rua. Mas acho que sim, podíamos fazer mais questionários. (Alice).

- E então, como é que nasceu esta ideia do Portal das Crianças?

- A professora começou a falar connosco. Depois criamos e entramos. (Joaquim)

- Antes disso nós fizemos a parte do grupo da biblioteca. E uma vez eu estava com a professora, ela tinha alguns papéis e por cima deles ela tinha a tese dela sobre os direitos da criança. Então decidimos em conjunto fazer o portal sobre os direitos da criança. (Victoria)

- Quantas crianças participam lá no portal? É um número limitado, ou podem participar todos quem quiser?

- Não, quem quer participa, quem não quer não participa. (Alice)

- Então, se eu quero juntar o portal, eu posso fazer isso?

- Sim, mas depois tem que esclarecer se é adulto ou criança. (Alice).

- Sim, pode inscrever-se. (Joaquim)

- Então, é essa parte da inscrição?

- Sim. (Joaquim).

- È aqui? E vocês têm um chat online, sim?

- Sim.

- Quem arranhou aquela página?

- Foi mais uma professora de TIC. Ela fez toda a manutenção da página, a parte da inscrição, chat e outras coisitas. (Victoria)

- Então, neste momento o funcionamento do portal é um bocado parado, certo?

- Sim. Nós precisamos de blog e outras coisas. (Alice).

- Qual foi o objetivo inicial deste portal? Para que isso serve?

- Era para conhecer os direitos da criança, mas conhecer não por parte dos adultos, mas por parte das crianças. Porque os direitos das crianças muitas vezes são apresentados por parte dos adultos. Assim é muito mais fácil, quando é dito por criança. As crianças podem dizer melhor para as outras crianças do que os adultos. (Victoria).

- Eu também pensei nisso, porque quando a criança chega para um novo país não fala a língua, se calhar não tem amigos, então, claro que não vai procurar de apoio, ou pedir da ajuda numa associação dos adultos. Porque aqui em Aveiro há várias associações que trabalham com os imigrantes, mas trabalham mais com os adultos, tratam as questões como integração no mercado de trabalho, ajudam aprender a língua... mas não há muitas atividades para as crianças, por isso nós começámos a pensar sobre aquela coisa online. Só que se calhar não é boa ideia criar isso no Facebook.

- Sim, porque nem todas as crianças têm isso. (Joaquim).

- Sim. Por isso pensei, se calhar é melhor fazer isso no vosso portal, assim vocês podiam partilhar isso na vossa escola, depois as crianças que participaram no projeto podiam juntar o portal e assim partilhar nas escolas delas, porque todas as crianças são das escolas diferentes. Se calhar podemos dar a informação nos apoios para estas crianças dentro das escolas delas. Podemos informar que existe um portal assim, que eles só têm que fazer a inscrição. Depois, imagina, a criança está a fazer os trabalhos de casa e não sabe como se escreve a palavra ou qualquer outra coisa, pode ir no chat e perguntar lá. Talvez isso pode servir para as outras coisas também, se calhar, a criança chegou agora para o novo país, não conhece ninguém e não tem amigos. Está muito sozinha, se calhar, no portal pode conhecer alguém.

- Para dar um apoio.(Victoria).

- Sim. Um apoio psicológico. Porque muitas vezes pesamos que aprender a língua é muito importante, mas há outras coisas importantes. Há aquelas coisas das diferenças culturais.

- Sim. Como pessoas pensam, reagem, organizam as coisas. (Victoria).

- È, a maneira de pensar, de gerir o tempo...tudo é muito diferente. Por isso escolhi o tema sobre as crianças imigrantes. Eu queria ver do lado das crianças, como as crianças são integradas, como elas participam, como elas integram-se na escola.

- Para os mais novos é mais fácil, depois quando a criança cresce e é mais adulto é mais difícil. Os mais velhos notam mais as diferenças. É difícil, mas qualquer criança mais nova não é tão visível como mais adulta. (Victoria)

- Na vossa escola há muitas crianças imigrantes?

- Temos duas na nossa turma, e há mais, mas elas nasceram cá e têm os pais imigrantes. (Joaquim).

- As crianças imigrantes às vezes têm problemas, tipo problemas com a meteria. (Alice).

- O vosso trabalho é sobre crianças imigrantes de todos os países ou mais de Leste? (Victoria).

-Eu faço o trabalho sobre as crianças de Leste, mas eu acho que os problemas das crianças imigrantes são mais ou menos iguais.

- Sim, mas se calhar é mais difícil para elas. (Victoria).

- Sim, se calhar as crianças imigrantes do Brasil não têm tantos problemas porque a língua é igual.

- Nós tínhamos um colega do Brasil, mas, primeiro, ele foi para Espanha e só depois para Portugal. Nós percebíamos o que ele estava a dizer, nós respondíamos, ele sabia como perguntar. Ele conseguia integrar-se, mas ele tinha dificuldades com a meteria e depois foi para sexto ano. (Joaquim).

- Pois, isso também é um grande problema, porque os programas educacionais são diferentes nos todos os países. E há pessoas que chegam para cá, e para elas é fácil, porque no país delas os programas são mais rígidas.

- Sim. (Victoria).

- É como na Lituânia, tem que ser isso, isso, isso e assim, assim e assim. Para também foi mesma coisa, eu cheguei para cá, não sabia falar a língua, mas na universidade foi muito fácil. É outra maneira de ensinar as coisas e dar a matéria.

- E os programas de ensino também são diferentes. A minha mãe contou-me que no meu país há um programa na universidade já há muitos anos e em Portugal eles começaram a usar só alguns anos atras. É diferente e muito simples.

- As crianças que eu entrevistei disseram que é difícil no início por causa de não saber a língua ou não conhecer o país, mas o que é sobre a matéria, não é tão complicado. A pessoa que estuda, apanha rápido as coisas, isso não é tão rígido. E eles estavam a dizer que aqui parece mais fácil, mas afinal aprende-se mais. Então, isso é uma vantagem. Eu lembro-me que no meu país nós tínhamos que decorar muitas coisas. Aqui eles conseguem motivar os alunos, eles têm mais curiosidade.

Então, eu vou fazer a inscrição no vosso portal. No dia 16 eu vou defender a minha tese, e depois de entregar tudo nós podemos criar aquele espaço para as crianças imigrantes no portal. Eu vou contactar as crianças que eu falei, e elas são dos países diferentes, têm idades diferentes e andam nas escolas diferentes. Assim, se calhar nós podemos juntar mais escolas no portal. Assim vão participar mais crianças que não são só da vossa escola.

- Não é só a nossa escola, nós apresentámos na universidade no Dia da Criança o nosso portal para as outras escolas. As tuas crianças são do distrito de Aveiro? (Victoria).

- Sim. São do distrito de Aveiro. Outra coisa, agora estou a participar num curso de português na escola José Estevão...

- Mas você fala bem português. (Todos).

- Eu ainda não sei bem conjugar os verbos.

- Sim os verbos são muitos, e é difícil de aprender. (Alice).

- Eu lembro-me que quando chegámos para a nossa casa, na cozinha todos os móveis estavam marcados com as frases e verbos, a minha mãe tinha que aprender. (Victoria).

- Há quantos anos que estás cá?

- Há 11. (Victoria).

- Mas tu não nasceste cá? Nasceste na Moldávia?

- Nasci na Moldávia. (Victoria).

- E vocês os dois são portugueses?

- Sim, sim. (Joaquim e Alice).

- **Então, eu estava a dizer que eu estou a participar naquele curso de português, e a diretora lá é responsável pelos imigrantes adultos, mas eu acho que também pelos alunos imigrantes na escola. Se nós vamos criar alguma coisa no portal, podemos apresentar a ela. Quero que as crianças das outras escolas também fiquem informadas. Então, acham bem?**

- Sim, mas antes disso nós temos que arranjar o portal, porque está muito desatualizado. (Alice).

- Nós podemos falar com a professora para dar-nos o acesso ao site. Temos que preparar as atividades. (Victoria).

- **Isso não tem que ser já, já, podemos fazer depois de Natal.**

- Quando vai apresentar a tese? (Victoria).

- **A tese? No dia 16 de Dezembro.**

- E nós temos que ir consigo? (Alice).

- **Não.**

- Ela está a perguntar isso, porque no ano passado nós tínhamos que ir apresentar o nosso projeto na apresentação final duma tese do primeiro ciclo.

- **Não, esta vez, vocês não têm que apresentar nada, a minha professora não falou nada. Por agora, eu falei convosco para saber se é possível integrar a ideia do apoio online para as crianças imigrantes no vosso portal. Depois vamos ver se isso vai dar os resultados. Claro, eu ficava muito feliz se isso funcionava. Quero que isso funcionasse.**
(Passou uma criança, que é autista, eles estão a dizer que ele é muito inteligente.)

A minha professora disse que vocês vão ter algum evento, que se calhar eu podia participar.

- No dia 10? (Victoria).

- Não sei, só se a nossa professora ainda não avisou-nos. (Alice).

- **Ela falou sobre o dia 10. Disse que vocês vão apresentar alguma coisa.**

- Não era dia 3? (Victoria).

- **Ela disse dia 10, mas se calhar confundiu. Pronto para já é só. Eu fico com o teu contacto, quando vou ter mais notícias, vou contactar-vos de novo. Por favor, escreve como eu posso encontrar o vosso portal e fazer a inscrição. É só criar a conta, sim?**

- Sim. (Joaquim).

- Como é que se chama aquele portal?

(Foram procurar do nome completo do Portal).

ANEXO 7.

GUIÃO DE ENTREVISTA ÀS MÃES

Caracterização

1. O nome
2. País de origem
3. Número de filhos

A decisão de migrar

4. Há quanto tempo que você mora em Portugal?
5. Quando começou a pensar sobre a imigração para o outro país?
6. Porque escolheu Portugal?

Vida no país de origem e em Portugal

7. Pode contar como que era no início da imigração?
8. Quais foram as dificuldades que enfrentou cá?
9. O que gostou ou não gostou mais em Portugal?
10. O que você fez no seu país? Qual era a sua profissão?
11. O que faz agora? Está a gostar?
12. Pode dizer os acontecimentos mais importantes durante estes anos da imigração?
13. Pode comparar o seu país com Portugal? O que é diferente? O que faz falta?

O significativo/importância da imigração

14. Porque a imigração para Portugal é importante para você?
15. Como ela mudou a sua vida?
16. Como a imigração influencia a vida da sua filha?

O futuro

17. Pensa voltar ao seu país de origem?

ANEXO 8.

GUIÃO DE ENTREVISTA ÀS CRIANÇAS

Caracterização

1. Nome
2. Idade
3. Escola
4. País de origem

Vinda a Portugal

5. Podes contar a tua história? Como é que foi que tu e a tua família foram para Portugal?
6. Quantos anos tu tinhas?
7. Antes de vir para Portugal alguém perguntou se tu querias ir viver para cá?

Adaptação e integração

8. Ainda lembras como tu sentiste quando os teus pais disseram que tu vais viver em Portugal?
9. O que foi mais difícil para ti em Portugal?
10. Lembras-te o teu primeiro dia na escola?
11. Foi difícil adaptar na escola?
12. Quem te ajudou?
13. Foi difícil aprender a língua portuguesa?

Escola portuguesa e alunos imigrantes

14. Achas que a escola portuguesa é bem preparada para receber os alunos dos outros países?
15. Hoje em dia há muitas crianças dos outros países cá em Portugal. O que tu achas que podia ter feito sobre a questão da integração e adaptação delas?

Identidade

16. Se eu perguntava onde é a tua casa: é cá em Portugal, ou lá no teu país?
17. És mais portuguesa, ou ucraniana (*ou outra nacionalidade*)?
18. Os teus amigos são ucranianos ou portugueses?
19. Qual é a língua que tu falas em casa com a tua família?

Relação com país de origem

- 20. Quando é que foi a ultima vez que tu foste ao seu país de origem?
- 21. Tens saudades de alguma coisa de lá?
- 22. Querias voltar a viver para lá?